

Gilson Brun
Gislaine Cristina Vagetti
Valdomiro de Oliveira



VOLEIBOL E EDUCAÇÃO

aprendizagem e desenvolvimento esportivo



Copyright

© 2023 by Editora Clube dos Recreadores
www.clubedosrecreadores.com.br/editora
Rua Osvaldo Hrecek, 92B. Jardim Paris III. CEP: 87083-500.
Maringá, Paraná, Brasil.

Projeto Gráfico (Capa) e Diagramação (Miolo)

Cleber Mena Leão Junior / Editora Clube dos Recreadores

Foto de Capa: Dr. Gilson Brun e suas atletas; Atletas: Amanda; Deborah; Milena; Bruna; Mariana (imagem superior da esquerda para direita); Emanuel Rego Atleta Olímpico (imagem inferior).

Informamos que é de inteira responsabilidade dos autores a emissão de conceitos, bem como, a revisão dos textos.

Este livro está de acordo com as mudanças propostas pelo novo acordo Ortográfico que entrou em vigor em 2009.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Clube dos Recreadores ou dos autores.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/1998 e punido pelo art. 184 do Código Penal.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brun, Gilson

Voleibol e educação : aprendizagem e desenvolvimento esportivo / Gilson Brun, Gislaine Cristina Vagetti, Valdomiro de Oliveira. -- Maringá, PR : Editora Clube dos Recreadores, 2023.

ISBN 978-65-86423-39-6

1. Aprendizagem - Metodologia 2. Educação física 3. Pedagogia 4. Voleibol - Estudo e ensino I. Vagetti, Gislaine Cristina. II. Oliveira, Valdomiro de. III. Título.

23-158491

CDD-796.32507

Índices para catálogo sistemático:

1. Voleibol : Estudo e ensino : Esporte 796.32507

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Maringá, Paraná

2023

Conselho Editorial

Dr. Alexandre Paulo Loro (UFFS)

Dr. Franklin Castillo Retamal (Universidad Católica del Maule – Chile)

Dr. Guilherme da Silva Gasparotto (UFPR)

Dr. João Eloir Carvalho (PUCPR)

Dra. Juliana de Paula Figueiredo (UDESC)

Dr. Marcio Alessandro Cossio Baez (UNIPAMPA)

Me. Carlos Eduardo Sampaio Verdiani (FGP)

Comissão Editorial

Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel (UEM)

Me. Cleber Mena Leão Junior (Clube dos Recreadores)

Me. Tatyanne Roiek Lazier-Leão (Clube dos Recreadores)

**Este livro foi avaliado por pares e
aprovado por pareceristas ad hoc.**



APOIO PARA A REALIZAÇÃO DA OBRA



SOBRE OS AUTORES



GILSON BRUN

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (1989). Mestre em Educação Física pela UFSC (Capes 5). Doutor em Educação UFPR, Linha de pesquisa Aprendizagem, Cognição e Desenvolvimento Humano (Capes 6). Professor Tutor da Faculdade UNINA Curitiba-Pr. Técnico de Voleibol Nível 3 CBV. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Treinamento Desportivo, atuando principalmente nos seguintes temas: educação física -- ensino -- currículos, saúde, qualidade de vida, educação física, treinamento esportivo e fisiologia do exercício. Instrumentador Cirúrgico.



GISLAINE CRISTINA VAGETTI

Doutora em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2012). Mestrado em Ciências da Saúde, pela Universidade Estadual de Maringá - UEM (2006). Especialista na área de Aprendizagem esportiva Professora Associada da Universidade Estadual do Paraná, Curitiba, Campus II, onde ministra as disciplinas: Crescimento e Desenvolvimento Humano; Consciência Corporal; Metodologia da Pesquisa e Escrita de Artigo Científico. Orienta Iniciação Científica na UNESPAR, com apoio do CNPq e Fundação Araucária. Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Educação (PPGE/UFPR/CAPES 7), na linha Cognição Aprendizagem e Desenvolvimento Humano. Ministra a disciplina Tópicos especiais em cognição, aprendizagem e desenvolvimento, Esportes na ótica de Gardner e Bronfrenbrenner. Vice-líder do Centro de Pesquisa em Educação e Pedagogia do Esporte (CEPEPE) da UFPR. Membro do grupo de pesquisa em Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano (UFPR). Possui relações de pesquisas com instituições internacionais como EUA e Portugal. Possui Livros, capítulos de livros e artigos no Brasil e em vários Países. Membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED).



VALDOMIRO DE OLIVEIRA

Doutor e Mestre em Educação Física pela Unicamp – área de concentração Ciências Pedagógicas da Educação Física, na Linha de Pedagogia do Esporte. Professor associado do Departamento de Educação Física da UFPR. Estágio pós-doutoral em Ciências Pedagógicas da Educação Física e do Desporto pelo Instituto de Cultura Física de Moscou (Rússia). Professor de Programas de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação, na linha de Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano. Líder do Centro de Pesquisa em Educação e Pedagogia do Esporte (Cepepe) da UFPR, com relações de pesquisas com instituições internacionais na Rússia, Estados Unidos e Portugal. Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Envelhecimento Humano (PPGE) da UFPR. Integrante do Centro de Estudos em Atividade Física e Saúde da UFPR e do Grupo de Pesquisa em Pedagogia do Esporte, da Unicamp.

DEDICATÓRIA

Às mulheres da minha vida, Ju, Bel e Bea. Sem vocês o dia não é o mesmo e a vida fica sem graça. Obrigado por ser o meu Porto Seguro, e o meu balde de café, que me dão a energia e a referência de ir e voltar.

Prof. Dr. Gilson Brun

Dedico este livro ao meu marido Valdomiro de Oliveira (MIRO) e aos meus filhos, Caio e Giovana pelo amor que temos entre nós.

Profa. Dra. Gislaine Cristina Vagetti

Dedico esse livro aos meus familiares Paulo e Celeste in memoriam, João, Nilza, Nilson e aos seres superiores que nos conduzem nesta vida. A minha esposa Gislaine, autora associada nesse livro, e aos meus filhos Caio e Giovana, pelo “amor que temos entre nós”.

Prof. Dr. Valdomiro de Oliveira

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Vilson Brun (In memoriam), um grande goleiro, e Maria Liane Lopes Brun, uma grande “pequena” jogadora de Voleibol, por serem os culpados de me apresentar à prática esportiva, qualquer que fosse, e fazer com que ela se tornasse parte da minha vida.

Às mulheres do meu coração, Jussara, muito obrigado por ser minha grande companheira; por me aturar em todas as minhas aventuras acadêmicas; por ser a minha força e por me dar força. Lembre-se LSTAMM.

Bel e Bea, vocês são o meu tudo e estão literalmente marcadas em mim, para sempre. Desculpem seu pai pelas ausências. Agradeço todos os dias por vocês serem as minhas filhas.

À minha querida “ermã” Angela, pela sua amizade e preocupação com seu “ermão” mais novo, por todas as ajudas ortográficas, por você ter decorado o Manual de Normatização da UFPR para poder ajudar na correção e formatação dos meus trabalhos. Você é mais do que demais.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação de Educação da UFPR, a Linha de Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano (CADH) e ao Centro de Pesquisa em Educação e Pedagogia do Esporte (CEPEPE).

Agradecimentos especiais: aos meus colegas, Professores Adriano Bento Santos, Afonso Antonio Machado, Carlos Alberto Afonso, Carlos Eduardo Bizzocchi, Fabio Baccin Fiorante, Gustavo de Conti Teixeira Costa, Henrique de Oliveira Castro, João Francisco Magno Ribas, José Cícero Moraes, Juliano de Souza, Lorenzo Laporta, Luís Delmar da Costa Lima, Marcio José Kerkoski, Michel Milistetd, Patrick Costa Ribeiro Silva.

Aos meus amigos e irmãos de quadra, homens vitoriosos e grandes técnicos de voleibol: Duda, Fabiano Magoo, Gersinho Amorim, Guilherme Schmidt, Juba, Leandro Kakaroto, Paulo Coco, Percy, Peu, Ricardinho, Rizola, Rodrigo Rotter Rubinho.

Prof. Dr. Gilson Brun

A todos que contribuíram diretamente e indiretamente para a construção e publicação desta obra.

Prof. Dr. Valdomiro de Oliveira
Prof. Dra. Gislaine Cristina Vagetti

Apresentar a obra “VOLEIBOL E EDUCAÇÃO – aprendizagem e desenvolvimento” escrita pelos amigos Gilson, Gislaine e Valdomiro é, sem dúvida, motivo de orgulho e alegria. Os autores são professores competentes, dedicados e convictos quanto à pluralidade do fenômeno ESPORTE e, sobretudo, quanto às suas possibilidades educacionais.

O livro é destinado a profissionais da Educação Física, alunos de graduação e pós-graduação em Educação Física, pesquisadores, treinadores de voleibol e também treinadores de outras modalidades esportivas, uma vez que a abordagem do tema é fortemente balizada pela Pedagogia do Esporte. Sendo assim, é possível a transferência das reflexões e procedimentos para os processos de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento esportivo em geral, independentemente da modalidade.

Nesse contexto, os autores transcendem as discussões técnicas e táticas do voleibol e defendem o esporte como um fator importante no processo de desenvolvimento humano. Essa abordagem fica evidente na organização do estudo aqui apresentado, onde os leitores terão acesso a reflexões, sugestões, indicativos pedagógicos e opiniões de profissionais que atuam tanto na academia quanto em equipes de voleibol no Brasil e no exterior. Os autores conseguem expressar teoria e prática de forma didática, apresentando seus achados de pesquisa, suas convicções e sugestões ao longo dos sete capítulos.

No primeiro capítulo, os autores explicam as intenções do estudo e os questionamentos relacionados à temática, levando os leitores a reflexões relevantes que, ao longo do texto, são analisadas, comentadas e respondidas.

O segundo capítulo aborda os fundamentos teóricos do esporte e do voleibol, revelando interessantes visões dos treinadores de voleibol e pesquisadores em ciências do esporte, ou seja, a experiência acadêmica une-se à vivência de quadra, promovendo raro equilíbrio.

O terceiro capítulo discute a relação entre esporte e educação, enfatizando a importância do fator educacional presente no esporte, destacando valores, princípios e modos de comportamento.

O quarto capítulo desloca as discussões para a Pedagogia do Esporte, refletindo sobre os métodos tradicionais de ensino e aprendizagem do esporte, avançando em direção às novas tendências nessa área.

No quinto capítulo, são apresentados indicativos didático-pedagógicos que certamente trarão contribuições aos leitores, especialmente quanto à organização e controle da aula/treino na modalidade voleibol.

O sexto capítulo apresenta os caminhos percorridos pelos autores em sua pesquisa, sustentando suas propostas com rigor e critérios científicos.

O capítulo sete consiste em relatos de treinadores e pesquisadores de voleibol. Esse procedimento da pesquisa valorizou demasiadamente as reflexões inclusas nesta obra, enriquecendo-as e fornecendo um importante banco de informações relevantes, construído no exercício da prática profissional.

Como resultado, a obra se torna uma referência para treinadores, professores, alunos e toda a comunidade científica/esportiva.

Com base em tudo o que foi exposto, recomendo, enfaticamente, a leitura deste livro.

Roberto Rodrigues Paes

PREFÁCIO ACADÊMICO

por Wanderley Marchi Junior

Não teríamos muita dificuldade em conjecturar que o Voleibol, hoje, no Brasil, ocupa seguramente uma posição de destaque e notoriedade tanto no gosto da população, quanto no interesse pela sua prática formal e/ou informal. Além disso, podemos agregar a esse contexto a simbologia assumida (ou construída) de uma modalidade vencedora, a qual detém representativas conquistas no cenário competitivo internacional, e um elevado indicador organizacional e gerencial esportivo nacional.

A partir desse resumo introdutório sobre a relevância da modalidade, embora suscite controvérsias, poderíamos afirmar que o Voleibol desempenha o papel de “primeira modalidade esportiva no Brasil”. Mas, e o Futebol? Certamente, o Futebol. Em uma análise mais abrangente, seguramente devemos ampliar nosso escopo para essa modalidade enquanto um fenômeno sociocultural que transcende a prática esportiva. Ela adentra um contexto no qual a maioria das modalidades ainda não chegou e talvez, em uma especulação primária, não cheguem.

Nessa condição de “primeira modalidade nacional”, o Voleibol tem se desenvolvido consideravelmente tanto na ambiência esportiva quanto acadêmica, ou seja, novas perspectivas de iniciação e treinamento têm sido testadas e consolidadas com base em uma lógica de aplicação de conhecimentos e saberes. Clubes, escolas e outras instituições sociais têm se empenhado competentemente no desafiador e eficiente processo de ensino da modalidade.

Já no nível acadêmico, muitos estudos e pesquisas científicas têm sido direcionados para a modalidade, tendo como objeto central, por exemplo, o desempenho esportivo, os aspectos biodinâmicos, fisiológicos e nutricionais, as dimensões históricas e sociológicas, além das possibilidades de leituras sob diferentes perspectivas e metodologias de ensino e treinamento do Voleibol.

PREFÁCIO ACADÊMICO

por Wanderley Marchi Junior

Com a combinação desses cenários, em plena ascensão e consolidação, vale ressaltar, temos um contexto extremamente promissor para a modalidade e, objetivamente, chegamos ao estudo desenvolvido pelo professor Gilson Brun, com a competente orientação do professor Valdomiro de Oliveira no Departamento de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Falar sobre a brilhante trajetória desses dois nomes do esporte nacional nos demandaria algumas páginas adicionais deste prefácio, as quais, obviamente, não temos. Portanto, limitamo-nos a destacar a grande paixão, dedicação, competência e entrega que ambos possuem pelo esporte e que, como fruto dessa “união acadêmica e esportiva”, propiciou uma das mais representativas e relevantes Teses de Doutorado sobre o voleibol brasileiro dos últimos anos – a qual é apresentada neste livro.

A obra do Dr. Brun tem como base a consistência e a pertinência do aparato teórico constituído na Pedagogia do Esporte por autores reconhecidos nacional e internacionalmente. Com base nessa apropriação, construiu uma problematização analítica que engloba os contextos da Educação, da Formação e do Desenvolvimento do Voleibol.

Especificamente, e aliado ao seu arcabouço teórico, o autor conduziu entrevistas com professores universitários das mais representativas instituições de ensino do Brasil e com técnicos de elite do alto rendimento esportivo nacional e internacional que militam com a disciplina acadêmica e no campo competitivo esportivo, respectivamente. Essas entrevistas fornecem um rico material analítico.

A partir dessa abordagem empírica, o resultado é uma belíssima análise e discussão sobre como os profissionais diagnosticam e perspectivam o voleibol brasileiro com relação às categorias geradoras do estudo, a saber, os Princípios Educacionais; os Conceitos da Pedagogia do Esporte; os Métodos de Ensino, Aprendizagem e Treinamento; e finalmente, a Organização do Ensino, Aprendizagem e Treinamento em Longo Prazo.

Para finalizar, gostaria de registrar meu agradecimento pela oportunidade de participar desse processo acadêmico e, principalmente, pela deferência que me foi concedida ao redigir este prefácio. Além disso, convido os leitores, estudiosos, técnicos, atletas, praticantes e amantes do voleibol (ou do esporte de maneira geral) a desfrutarem e aproveitarem ao máximo as inúmeras possibilidades acadêmicas e profissionais que se abrem a partir desta obra.

A todos, desejo uma excelente e profícua leitura.

Wanderley Marchi Júnior
Curitiba/PR, outono de 2023.

PREFÁCIO TÉCNICO ESPORTIVO

por Emanuel Fernando Scheffer Rego



A história do voleibol brasileiro, ao longo das últimas três décadas, consolidou-se como uma modalidade que representa excelência na qualidade técnica, na preparação de novas gerações de atletas e na organização institucional, por meio de pessoas que se dedicaram veementemente a essa evolução.

Os brasileiros se acostumaram a torcer por atletas tanto em nível nacional quanto internacional. Essa história de sucesso é narrada neste livro, que aborda todos os aspectos relevantes do voleibol, desde sua prática educacional até a formação de atletas de alto rendimento, pois é um dos esportes mais coletivos que existem, com exigências técnicas avançadas na preparação de seus praticantes.

Na orientação profissional com vistas a preparação Olímpica durante a minha carreira, deparei-me com uma situação peculiar. Na preparação para os Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, que foi a primeira edição a incluir o vôlei de praia como Modalidade Olímpica, também vivi a minha primeira experiência olímpica. Na época, eu tinha 23 anos e jogava ao lado do atleta Zé Marco, representando o Brasil.

PREFÁCIO TÉCNICO ESPORTIVO

por Emanuel Fernando Scheffer Rego

Durante os dois anos anteriores aos Jogos Olímpicos, a nossa equipe técnica empenhou-se em buscar conhecimento científico e metodologias de treinamento específicas para o vôlei de praia, mas sem sucesso. Até então, não havia estudos ou pesquisas disponíveis sobre como preparar uma equipe de excelência.

Assim, afirmo que tive experiência significativa no voleibol, percorrendo todas as etapas iniciais no Esporte Educacional, no qual me foram transmitidos os valores de moral e ética, valores de participação, socialização, inclusão e autonomia. Em seguida, avancei para a fase de automatização e refinamento de aprendizagem nos clubes de Curitiba, Círculo Militar do Paraná e Clube Curitibano. Por fim, alcancei a excelência representando meu país em competições importantes, compreendendo o considerável investimento pessoal e físico dessa fase esportiva.

Continuo nessa linha de contribuição para a Obra dizendo que durante minha jornada no vôlei, conheci o Gilson Brun, um dos autores deste livro. Eu havia acabado de ingressar no clube Círculo Militar do Paraná, com dúvidas e receios na passagem do desporto escolar para o esporte de rendimento no clube. Minha perspectiva mudou, passando de esporte de participação para esporte de resultado, qualidade técnica e força individual. As orientações e o apoio foram fornecidos nas palavras de Gilson, que sempre comentava durante os treinamentos que o trabalho diário com a equipe me traria segurança diante das minhas dificuldades.

O conteúdo Esporte/Voleibol e Educação nesse livro, com orientações pedagógicas com ênfase nos aspectos técnico/táticas em longo prazo, são embasadas em décadas de experiência de profissionais ligados à área da educação, com foco no desenvolvimento do ser humano, até alcançar o alto rendimento. Isso demonstra os diversos caminhos percorridos por um aluno até se tornar um atleta completo.

É com grande satisfação que escrevo esse prefácio Técnico/Esportivo para o Voleibol/Educação nesse livro, com atenção especial a minha vida esportiva, onde me mostrou com detalhes que, por meio do conhecimento científico, profissionais capacitados e metodologia adequada, é possível formar um atleta/cidadão completo. É possível fortalecer suas potencialidades e preservar sua saúde física e emocional sem ferir sua individualidade.

PREFÁCIO TÉCNICO ESPORTIVO

por Emanuel Fernando Scheffer Rego

Em relação a experiência dos autores Prof. Dr. Valdomiro de Oliveira e Dra. Gislaine Cristina Vagetti, na área do ensino/treinamento do esporte e especificamente Dr. Gilson Brun do Voleibol o qual tenho total conhecimento do seu labor profissional, posso dizer que os leitores não irão abandonar a leitura antes do final da Obra.

Dessa forma, esse valioso livro, serve como orientação para profissionais de Educação Física e para técnicos esportivos, permitindo-lhes trabalhar com o voleibol e educar por meio dos valores humanos específicos, juntamente com o conhecimento técnico/tático.

Boa leitura!!!!

ATLETA OLÍMPICO - EMANUEL FERNANDO SCHEFFER REGO

Jogou 5 Jogos Olímpicos. *Atleta da Última Década do Século* em votação realizada pela Federação Internacional de Voleibol. Maior vencedor do Circuito Mundial com 10 títulos. Maior vencedor de etapas do Circuito Mundial, com 77 medalhas de ouro - 37 de prata e 41 de bronze. Atleta com mais títulos na história do voleibol de praia, 155, superando o americano Karch Kiraly. Em 2016, foi introduzido no Hall da Fama do Voleibol por sua "carreira lendária".

SUMÁRIO

AUTORES.....	05
DEDICATÓRIA.....	06
AGRADECIMENTOS.....	07
APRESENTAÇÃO.....	08
PREFÁCIO ACADÊMICO.....	10
PREFÁCIO TÉCNICO ESPORTIVO.....	12
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO II - FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO ESPORTE E VOLEIBOL.....	23
CAPÍTULO III - ESPORTE E EDUCAÇÃO.....	36
CAPÍTULO IV - PEDAGOGIA DO ESPORTE.....	42
CAPÍTULO V - ORGANIZAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM-TREINAMENTO DO VOLEIBOL EM LONGO PRAZO.....	48
CAPÍTULO VI - A PESQUISA DE CAMPO.....	62
CAPÍTULO VII - RELATOS DOS TÉCNICOS E PROFESSORES DO VOLEIBOL NACIONAL.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	171
REFERÊNCIAS.....	174
AVALIAÇÃO DOS PARECERISTAS.....	200
ÍNDICE REMISSIVO.....	203

CAPÍTULO 01



INTRODUÇÃO

Toda a arte de ensinar é apenas a arte de acordar a curiosidade natural das mentes jovens, com o propósito de serem satisfeitas mais tarde. (Autor desconhecido)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

A prática regular de atividade físico-esportiva é considerada ideal para a educação de valores e o desenvolvimento de comportamentos sociais (OMEÑACA et al., 2015). Especificamente, um dos valores fundamentais que se desenvolve com a prática esportiva é o espírito esportivo, o que implica valores como: respeitar as regras do jogo, respeitar o adversário, rejeitar a vitória a qualquer custo e mostrar uma atitude digna na vitória e na derrota (RUBIO; HUERTA, 2016).

Infelizmente, essa prática é associada, em inúmeras ocasiões, a valores completamente opostos, principalmente se os responsáveis pela organização da prática esportiva dos jovens se concentram no desenvolvimento de modelos competitivos, que visem exaltar o resultado acima dos valores educacionais, gerando até comportamentos antidesportivos, que desviam o processo de aprendizagem (VICIANA et al., 2016).

Fazendo parte do rol de disciplinas das Ciências do Esporte, a Pedagogia do Esporte (PE) tem apresentado situações em relação às possibilidades metodológicas para o ensino do esporte, ultrapassando métodos que focam apenas no ensino da técnica e possibilitando que o aluno/atleta se destaque na prática esportiva, com o conhecimento da lógica interna do jogo, a resolução de problemas e a tomada de decisão (GALATTI et al., 2014; OLIVEIRA; PAES, 2020).

Segundo Reverdito (2013), a PE deve extrapolar a simples repetição de movimentos e a preocupação de apenas ensinar esporte e, sim, buscar a formação de alunos/atletas conscientes, críticos e reflexivos, assumindo o compromisso de ensinar, com a transformação e com a autonomia, onde o processo deve ser estabelecido em razão do sujeito que joga, valorizando sua cultura corporal e social, procurando entender o processo de vivência, ensino-aprendizagem e formas de treinamento dos professores/técnicos, estudando assuntos como a organização, sistematização, aplicação e avaliação em diferentes práticas pedagógicas esportivas (GALATTI et al., 2014; LEONARDI et al., 2021).

Sendo assim, o esporte deve ter um aspecto educativo, evidenciando o desenvolvimento global do indivíduo, transformando o jogo em agente facilitador desse processo, ocasionando gradativamente uma mudança na filosofia que o envolve. Contudo, observa-se que uma parte dos profissionais de Educação Física é conservadora e resistente em relação a novas possibilidades metodológicas (OLIVEIRA; PAES, 2004, 2020).

De acordo com Paes e Balbino (2009), o profissional de Educação Física não deve reduzir a PE somente a questões metodológicas, pois isso limita as possibilidades do esporte, reduzindo-o a uma prática singular e antiga. Ao contrário, o profissional de Educação Física deve compreender o esporte e a pedagogia de uma forma mais ampla, transformando-os em facilitadores no processo de educação e formação de crianças e jovens. Sousa e Venditti Junior (2009) sustentam que o professor deve ter seus objetivos de forma clara e escolher a metodologia adequada para cada um deles, atendendo sempre aos interesses e necessidades dos alunos.

O problema não está em praticar as modalidades como uma competição esportiva, está nas ações dos treinadores que só pensam nessa forma e que defendem modelos de competição, enfatizando apenas os aspectos físico/técnico/tático, o que reforça o ideário do ganhar a qualquer custo, condicionando o sucesso apenas à obtenção de bons resultados, forçando, muitas vezes, a especialização esportiva precoce, caracterizada como a busca por resultados esportivos e pela plenitude atlética de jovens alunos/atletas ainda em formação, o que pode acarretar problemas físicos, psicológicos e morais (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014; FERREIRA, 2015).

O processo de ensino-aprendizagem de Voleibol ainda está sendo realizado pelos agentes pedagógicos no Brasil, influenciados apenas pela pedagogia do esporte de rendimento e que, utilizam-se de métodos com ênfase na técnica dos fundamentos, bem como nos aspectos físicos e táticos. A utilização dessa abordagem tradicional é observada em estudos sobre a modalidade e uma das justificativas para a utilização desse método é o discurso da complexidade no ensino-aprendizagem do Voleibol, pelo fato de que não é possível a retenção da bola durante a prática do jogo e pela forte cobrança da

qualidade técnica na execução dos fundamentos do esporte (BARROSO; DARIDO, 2010; HIRAMA et al., 2015; IMPOLCETTO; DARIDO, 2016).

As abordagens atuais da Pedagogia do Esporte (PE), quando colocadas lado a lado com a metodologia tradicional de ensino, têm oferecido aos alunos/atletas um melhor desenvolvimento de suas habilidades esportivas e, quando é utilizado o método por jogos e ou atividades modificadas, têm melhorado a tomada de decisão e a solução de problemas que surgem durante a prática, pois, assim, o aluno/atleta poderá contextualizar as ações durante o jogo formal, mostrando mais um ponto positivo para usar esses métodos durante os treinamentos (PRITCHARD et al., 2008; ARAÚJO et al., 2016; PARENTE, 2020).

As variações de gestos, a imprevisibilidade e as diferentes formas utilizadas para superar as ações adversárias são os elementos que tornam o Voleibol um esporte complexo, inteligente, e que exige uma análise dos detalhes que o compõem. Em razão disso, é importante definir no ensino-aprendizagem do Voleibol situações para não desenvolver somente os gestos técnicos da modalidade, mas, também, criar oportunidades de o aluno/atleta compreender o jogo de uma forma geral, mostrando-lhe as regras oficiais e relacionando com o que aparece de forma subliminar, sobre os aspectos das suas atitudes na realidade social em que está inserido (MACHADO, 2006).

É muito importante a sistematização do trabalho, a partir das diferentes áreas da Ciência do Esporte, focadas na orientação e no controle do processo de formação dos alunos/atletas desde a etapa da preparação preliminar, especialização inicial e especialização o aprofunda da, até se chegar ao alto nível, sem pular etapas específicas, pois antigamente, o processo de treinamento era focado em metodologias tecnicistas que tinham como objetivo central o desempenho motor, físico, repetição de gestos mecânicos e a competição em si (RIZOLA NETO, 2003).

Percebe-se que, por intermédio dessa perspectiva tecnicista do treinamento do Voleibol, o entendimento básico do jogo não é estabelecido, pois o ensino dos fundamentos da modalidade é fragmentado, não possibilitando uma

ligação com os seus aspectos táticos, uma vez que o desempenho é valorizado em detrimento da inteligência do aluno/atleta.

Assim, muitos profissionais da Educação Física tornam-se técnicos esportivos preocupados somente com os resultados. Entende-se, dessa forma, que a relação entre a teoria e a prática é fundamental no processo ensino-aprendizagem dos esportes em geral, principalmente dos esportes coletivos. O Voleibol possui sistemas de jogo variados e que necessitam, por muitas vezes, respostas rápidas para a solução de problemas encontrados nas diferentes situações que permeiam o jogo (RIGOTTI, 2018).

Kunz (2004) apresenta que, com essa forma de atuação, existe uma fragmentação entre o corpo e a mente, pois deve-se preocupar em ensinar ao aluno/atleta a compreensão do esporte em seus variados sentidos e significados, para que ele possa atuar com a autonomia e a inteligência que a modalidade exige, desenvolvendo a capacidade objetiva de saber efetivamente praticar esporte e a capacidade da interação social e comunicativa.

Leonardi et al. (2014) apresentam a possibilidade, no processo de ensino-aprendizagem de uma modalidade esportiva, que os professores/técnicos possam pensar na formação completa do aluno/atleta em relação ao movimento, no treinamento dos conteúdos específicos de cada modalidade, e em relação ao pensamento cognitivo e aos sentimentos de interação, cooperação, convivência, autonomia e participação, formando assim um aluno/atleta que tenha postura crítica, reflexiva e autônoma e não somente um repetidor de movimentos.

Neste livro apresentamos a ampliação do conhecimento dos processos da Pedagogia do Esporte, mais as experiências dos professores universitários e técnicos de elite do Voleibol brasileiro, transcendem as pedagogias tradicionais centradas nos aspectos físicos- técnicos e táticos, para os aspectos dos princípios educacionais, elaboração dos métodos de ensino/aprendizagem/treinamento mais atraentes, e p planejamento em longo prazo e nas pedagogias atuais de ensino/aprendizagem/treinamento.

Após a busca e estudos nas bases de dados Web of Science, Scopus, PsycInfo, Eric, Periódicos Capes, verificou-se haver lacunas nas publicações, no que diz respeito à pesquisa qualitativa direcionada a compreender o processo

ensino-aprendizagem do Voleibol em vários países e principalmente no Brasil, nas seguintes temáticas: princípios educacionais, pedagogia do esporte, metodologia do ensino-aprendizagem-treinamento, organização e planejamento do ensino-aprendizagem-treinamento em longo prazo a partir do conhecimento acumulado dos agentes pedagógicos (professores/técnicos de elite brasileiros).

Especificamente nesse livro por mais que tem expertos que atuam há mais de 15 anos com o Voleibol e que, apesar dos resultados expressivos em nível nacional e internacional e na formação de futuros professores/técnicos, não se encontrou na literatura como tais feitos que foram produzidos e não se sabe do porque não foram publicados.

A prática do esporte como um processo de intervenção no ensino-aprendizagem visando o ensino, vivência, aprendizagem, possibilitando ao aluno/atleta o desenvolvimento da análise, interpretação e compreensão dos problemas relativos ao processo educativo, de tal forma que essa prática seja capaz de realizar a formação humana a partir de reflexões que conduzam ao conhecimento, é um dos objetivos da PE, segundo Beneli (2016), e, por essa razão, os professores/técnicos devem preocupar-se cada vez mais com a formação humana de um aluno/atleta, para que possa agir como um cidadão consciente e saiba, de forma inteligente, utilizar os gestos específicos do Voleibol para solucionar as dificuldades encontradas no jogo, e que consiga transferir essa experiência para lidar com situações cotidianas.

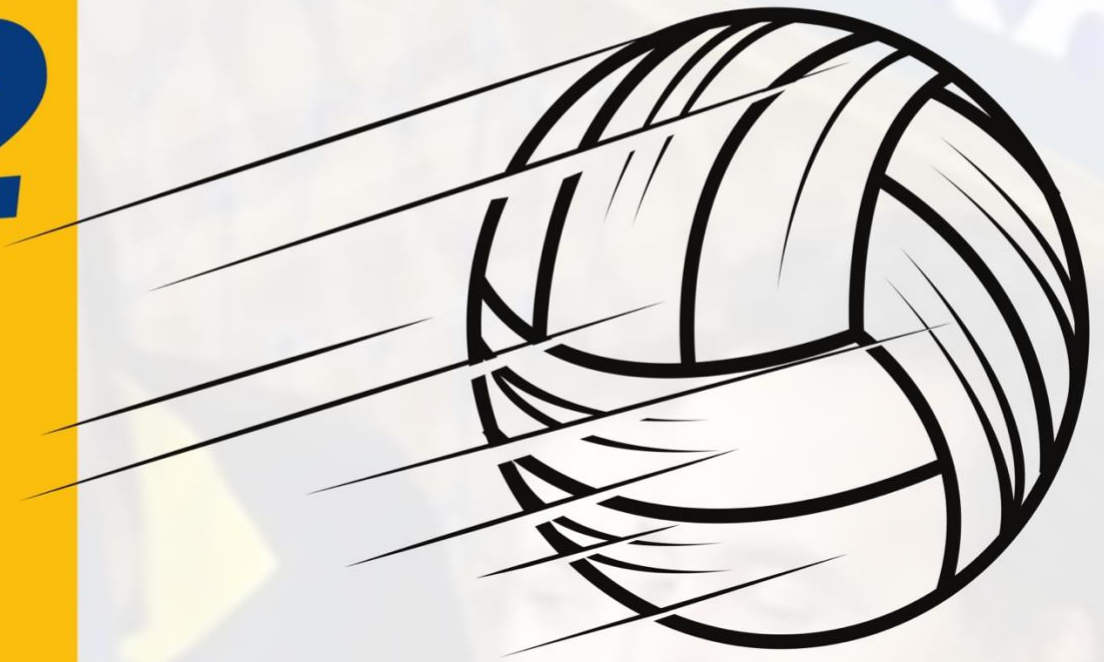
Este livro visa divulgar e contribuir para a ampliação dos conhecimentos de professores/técnicos esportivos do Brasil em relação às formas de desenvolver o seu planejamento de ensino-aprendizagem-treinamento (EAT) a partir das múltiplas possibilidades proporcionadas pela PE, pois, de acordo com Reverdito (2009), devido ao desenvolvimento dos esportes, desde o início do século XXI, encontram-se carências acadêmicas, justificando a necessidade deste estudo sobre o fenômeno.

Visa, também, entender a complexidade do processo formador envolvendo o pensamento pedagógico que transcenda aos conteúdos técnicos, em com as condições físicas estáticas já publicadas para o Voleibol, e, dessa forma, auxiliar na fundamentação didática do processo pedagógico da formação

esportiva - Voleibol, no processo de cientificidade dos métodos de E-A-T, e na formação de novos professores/técnicos.

Mostramos também o conhecimento acumulado de professores universitários e técnicos do Voleibol brasileiro sobre a pedagogia, aprendizagem e desenvolvimento da modalidade. Diagnosticar os princípios educacionais utilizados pelos professores/técnicos em suas práticas pedagógicas. Retratar a percepção dos professores/técnicos de Voleibol sobre a utilização da Pedagogia do Esporte. Identificar a compreensão dos professores/técnicos em relação aos métodos de ensino-aprendizagem durante a prática pedagógica. Verificar como os professores/técnicos projetam a organização educacional do ensino-aprendizagem em longo prazo.

CAPÍTULO
02



**FUNDAMENTOS TEÓRICOS
DO ESPORTE E O VOLEIBOL**

Cada um de nós compõe a sua própria história E cada ser em si carrega o dom de ser capaz De ser feliz. (Renato Teixeira)

O VOLEIBOL

Sendo um esporte de difícil aprendizagem, o Voleibol apresenta, na sua estrutura de jogo, algumas particularidades que o diferencia das outras modalidades esportivas com bola: as equipes são separadas por uma rede; o espaço da quadra é menor, o que exige dos alunos/atletas uma melhor precisão e um alto grau de interação e entrosamento entre eles, como não é permitida a retenção da bola durante as ações do jogo, o Voleibol também requer dos alunos/atletas um raciocínio tático rápido, fazendo com que sua complexidade seja peculiar ao esporte (BOJIKIAN, 2013).

Mesmo apresentando esse alto grau de complexidade, Barroso e Darido (2010) evidenciam ser o Voleibol uma modalidade esportiva que tem uma essência coletiva muito forte, fator que incentiva e estimula as pessoas. É adequada a promoção da sua prática em diferentes etapas da educação, dessa forma o Voleibol é uma atividade que pode promover a integração entre os alunos/atletas.

Um dos motivos que determinam o Voleibol como uma modalidade esportiva de complexo aprendizado é o fato de envolver habilidades “não naturais” ou construídas, pois em outros esportes o correr, saltar e arremessar são as habilidades mais utilizadas, e esse saber é adquirido pelas crianças no seu processo de desenvolvimento. Já no Voleibol, analisando a maneira como a bola é impulsionada, verifica-se que a habilidade predominante é o volear, habilidade pouco estimulada no ensino dos esportes. Além disso, as maneiras como se realiza o voleio na modalidade foram elaboradas para atender necessidades específicas. Quando um objeto ou bola é lançado na altura da cabeça de uma pessoa, é esperado que ela se utilize das pontas dos dedos ou os antebraços para enviá-la a determinado local ou pessoa (BIZZOCCHI, 2016, GINCIENE; IMPOLCETTO, 2019).

Seguindo a regra de que a bola não pode cair no chão, devendo ser rebatida por jogadores alternadamente e que a equipe possui até três toques para enviá-la ao adversário, é um esporte que se caracteriza por ações intermitentes de curta duração e alta intensidade, seguidas de maiores

momentos de recuperação (ANDRADE, et al., 2014; FREITAS et al., 2015; SANCHES-MORENO et al., 2015).

A unidade básica do Voleibol é o rally, caracterizado pela sequência de fundamentos executados durante o tempo que a bola permanece em jogo sem que caia no chão. Considerando que uma bola rebatida gasta pouco tempo entre a fase aérea até cair no chão, os tempos de duração e seus intervalos entre rallies se tornam relevantes na performance do Voleibol (FAGUNDES; RIBAS, 2017).

Na realização de um rally observa-se uma sequência lógica na execução dos fundamentos, identificando dois grupos de ação: Complexo I, complexo ofensivo ou side-out (recepção do saque, levantamento e ataque) e Complexo II, complexo defensivo ou transição (bloqueio, defesa, levantamento e ataque). Esses complexos fazem parte dos objetivos do E-A-T do Voleibol para os professores/técnicos, durante a sua prática pedagógica (DE ANGELIS et al., 2020).

O padrão dos rallies é caracterizado pela frequência e pelos tipos de complexos e suas variáveis de tempos, sendo diferenciados conforme o nível da competição, faixa-etária e sexo dos alunos/atletas. Os mais experientes se diferenciam dos iniciantes pela maior competência cognitiva na tomada de decisão em ações do jogo, devido à maior precisão e velocidade na percepção das ações, maior tempo de treinos e participação em competições (MATIAS; GRECO, 2011; SOUZA et al., 2021).

A partir da lógica interna do Voleibol, foi identificado que quando o ensino é feito por meio das abordagens atuais da PE, confrontadas ao modelo tradicional, proporciona aos alunos/atletas um melhor desenvolvimento das habilidades de jogo. Além disso, também pela utilização de jogos, há uma melhora na tomada de decisão dos alunos/atletas durante a prática do Voleibol (PRITCHARD et al., 2008; ARAÚJO et al., 2016).

Quando praticado com orientação, o Voleibol promove o desenvolvimento da força explosiva, agilidade, flexibilidade e medidas antropométricas (REIS et al., 2019). Por outro lado, esse esporte se destaca como importante ferramenta para a educação, uma vez que, mediante a sua prática, se trabalha

comunicação, socialização e valores que permitem a integração de todos os participantes que, somados, melhoram o bem-estar (DE AGUIAR et al., 2017).

Miron e Costa (2013) indicaram que estimular os alunos/atletas à tomada de decisão e à resolução de problemas por meio de atividades modificadas contribui para o desenvolvimento das habilidades táticas e técnicas, sendo dessa forma que o aluno/atleta irá contextualizar ou só dos fundamentos esportivos durante o jogo formal. Assim sendo, ao ensinar o aluno a jogar Voleibol, na prática também deve-se ensinar os benefícios da modalidade, o motivo pelo qual se pratica tal modalidade e suas relações com a mídia e imprensa, além de propiciar a convivência com os demais colegas (TESTA; MISSAKA, 2016).

O Voleibol pode ser trabalhado com diferentes abordagens e objetivos que envolvem estratégias didáticas e a fisiologia do exercício, aspectos que precisam estar unidos durante as aulas em sala e na quadra (DE AGUIAR et al., 2017; REIS et al., 2019). Essas características exigem do professor/técnico a competência para conduzir os praticantes de forma conjunta, para que consigam compreender que a prática não exige somente a atuação individual de cada jogador, mas a coletiva, de todos que estão em quadra (SOARES JUNIOR, 2020).

Conhecer com detalhes a estrutura do jogo de Voleibol, sua dinâmica, suas exigências físicas e motoras, é o que se espera de um técnico responsável por um programa de treinamento que envolva o mapeamento e o desenvolvimento técnico, tático, físico, comportamental e social por vários anos de vida esportiva dos seus alunos/atletas (RIZOLA NETO, 2003).

Segundo Paes (2006), o processo de educação acontece em diferentes locais, não se restringindo à escola. De acordo com o autor, pode-se identificá-lo em três ambientes de ensino: o formal, que ocorre em instituições com fins especificamente educacionais, ou seja, a escola; o não formal, que acontece em clubes, projetos extracurriculares em escolas, em locais de administração pública, com organização e sistematização do trabalho; e o informal, realizado pelos pais e demais parentes, contatos com amigos, leitura de jornais, programas de televisão.

AMBIENTES DA PRÁTICA EDUCACIONAL DO VOLEIBOL

É na escola, o ambiente de múltiplas aprendizagens, que o professor de Educação Física, a partir da sua didática, deve apresentar as mais variadas modalidades esportivas para contribuir na formação integral dos educandos, na instituição escolar.

No âmbito do entendimento do esporte-educação, que também pode ser chamado de esporte educacional, observa-se uma supervalorização nas práticas educativas para a cidadania, ou seja, uma contribuição integral na formação dos alunos/atletas, uma proximidade dos objetivos educacionais.

Nessa visão, é preciso compreender que não se deve reproduzir o modelo profissional dentro de uma instituição formativa, que é a escola, pois estará sendo excluída a maioria dos alunos/atletas, reproduzindo o passado que parece ser tão presente da EFE, com objetivo de selecionar e treinar os mais aptos para o esporte (MOZARDO JUNIOR, 2020).

Por outro lado, não se pode negar o esporte de alto rendimento, como afirmam Marques, Almeida e Gutierrez (2008), pois seria um equívoco não abordar na escola assuntos como o ambiente de doping, de corrupção, de exploração e de entretenimento, respeito às regras e disciplina, afinal o debate colabora para a formação do cidadão e é importante para seu desenvolvimento durante o processo educacional.

Ambientes não formais da prática educacional do voleibol

A educação não formal ocorre fora do ambiente escolar, mas, mesmo assim, há necessidade de que seja organizada e sistematizada. No esporte contemporâneo, o clube socioesportivo ainda não percebeu que é um espaço fomentador de práticas educacionais, pois, conforme apresentado anteriormente, a educação deve ser disseminada igualmente fora das instituições formais de ensino. Um dos motivos para tal necessidade está na dinamicidade das informações do mundo atual, fazendo com que a escola não seja a única instituição capaz de produzir o conhecimento pedagógico,

auxiliando a criança a tornar-se sujeito ativo e que exerça sua cidadania (SOUSA, 2018).

Assim, diante de um contexto atual marcado por inúmeras transformações, há necessidade, conforme Gohn (2006), de que se promovam espaços educacionais que possibilitem uma educação integral do indivíduo, ofertando uma variedade de conteúdos que extrapolem os conhecimentos fornecidos pelas escolas.

A educação não formal ocorre em ambientes e situações interativos construídos coletivamente, onde há “uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes” (GOHN, 2006, p.29), que oferecem a possibilidade de capacitar os indivíduos para se tornarem cidadãos do mundo, por meio do conhecimento sobre o mundo, dos indivíduos e suas relações sociais.

Seus objetivos se constroem a partir de um processo interativo, que gera o processo educativo. A educação não formal possibilita a transmissão de informação e formação política e sociocultural, preparando os cidadãos e educando o ser humano para “a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc.” (GOHN, 2006, p.30).

Ambientes informais da prática educacional do voleibol

O contexto informal corresponde aos ambientes que proporcionam situações de aprendizagem contínua, ao longo da vida, onde cada indivíduo constrói crenças, conhecimentos, atitudes e discernimentos próprios a partir de experiências do cotidiano. O envolvimento nesses contextos depende, em parte, de um engajamento pessoal de busca por uma melhor qualificação profissional (NELSON; CUSHION e POTRAC, 2006).

Por essa razão, os projetos de Voleibol recreativos voltados à iniciação da modalidade, iniciam suas práticas pedagógicas com várias atividades pertinentes ao momento de informalidade e, sendo essa prática atraente para os jovens alunos/atletas, ajudará no seu desenvolvimento humano (CARON, 2018).

PRINCÍPIOS EDUCACIONAIS DO ESPORTE

As novas tendências pedagógicas buscam ensinar a prática esportiva como um processo de transformação dos saberes e conhecimentos, com possibilidades de uma formação que reflita no cotidiano uma mudança de atitude e comportamento social, o esporte é um fenômeno cultural socialmente construído e, como qualquer outra expressão cultural, permeia os valores, princípios e hábitos que exprimem alguns dos códigos culturais de cada ambiente. A partir da dualidade¹ corpo e alma, os princípios educacionais devem funcionar em conjunto para tentar formar um ser humano saudável e consciente de suas responsabilidades sociais (KOUMANTAREAS; OLIVEIRA, 2021).

De acordo com Rossetto Junior (2015), a aplicação desses princípios minimiza a distância entre teoria e prática, no que se refere a garantir que o esporte, como direito e possibilidade de todos, possa de fato ser concretizado. É por isso que os programas de intervenção baseados na atividade física e no esporte às vezes são orientados para a transmissão de valores (ORTEGA et al., 2015).

Os princípios que constituem a prática pedagógica podem ser observados a partir de uma ótica filosófica do esporte, pois o viés pedagógico do esporte lida com o contexto (pessoas se relacionando em um determinado ambiente), possibilitando experiências significantes para a vida dos alunos/atletas, com a proeminência de situações agradáveis e de êxito. Destacam-se, aqui, atitudes relacionadas a princípios como participação, coeducação, autonomia e convivência.

Assim, assumindo uma responsabilidade de formação, o esporte será pautado em princípios como os da participação, da coeducação, da moral/ética, da socialização, da inclusão e da autonomia, como norteadores no desenvolvimento das condutas morais e sociais dos alunos/atletas (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2008; SEDORKO, 2013).

¹ O dualismo corpo-alma é um conceito segundo o qual o ser humano é um ser duplo, composto de uma parte pensante e uma parte física.

Nessa situação, o professor/técnico, sendo mediador do processo de E-A-T, possui seu próprio conjunto de valores que conduzem sua prática e determinam suas escolhas, em relação aos métodos de trabalho, relacionamento com os alunos/atletas e todas as pessoas que fazem parte do círculo social. Portanto, o professor/técnico deve estar em um processo contínuo de autoavaliação de suas escolhas metodológicas e condutas morais (GALATTI, 2010).

Moral/ética

As práticas esportivas, por serem controladas por meio de regras e normas, facilitam o desenvolvimento da moralidade e são importantes para o desenvolvimento de comportamentos positivos. O jogo limpo e a esportividade, de acordo com Anderson (2019), sintetizam o código ético no esporte e está relacionado com a ética individual e social. Os valores integrados pela ética social fazem referência ao respeito às normas do jogo, adversários e outros elementos do contexto esportivo.

O respeito, então, pode ser desenvolvido como um valor pessoal referente à imagem social de si mesmo ou como um valor social, no qual prevalece o respeito ao próximo (ANDERSON, 2019). Nesse sentido, a prática pedagógica do exercício físico e o esporte tornam-se um contexto adequado e ideal para o desenvolvimento desses valores.

Essa atitude ética induz, segundo Rocha et al. (2020), a comportamentos coerentes com as percepções que o aluno/atleta apresenta sobre as situações em que está envolvido, abrangendo componentes cognitivos, afetivos e comportamentais. No contexto esportivo, fala-se muito sobre o fair play, jogo limpo ou atitudes morais, e o aluno/atleta deverá ter consciência diante de situações que envolvem a moralidade, como o uso do doping, do respeito pelos adversários ou uso da agressividade, por exemplo. Essa resposta pode ser positiva, agindo com fair play, ou negativa, dependendo dos componentes cognitivos e emocionais envolvidos na situação (LUCIDI et al., 2017; ROCHA et al., 2020).

Participação

A utilização de uma metodologia que abranja diferentes modalidades propiciaria buscar o desenvolvimento integral do indivíduo, beneficiando o aprendizado motor da criança de maneira mais ampla; possibilitar um conhecimento corporal diversificado; evitar a persuasão precoce para determinado esporte, delimitando áreas de aprendizado no processo de formação da criança e assim estimulando a participação efetiva nas atividades (FLORES; RIZZO; VALENÇOELA, 2019).

Quando temos como objetivo a prática do esporte educacional, seja na escola, na graduação, na formação de futuros profissionais ou no esporte de competição, o professor/técnico deve intervir na divisão de equipes, utilizando uma metodologia inclusiva, buscando meios de favorecer a participação de todos os alunos/atletas.

O professor/técnico precisa conhecer seus alunos/atletas, ter a sensibilidade de reconhecer os limites, particularidades e potencialidades dos mesmos, pois somente assim será possível compreender possíveis práticas adaptáveis para o aluno (SOUZA; PAIXÃO, 2015).

Nesse sentido, as vivências de crianças e adolescentes no esporte propiciam refletir a respeito do esporte enquanto prática social, como fenômeno capaz de transformar a realidade social das pessoas (RIZZO, 2017).

Consoante Bolonhini e Paes (2009), para que haja uma eficaz construção do conhecimento, é imprescindível que os professores/técnicos possibilitem instantes de debates aos praticantes, onde eles possam refletir criticamente sobre a prática e, dessa forma, elaborar novas estratégias de atuação para os jogos posteriores. Logo, verifica-se que o papel do praticante no processo de ensino-aprendizagem nesse modelo é alterado, deixando de participar meramente como um reproduzidor das atividades propostas pelo professor/técnico, para tornar-se o elemento central do processo, sendo estimulado a adotar uma postura crítica em relação a sua participação e ao desenvolvimento da prática esportiva (BOLONHINI; PAES, 2009; MESQUITA; PEREIRA; GRAÇA, 2009).

Enquanto no desporto de alto rendimento a competição é o balizador para a organização do treino, no desporto de crianças e jovens a competição deve constituir uma extensão e complemento do treino, o qual deverá primar pela educação e formação do indivíduo. Assim, o processo de integração de jovens nas formas de competição adultas deve ser progressivo, de maneira que sejam consideradas, simultaneamente, a capacidade de realização e a predisposição para a participação, numa perspectiva de formação a longo prazo (SOUZA, 2018).

Co-educação

A rivalidade entre os gêneros masculino e feminino é uma construção social reproduzida como uma simples existência natural, até porque a demonstração espontânea de competição e cooperação entre meninos e meninas é distinta, tanto nas fases de aprendizagem, quanto na suposta naturalização da superioridade do gênero masculino em detrimento do feminino (influência da cultura) (SILVA et al., 2019).

Na terminologia pedagógica, coeducar se refere ao ato educativo no qual ambos os sexos aprendem na mesma escola, na mesma classe, nas mesmas horas e utilizando-se os mesmos métodos, as mesmas disciplinas e com os mesmos professores, todos sob uma direção comum (ALMEIDA, 2005, p. 64).

Sanches e Rubio (2011) indicam a integração, por meio do esporte, de situações heterogêneas de sexo, idade, nível socioeconômico, condições físicas etc., dos praticantes da atividade esportiva.

A prática esportiva, nesse princípio, aborda a igualdade entre os sexos, criando um ambiente que promova a reflexão sobre as questões de gênero, minimizando as diferenças e desconstruindo a estereotipia de gênero. Esse modelo objetiva o desenvolvimento integral do(da) discente, a partir de uma formação integrada de ambos os sexos, que valorize as diferenças e habilidades independentemente do sexo (CORSINO; AUAD, 2012).

A Coeducação pode apresentar o esporte enquanto prática de todos, dando visibilidade às conquistas das mulheres nas modalidades esportivas,

rompendo estereótipos de gênero, o que pode despertar o interesse de meninas que desejam praticar esporte, além do respeito por parte dos meninos. A prática esportiva também pode problematizar mudanças na ocupação dos espaços por homens e mulheres, a inserção de mulheres em cargos no treinamento esportivo, na mídia esportiva, na arbitragem, interpretados como masculinos; assim como homens que compartilham tarefas domésticas e cuidados com os filhos no cotidiano familiar (DEVIDE, 2020).

Socialização

O homem é um ser social e necessita estabelecer relações interpessoais, e por meio dessas relações nasce a motivação, que estimula o interesse, aumentando a concentração e a atenção, aumentando o sentimento do aluno/atleta para a prática da atividade esportiva, e isso se dá também por causa da sociabilidade que o esporte tem a oferecer e nisso inclui a roda de amigos e as inúmeras possibilidades de construir novas amizades (SANTOS, 2018).

Alguns estudos indicam que o clima social do esporte e a socialização potencial dos professores/técnicos, pais e modelos podem ter uma influência determinante no bom ou mau comportamento na prática esportiva dos alunos/atletas (VICIANA et al., 2016), assim sendo, os professores/técnicos têm uma grande responsabilidade porque seu trabalho consiste em transmitir uma série de valores aos alunos/atletas que serão utilizados no campo esportivo e extrapolados para outros contextos. Conviver em grupo é vital para a espécie humana e a educação esportiva traz um leque de possibilidades para a realização do contato social e das demais práticas sociais.

É relevante o pensamento de Tubino (2010) de que as atividades físicas são instrumentos sociais e possibilitam a relação e a convivência humana, e que sem isso o ser humano não conseguiria viver, pois ele não é uma ilha isolada.

Também se destacam as propostas baseadas na responsabilidade social, que se caracterizam por englobar princípios morais e éticos de comportamento razoável, adoção consciente de normas, atitudes e valores sociais, aceitação,

expressão da vontade e percepção das consequências da atividade de si mesmo e dos outros (DOMINGUEZ et al., 2020).

Inclusão

O princípio da inclusão está relacionado a criar condições e oportunidades para a participação dos alunos/atletas nas práticas esportivas, aperfeiçoando habilidades e competências que permitam identificar e valorizar as diferenças de raça, cor, religião, gênero, biótipo e níveis de habilidades, entendendo a diversidade como uma oportunidade de aprender com as dissemelhanças, proporcionando uma boa convivência (SILVA et al., 2021).

O esporte é um excelente instrumento de inclusão social ao ser utilizado com essa finalidade, pois consegue atender um número significativo de participantes. Por conseguinte, a prática da atividade esportiva, quando bem aplicada pelos professores/técnicos, pode trazer melhorias para o desenvolvimento geral do aluno/atleta, assim como para os demais ambientes nos quais ele está inserido (SANTOS, 2021).

A inclusão, de acordo com Solera et al. (2021), torna-se um momento de equiparação de oportunidades, interação entre as pessoas e considerações do pertencimento na sociedade, mostrando quão dispostas estão para mudar ou se adaptar a partir das diferenças e necessidades de interação com o ambiente.

Autonomia

Esse princípio tem por objetivo levar os participantes a situações estimulantes de desenvolvimento de independência, autonomia e liberdade; o ensino deve ser problematizador e possibilitar ao aluno saber pensar e saber sentir, além do saber fazer. Os conteúdos estão relacionados aos conhecimentos dos esportes a partir do sentido de se movimentar, da cultura do movimento (MOZARDO, 2020).

Como explicam Silva et al. (2021), a autonomia está relacionada à compreensão e modificação do esporte como meio para uma educação

emancipatória que se baseia no conhecimento, no esclarecimento, e na capacidade dos alunos/atletas analisarem, avaliarem, decidirem, promoverem e organizarem a sua participação e de outros nas diversas práticas esportivas.

A prática pedagógica emancipadora, tendo o aluno/atleta como participante ativo, possibilita que as práticas esportivas sejam um espaço privilegiado para o E-A-T, possibilitando que ele arque progressivamente com o comprometimento pela própria aprendizagem, buscando praticar o esporte com a utilização de princípios que não priorizam a comparação entre os alunos/atletas. Apesar de se preocupar com o ensino do gesto técnico, o professor/técnico também se preocupa em expor os motivos pelos quais cada fundamento técnico é necessário e o momento de sua aplicação, proporcionando a reflexão dos alunos/atletas e a autonomia para saber usar no momento adequado (MESQUITA et al., 2014; COSTA et al., 2019).

CAPÍTULO
03



ESPORTE E EDUCAÇÃO

ASPECTOS PEDAGÓGICOS DO ESPORTE

O esporte, antes mesmo de receber influência da pedagogia, iniciada por Thomas Arnold², já era considerado um elemento educacional. Na Grécia, as atividades físicas e esportivas recebiam atribuições significativas na formação moral e física de seus cidadãos (KORSAKAS; ROSE JUNIOR, 2002).

Depois de sua origem, o esporte moderno desenvolveu-se de acordo com os princípios de concorrência e desempenho, seguindo o desenvolvimento da sociedade capitalista. Com sua difusão pelo mundo, foram criados diversos jogos e modalidades com características diferentes do esporte de rendimento, surgindo um caráter pedagógico, ganhando espaço nos ambientes educacionais como uma forma de educação de jovens, devido à influência socializante e ao desenvolvimento em valores de cooperação, lealdade e autonomia (KORSAKAS, 2009).

Enfatizado como um fenômeno único com características educacionais, o esporte, quando considerado em uma perspectiva educativa, levanta algumas questões: em que direção se deseja educar? E qual seria a pedagogia mais adequada? (BROTTO, 2013).

Na concepção de Reverdito e Scaglia (2009), quando alcança uma dimensão sociocultural, o esporte exige certas reflexões pedagógicas, não sendo admissível que o processo de ensino-aprendizagem ocorra por intuição, principalmente no momento em que se observa a crescente influência que a PE está exercendo no meio esportivo. A linha que estuda os aspectos educacionais, os processos de ensino, aprendizagem e a prática pedagógica relacionada ao esporte é conhecida como PE (DARIDO; RUFINO 2012). Seus objetivos estão concentrados na pessoa e na sua relação com o ambiente esportivo, apresentando alguns princípios norteadores pedagógicos: organizar, planejar, executar e transformar métodos de ensino para que auxiliem no desenvolvimento completo dos alunos/atletas (LIRA et al. 2015).

² Thomas Arnold é considerado o pai da Pedagogia do Esporte e foi ele quem impulsionou o movimento do esporte na Inglaterra, no século XIX.

Uma das funções da PE é possibilitar um momento para a reflexão sobre o esporte enquanto ação educativa, que deve ser uma prática que possua características específicas, tais como compromisso, intencionalidade, direção, organização educacional. Mesmo com todo esse embasamento, ainda existe 2 necessidade de investigar mais a PE, para um melhor domínio do assunto (SANTOS, 2018).

Apesar de ainda existirem profissionais que trabalham com o ensino dos esportes voltados somente para o resultado, a discussão em busca de um processo amplo de ensino, pensado e planejado para a aprendizagem plena dos indivíduos por meio do esporte, tem repercutido (BENTO, 2006), principalmente a partir da promoção dos estudos em PE.

Bem diferente da perspectiva tecnicista, a PE não visa a simples reprodução dos gestos motores, mas o seu estudo, reconhecendo o sentido de uso de acordo com as situações táticas (situações problemas) inerentes ao jogo. Visa reconhecer os parâmetros situacionais e organizar metodologicamente o processo pedagógico (SEABRA, 2016).

Os conhecimentos produzidos acerca do ensino visam sustentar academicamente o desenvolvimento de planejamentos pedagógicos aplicados ao esporte em qualquer contexto. A escolha e aplicação de uma determinada maneira de ensinar constitui em aporte pedagógico para o alcance dos objetivos do professor/técnico, o que influenciará tanto na formação geral do indivíduo quanto no desenvolvimento do seu jogo (GRAÇA; MESQUITA, 2013; ABURACHID et al., 2019). Diante de todo esse conhecimento adquirido, mostrou-se necessário que as práticas fossem planejadas, organizadas e avaliadas as funções que são delegadas à PE e, em razão dessa discussão, surgiram diversas correntes a partir de uma base teórica, seguindo os conceitos de cada linha abordada (BERGER, 2020).

Nista-Piccolo (2014) apresenta a corrente da PE que recebeu influência das teorias de Vygotsky, onde o processo pedagógico foi dividido em três momentos que revelam as pretensões de atuarem na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) dos alunos/atletas, conduzindo-os à aprendizagem.

No primeiro momento, ocorre a exploração dos movimentos corporais, sem regras ou modelos pré-determinados e sem o auxílio direto do grupo, o que possibilita ao professor/técnico conhecer cada aluno/atleta, suas capacidades e potencialidades.

No segundo momento, acontece a atuação da ZDP das crianças, a partir do objetivo da aula, ocorrendo agora a mediação do professor/técnico no processo de estimulação das crianças, fazendo com que elas descubram todas as possibilidades na execução dos movimentos, esgotando todas as formas de experimentação do movimento a partir do que foi proposto.

No último momento, o professor/técnico direciona as atividades para as ações ainda não realizadas nos momentos anteriores, intervindo para que essas ações sejam de fato vivenciadas pelo aluno/atleta, fornecendo orientações mais detalhadas sobre a execução do movimento (NISTA-PICOLLO; SCHIAVON, 2014).

A teoria Psicogenética de Piaget serviu de base para uma corrente da PE, cujo maior representante é o professor João Batista Freire³. Segundo Seabra (2016), para Piaget o conhecimento só poderá ser adquirido pelo indivíduo se ele estiver preparado para recebê-lo e se puder agir sobre o objeto de conhecimento para inseri-lo em um sistema de relações, ou seja, o sujeito, interagindo como meio, agindo sobre o mundo, estará em constante processo de adaptação, sendo capaz de transformar a realidade onde interage e de transformar a si mesmo.

A descrição das ações da criança, apontada por Freire (2009), dá conta de um sujeito agindo no ambiente que o cerca. O agir descrito implica na necessidade de construir certas habilidades motoras para se relacionar com o meio, ainda que a criança não se mova com intuito de aprender nada e sim satisfazer o simples gosto de explorar ou brincar no ambiente.

O resultado dessa exploração é a aprendizagem motora, é a adaptação em suas estruturas mentais, ou acervo motor de habilidades que ela ainda não tinha, ou mesmo o aprimoramento daquelas que já possuía, seguindo alguns

³ João Batista Freire, em seu livro *Pedagogia do Futebol*, apresenta aproximações com a teoria piagetiana.

conceitos da teoria de Piaget, como a assimilação, acomodação e equilíbrio no raciocínio dessa corrente pedagógica (SCAGLIA; SOUZA, 2004).

Balbino (2001), em sua dissertação de mestrado, fundamentou a partir da “Teoria das Inteligências Múltiplas” de Howard Gardner, a possibilidade de ação no ensino dos esportes, demonstrando que é possível utilizar essa teoria na organização didática da PE, ou seja, é possível ensinar os esportes, paralelamente ao estímulo das múltiplas inteligências no processo pedagógico, pois um dos conceitos da teoria é todos nós possuímos os potenciais de inteligência, sendo que alguns se desenvolveram, ou foram mais estimulados que outros, pois Gardner, a partir dessa ideia, buscou novos conceitos, aplicáveis na capacidade de inteligência do homem (BALBINO, 2001; PAES; BALBINO, 2005).

Segundo esse pensamento, Paes e Balbino (2005) observam que, na aprendizagem dos Jogos Desportivos Coletivos, existe um local propício para a estimulação das múltiplas possibilidades de inteligência, em jovens e crianças. A construção dessa capacidade humana resultará no desenvolvimento humano, onde a inteligência corporal sinestésica implica em utilizar o corpo, ou partes dele, no intuito de se resolver problemas, auxiliando nas tomadas de decisão, exigidas nas práticas esportivas.

Quando Greco e Brenda (2005) fazem referência às fases de desenvolvimento e ao conceito de amadurecimento, indicam uma nova área de estudo, que irá fundamentar mais uma corrente da PE, o “Desenvolvimento Humano”, que recebe influências teóricas de importantes áreas do estudo como da psicologia, do desenvolvimento humano e da aprendizagem motora, que pode ser considerada um ramo de estudo do desenvolvimento humano.

Dois importantes conceitos da teoria desenvolvimentista - maturação e desenvolvimento - são colocados na perspectiva da formação esportiva, apontando a ideia de que a aprendizagem do esporte deve seguir as fases características próprias da idade, pois devemos compreender que as fases do desenvolvimento não devem ser antecipadas, comprometendo os processos de desenvolvimento e maturação, sendo uma obrigação ética de todo profissional

da educação física, respeitar as necessidades e características das crianças e dos adolescentes (GRECO; SILVA; SANTOS, 2009).

A PE, a partir da teoria desenvolvimentista, apresenta como principais objetivos a aprendizagem pelo movimento e a aprendizagem do movimento, seguindo os conceitos e as fases do desenvolvimento humano apresentados por Gallahue e Donnely (2008), que associam a ideia da aquisição permanente de habilidades de movimento com o aumento da condição de saúde, adquirida com o aprender a partir do mover-se, que influencia de modo positivo o aprendizado nos aspectos cognitivos, afetivos e socioemocionais.

CAPÍTULO
04



PEDAGOGIA DO ESPORTE

MÉTODOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO ESPORTE

Os professores mais eficazes diferenciam-se porque atuam com um propósito de ensino, o de promover a aprendizagem dos alunos, acreditando que estes conseguem aprender e assumindo que a sua grande responsabilidade é ajudar a aprender, pois como Moleiro (2020) nos diz, não existindo um modelo “adequado a todos os envolvimento de aprendizagem, a eficácia do ensino deve ser interpretada através do recurso a modelos de instrução que forneçam uma estrutura global e coerente para o ensino”.

Métodos são procedimentos organizados que conduzem a ação educativa, ou seja, é a forma com que se desenvolve a prática de ensino. No ensino dos esportes coletivos, os métodos são ações pedagógicas planejadas e organizadas sistematicamente, capazes de estimular e dirigir os alunos durante o aprendizado, visando à aprendizagem dos aspectos técnicos e táticos de determinada modalidade esportiva (FERREIRA, 2010).

Borges (2015) alega que ensinar exige certa organização, experiência prática, teoria, técnicas, enfim, exige método. Ele sinaliza que o método de ensino é a ação do professor/técnico ao estimular o processo de ensino a partir da aprendizagem dos alunos/atletas, pois quando emprega um conjunto de ações e condições externas procedimentais, visa ao melhor entendimento do aluno.

Para que o professor/técnico possa organizar de forma metodológica e pedagógica o ensino dos esportes coletivos, é necessário que tenha o conhecimento sobre os diferentes métodos, entendendo suas diferentes aplicações, nos diversos contextos e situações, para atender aos objetivos de aprendizagem (TANI; BASSO; CORRÊA, 2012; VOSER; GIUSTI, 2015).

Métodos tradicionais

Três principais métodos são destacados na literatura: Analítico-Sintético, Global-Funcional e Situacional (COSSIO-BOLAÑOS et al., 2009). Tais métodos

de ensino possuem especificidades, vantagens, desvantagens, aplicações e propósitos que devem ser considerados durante o processo de E-A-T.

O método Analítico-Sintético tem como princípio a fragmentação, ou seja, a aprendizagem das partes resulta na aprendizagem do todo. Assim, para aprender determinada modalidade esportiva (todo) é necessário, primeiramente, dominar seus gestos técnicos (partes), aos quais são acrescentados exercícios cada vez mais complexos e mais difíceis, para que, posteriormente, sejam contextualizados na forma do jogo (COSTA; NASCIMENTO, 2004; COUTINHO; SILVA, 2009; BORGES, 2015).

Apoiado na ideia de que o completo domínio da técnica permite ao aluno/atleta rendimento superior, o método Analítico-Sintético, apesar das críticas dos especialistas da área da PE, por apresentar limitações que comprometem o aprendizado dos iniciantes, detém uma grande utilização nas aulas de iniciação esportiva (MAGALHÃES, 2020).

Ginciene e Impolcetto (2019) observaram que os professores/técnicos que fazem uso desse método esquecem de utilizar a lógica do método. Partindo dos exercícios simples para os mais complexos, deixam de dar a oportunidade da repetição do movimento, não permitindo que o aluno/atleta automatize o movimento e, por não dar um feedback correto na correção dos erros de aprendizagem, criam vícios de movimentos dos gestos técnicos.

O método Global-Funcional também é bastante utilizado no processo de E-A-T dos esportes coletivos. Possui como característica a utilização de uma sequência lógica de jogos pré-desportivos, grandes jogos e jogos recreativos, com complexidade ajustada à faixa etária, sendo capaz de desenvolver as capacidades técnico-táticas simultaneamente. Nesse método, o grau de complexidade dos jogos é gradativamente aumentado até alcançar o jogo formal (TENROLLER; MERINO, 2014).

Esse método traz a ideia de que o jogo se aprende jogando ou que o aluno/atleta necessita jogar para aprender, mas alerta que esse jogo deve seguir uma progressão de acordo com as condições técnicas do aluno/atleta, não significando simplesmente inserir o aluno em jogos sem propósitos definidos, mas, sim, organizar didaticamente uma sequência de jogos com objetivos bem

definidos, até chegar ao produto final que é o esporte formal (ROSE, 2009; PERFEITO, 2009).

Por fim, outro método que vem sendo bastante referenciado em correntes pedagógicas contemporâneas para o ensino dos esportes coletivos, é o método Situacional, que tem como pressuposto básico o isolamento das situações reais de jogo como elemento essencial de ensino (MADEIRA; NAVARRO, 2012).

A partir desse isolamento das ações, o método apresenta como objetivos: a formação de automatismos flexíveis de movimentos; a otimização dos programas motores generalizados; o aprimoramento da capacidade de variação, combinação e adaptação do comportamento motor na execução da técnica na situação de competição; também procura incorporar o desenvolvimento paralelo dos processos cognitivos inerentes à compreensão das táticas do jogo; e se compõe de jogadas básicas extraídas de situações padrões de jogo, mais conhecidas como “Inteligência Tática” (COUTINHO; SILVA, 2009).

A escolha de um método de ensino isolado não parece ser capaz de garantir o sucesso no processo de E-A-T dos esportes. Sendo assim, há a proposição de que os diferentes métodos podem e devem ser utilizados no ensino dos esportes, desde que selecionados adequadamente aos propósitos da aula, levando em consideração suas especificidades, vantagens, desvantagens e aplicações (SILVA JUNIOR; VIEIRA; BALBINO, 2016).

Teaching games for understanding (TGFU)

Foi com o objetivo de ascender essa lógica do E-A-T dos esportes coletivos com ênfase na técnica, que, em 1982, Bunker e Thorpe apresentaram o método Teaching Games for Understanding⁴, mais conhecido como TGFU⁵, propondo que a técnica, ou seja, as ações de jogo, sejam desenvolvidas a partir de sua demanda tática, desenvolvendo a compreensão do aluno/atleta em

⁴ Tradução: Ensinando Jogos para Compreensão.

⁵ O TGFU é um modelo ecológico e, nesse sentido, pode ser adaptado a diversas realidades.

relação à dinâmica do jogo, entendendo-o como um sistema dinâmico e complexo (FAGUNDES, 2019).

De acordo com Moleiro (2020), esse método recomenda que as formas de jogo sejam integradas de maneira progressiva e que os problemas táticos provoquem a necessidade de aprendizagem das habilidades técnicas, gerando uma imensa compreensão do jogo, além de promover um aumento na motivação, nos níveis de atividade física, no prazer e no envolvimento dos alunos/atletas nas práticas esportivas (MENEZES, 2021).

O TGFU possui, em sua prática pedagógica, algumas fases: inicia com a apreciação do jogo e suas regras, que preparam o cenário para que os participantes desenvolvam a consciência tática e tomada de decisão⁶; na sequência vem a execução da habilidade, que permite que os participantes pratiquem e executem o movimento e as habilidades necessárias da ação selecionada; e, finalmente, retorna à apreciação do desempenho tático-técnico no jogo, permitindo que os alunos apliquem os conhecimentos que aprenderam nas etapas anteriores. Ressalta-se que não é negado o ensino da técnica, mas que esse deve ocorrer após a apreciação do jogo, utilizando os princípios pedagógicos do jogo por modificação⁷ e complexidade tática (NIEVES; OLIVER, 2019; BATEZ et al., 2021).

Modelo de abordagem progressiva ao jogo

Os autores desse método o assumem como um método misto, ao acolher ideias de outras metodologias de E-A-T, integrando especificamente a natureza dos jogos não invasivos, como o Voleibol. Essa abordagem construtivista defende o desenvolvimento da habilidade de jogo dos alunos/atletas por meio de desafios passo a passo, estabelecendo acoplamentos significativos entre demandas táticas e habilidades técnicas (MESQUITA et al., 2005).

⁶ Nesse método, o jogo por modificação é representado pelos questionamentos sobre “o que fazer” e “como fazer”.

⁷ Dois princípios didáticos, representação e exagero, que otimizam a aplicação das formas de jogo simplificado.

Também enfatiza o aperfeiçoamento de capacidades do Voleibol, sendo o E-A-T da técnica complementar ao E-A-T da tática. Os problemas que desafiam a capacidade de entender e participar no jogo estabelecem um dos motivos do E-A-T das habilidades técnicas, e a prática pedagógica do método é realizada pelo estabelecimento de oportunidades da prática para todos os alunos/atletas (GRAÇA; MESQUITA, 2009).

Três tipos de tarefas de instrução são considerados nesse método, (1) tarefas de aquisição, que remetem à demanda que os alunos/atletas têm em aprimorar as habilidades técnicas a partir dos modelos mecânicos pré-determinados, em uma circunstância de jogo, com pouca complexidade; (2) tarefas de estruturação, que visam um ritmo de jogo relativamente mais avançado, não só na qualidade das ações das habilidades técnicas, mas também na eficiência obtida com essa atividade, e, como nessa tarefa aumenta o grau de realização, já existe a necessidade de adaptarem-se algumas práticas esportivas; (3) tarefas de adaptação, onde depara-se com o aprimoramento do gesto técnico a partir de uma sequência de jogo mais intensa, com uma ampliação no domínio tático do jogo, na habilidade de antecipação, imprevisibilidade e inteligência esportiva. A ordem de apresentação das tarefas em cada uma das etapas de aprendizagem não é significativa, pois é possível alterá-la de acordo com a interpretação das necessidades dos atletas (MESQUITA, 2015; GOMES, 2018).

CAPÍTULO
05



**ORGANIZAÇÃO DO ENSINO-
APRENDIZAGEM-TREINAMENTO
DO VOLEIBOL EM LONGO PRAZO**

PLANEJAMENTO DO VOLEIBOL EM MUITOS ANOS

Neste tópico será apresentada uma adaptação do modelo de desenvolvimento esportivo em longo prazo, de Oliveira e Paes (2007, 2012, 2020), para o Voleibol. Os autores desenvolveram um modelo para a modalidade do Basquetebol, dividido em duas etapas e, cada uma delas, em fases.

Oliveira, (2017) na Luta Olímpica; Santos, (2021) no Atletismo e Souza, (2022) no Handebol, apresentaram nas suas pesquisas, a adaptação para as suas modalidades, do mesmo modelo esportivo, e nos mostraram que uma estruturação pedagógica do esporte é imprescindível para o desenvolvimento do atleta e a organização das modalidades esportivas.

Etapa de desenvolvimento esportivo e suas fases de aprendizagem do voleibol

Em relação à etapa e às fases para o desenvolvimento do Voleibol, é importante estar atento às fases do desenvolvimento do aluno/atleta e suas respectivas faixas de maturação biológica, que são relacionadas às idades cronológicas, crescimento, maturação e desenvolvimento do organismo humano durante o processo de desenvolvimento dos conteúdos do Voleibol em longo prazo. Nessa etapa e fases sugere-se que os alunos/atletas se dediquem às atividades três vezes por semana e as competições sejam, na sua grande maioria, feitas por meio de festivais de Voleibol.

Entende-se, para os efeitos deste estudo, que criança é a pessoa de 0 a 12 anos de idade, e adolescente é a pessoa que tem entre 12 e 18 anos.

Os alunos/atletas que pertencem às categorias Sub 14, Sub 16 e Sub 18, de acordo com o relatório da UNICEF⁸ e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estão na etapa da vida denominada infância e adolescência, aqui

⁸ Quando foi criado, em 1946, o UNICEF chamava-se Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância – em inglês United Nations International Children's Emergency Fund. Ao tornar-se parte permanente da ONU, foi rebatizado Fundo das Nações Unidas para a Infância, sendo mantida, no entanto, a sigla original UNICEF.

divididas em infância, adolescência inicial e mediana (GUIMARÃES; NUNES, 2014).

No Quadro 1 demonstra-se essa organização, dividida em três etapas e fases para o desenvolvimento da iniciação ao Voleibol, adaptadas de Oliveira (2007, 2012, 2020) para o estudo na modalidade de Voleibol e nas categorias de ensino e aprendizagem do ensino formal e não formal, como nas escolas, clubes, Federações e Confederação de Voleibol.

QUADRO 1 – ETAPA DE DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO E SUAS FASES DE APRENDIZAGEM NA MODALIDADE DE VOLEIBOL

IDADE BIOLÓGICA	IDADE ESCOLAR	IDADE CRONOLÓGICA	ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DO VOLEIBOL E SUAS FASES DE APRENDIZAGEM	CATEGORIAS DO VOLEIBOL
Terceira Infância	1º ao 5º ano	6-11 anos	Fase de conhecer brincando o jogo de Voleibol: a importância da atividade lúdica	Minivoleibol Recreativo e lúdico
Adolescência inicial	6º ao 8º ano	12-13 anos	Fase de aprendizagem inicial das técnicas do Voleibol	Sub 14
Adolescência mediana	9º ano ao 1º ano do Ensino Médio	14-15 anos	Fase de automatização e refinamento da aprendizagem de novos conteúdos do Voleibol	Sub 16

FONTE: Adaptado de Oliveira e Paes (2007, 2012, 2020), com base nas pesquisas de Filin (1996) e Gomes (2009).

Oliveira e Paes (2020) descreveram o modelo, afirmando que a fase de conhecer brincando os esportes coletivos, nesse caso específico o jogo do Voleibol, deve ser com ênfase no lúdico, correspondendo do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, atendendo alunos/atletas da primeira e terceira infâncias, com idades entre 6 e 11 anos. O envolvimento dos alunos/atletas nas atividades desportivas deve ter caráter lúdico, participativo e alegre, e a sugestão para essa etapa são as estações do minivoleibol, a fim de oportunizar o ensino-aprendizagem das técnicas do Voleibol⁹. As Federações e a Confederação de

⁹ Jogo adaptado, com modificações de tamanho da quadra, número de jogadores, altura da rede e algumas regras.

Voleibol não realizam competições antes dos 11 anos, sendo as primeiras competições estaduais na categoria Sub 13 anos e, em nível nacional, os torneios interclubes Sub 14. O primeiro campeonato de seleções é na categoria Sub 16 (BIZZOCCHI, 2016).

A fase de aprendizagem inicial das técnicas do Voleibol, correspondendo do 6º ao 8º ano do ensino fundamental, atende alunos/atletas da adolescência inicial, com idades entre 12 e 13 anos. O envolvimento dos alunos/atletas nas atividades desportivas deve ter caráter lúdico juntamente com o início do ensino-aprendizagem das técnicas que correspondem a essa categoria. A sugestão para essa etapa são atividades recreativas relacionando as técnicas do Voleibol, a fim de oportunizar o ensino-aprendizagem da modalidade (BIZZOCCHI, 2016; OLIVEIRA; PAES, 2020).

A fase de automatização e refinamento da aprendizagem de novos conteúdos do Voleibol, corresponde à idade escolar do 9º ano do ensino fundamental ao 1º ano do ensino médio, atendendo alunos/atletas da adolescência mediana, com idades entre 14 e 15 anos. O envolvimento dos alunos/atletas nessa fase deve focar em exercícios técnicos para refinamento e desenvolvimento dos fundamentos do voleibol, ensino-aprendizagem das táticas que correspondem a essa categoria, e a sugestão para essa etapa são atividades para o desenvolvimento das capacidades motoras relacionadas aos fundamentos do Voleibol, a fim de oportunizar o refinamento e o ensino-aprendizagem da modalidade (RIZOLA NETO, 2003; OLIVEIRA; PAES, 2020).

Para Pinto Junior et al. (2014), o diagnóstico e o prognóstico de um aluno/atleta dependem de um processo de acompanhamento contínuo no período em que permanecer treinando, principalmente na fase que compreende a infância e a adolescência, que são marcadas por mudanças acentuadas no organismo, com aumentos acelerados no peso e na estatura, influenciadas pelos genótipos e fenótipos.

Conhecer o voleibol brincando: a importância do aspecto lúdico

A ludicidade na iniciação esportiva deve ser bem orientada pelos professores/técnicos, respeitando sempre as fases do desenvolvimento das crianças de forma apropriada e coerente, adaptando jogos e permitindo, assim, que todos participem de uma grande diversidade de atividades (MOURA; SOUSA, 2018).

O Voleibol trabalhado por meio de jogos e brincadeiras possuindo uma perspectiva lúdica, pode desenvolver no aluno/atleta uma melhora na execução dos fundamentos para a prática autônoma do Voleibol. A partir da interação em grupo, a criança pode aprender a se comunicar com o mundo e obter uma transformação sociocultural em sua vida. Assim, as relações vivenciadas em fase escolar e a formação do “ser-cidadão” contribuem para o indivíduo de modo que ele possa pensar, agir e reagir diante de diversas situações na sociedade (SILVA, 2011).

O aprendizado do Voleibol se dá a partir de possibilidades pedagógicas lúdicas utilizando os jogos/brincadeiras. Essas ferramentas pedagógicas para o aprendizado do Voleibol, na fase inicial da vida escolar, podem produzir, além de momentos agradáveis, a construção de novos saberes. Nascimento (2007) relata que existe, também, uma abordagem desenvolvimentista que desenvolve habilidades motoras em crianças de 6 a 11 anos, porém a aprendizagem é totalmente exposta e exclui correções e interferências.

O primeiro estágio proposto é denominado formação básica geral e tem como objetivo, entre outros, o desenvolvimento das capacidades motoras e coordenativas realizadas de forma recreativa. O correr é usado em muitas brincadeiras como pega-pega, queimada, corrida do saco, entre outras; o saltar ou pular pode ser usado em brincadeiras como salto em distância, pular corda, pular carniça entre outras (MATTHIESEN, 2005).

Os projetos de Voleibol recreativos, voltados para a iniciação da modalidade nas escolas e clubes, iniciam suas práticas pedagógicas com várias atividades do minivoleibol, entre outras brincadeiras recreativas pertinentes ao desenvolvimento motor dos praticantes. Devido a sua realização ser muito

atraente para os jovens praticantes, essa proposta inovadora, motivadora e versátil ajuda os alunos/atletas no seu desenvolvimento (CARON, 2018).

Desde que o esporte se destacou como uma das temáticas mais importantes trabalhadas nos ambientes formais e informais, tem sido objeto de inúmeras discussões, principalmente no que concerne ao seu papel na escola, considerada por muitos como o espaço ideal para sua prática, principalmente porque envolve muitas pessoas, podendo influenciá-las sobremaneira durante a vida (MATTHIESEN, 2005). Porém, para Bizzocchi (2016), o ensino do Voleibol não deve ser a cópia de métodos de treinamento de grandes equipes, mas ações desenvolvidas em cada experiência, em cada local e com as diferentes turmas. Ainda afirma que a iniciação ao Voleibol não deve priorizar a repetição dos gestos técnicos, pois não é a excessiva repetição dos fundamentos que fará o aluno/atleta aprender.

Propõe-se uma aproximação do ensino com o desenvolvimento do jogo de Voleibol privilegiando a aprendizagem pela compreensão do jogo e não a simples repetição. Essa proposta está na ação de jogar para aprender e não aprender para jogar.

Cabe salientar, nessa perspectiva para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, onde o professor/técnico é peça chave, que o papel do movimento como instrumento de expressão do pensamento é mais evidente na criança pequena, cujo funcionamento mental é projetivo. O movimento não enfoca o deslocamento do corpo no espaço físico, mas retrata, principalmente, a sua presença nos gestos, nas manifestações posturais e nas condutas motoras na prática do Voleibol recreativo (BORGES; DINIZ, 2014).

Assim, a prática do Voleibol de forma lúdica é uma das formas que a criança possui para desenvolver vários movimentos, podendo explorar suas atitudes corporais, desde que este esporte seja voltado para o aprendizado do indivíduo, e também pode contribuir como facilitador da interação social.

Sendo uma adaptação do Voleibol, o minivoleibol aumenta a participação do estudante, o conhecimento de nível de habilidade, a tomada de decisões, a execução de habilidades. Embora esse jogo promova mais oportunidades para participar e desenvolver o condicionamento físico dos participantes, o

conhecimento tático não é desenvolvido a partir dessa abordagem. Estudos envolvendo o minivoleibol demonstraram uma melhoria da motivação, participação nas práticas pedagógicas, socialização e habilidades básicas em crianças e adolescentes (NIEVES; OLIVER, 2019; CASTRO et al., 2022).

Fase de aprendizagem inicial das técnicas do voleibol

Após a fase inicial com experiências motoras que visam à estimulação e à ampliação do acervo motor por intermédio das atividades generalizadas e em atividades de lazer, os jogadores passam a se comprometer com contextos específicos do esporte e se especializar em uma modalidade, a fim de aperfeiçoar suas habilidades esportivas dentro de suas particularidades.

Na fase da adolescência inicial, que vai dos 12 aos 13 anos, o aluno/atleta está no 6º ano escolar e vai até o 8º ano, fase inicial do ensino-aprendizagem dos fundamentos do Voleibol. Nessa etapa, o aluno/atleta passa a conviver com as primeiras regras e técnicas do Voleibol e os primeiros contatos com as competições, como jogos escolares e campeonatos das federações, fazendo parte da categoria Sub 14 (CÔTÉ; TURNIDGE; EVANS, 2014; MENDES; MATOS; PINHO, 2018).

Do ponto de vista da abordagem ecológica, esse momento é importante para que os alunos/atletas passem da fase de transição para a fase de aplicação, pois devem treinar e se adaptar à variabilidade de ações em diferentes contextos, para ter evoluções efetivas ao vivenciar algumas situações problema de treinamento e possibilidades de ação. O sistema de ensino passa a ser parcialmente aberto, e eles devem aprender, com relativa instrução do professor/técnico, os gestos técnicos, tornando ainda mais significativo o papel do professor/técnico na especialização motora (CASTRO et al., 2022).

Nessa fase, a sofisticação cognitiva crescente e certa base ampliada de experiências tornam o indivíduo capaz de tomar numerosas decisões de aprendizado e de participação, baseadas em muitos fatores da tarefa, individuais e ambientais. Os alunos/atletas começam a buscar ou a evitar a participação em atividades específicas e começam a ter interesse na posição que elas mais se

destacam. Há ênfase crescentena forma, habilidade, precisão enos aspectos quantitativos do desempenho motor. Essa é a fase para refinar e usar habilidades mais complexas do Voleibol (ROMANHOLO, 2014).

A aprendizagem inicial das técnicas do Voleibol, nas instituições formais e informais, se realiza a partir de uma pedagogia e metodologia sequencial, ou seja, a partir de um melhor aproveitamento das possibilidades de criatividade do aluno/atleta, exigindo que os professores/técnicos tenham conhecimento e domínio das habilidades técnicas da modalidade que ensinam nessas instituições (PEREIRA; CASAROTTO, 2018).

Pensando no desenvolvimento motor, Gallahue, Ozmun e Goodway (2013) defendem o desenvolvimento de movimentos fundamentais por intermédio das atividades motoras variadas, objetivando o prazer, a alegria, a interação, sempre aprendendo novos movimentos básicos. O método utilizado para o ensino das habilidades do Voleibol deve seguir uma progressão na qual a informação seja precisa e simples para a compreensão do aluno/atleta. Partindo do mais simples para o mais complexo, o ensino vai desencadear, por meio de atividades educativas, a aprendizagem de uma determinada habilidade e motivar os alunos/atletas que tenham dificuldades na aprendizagem (SANTOS, 2019).

Nessa fase, a escola é o melhor local para a aprendizagem, pois existem inúmeros motivos para que os alunos/atletas procurem os desportos, entre eles: encontrar e jogar com outros garotos; diversão; aprender a jogar; e ainda, na escola, o professor/técnico terá controle da frequência e da idade dos alunos, facilitando as intervenções pedagógicas. No âmbito informal, como no clube desportivo, isso pode não ocorrer, mas a função do professor/técnico do clube deve propiciar à criança o mesmo tratamento pedagógico que recebe na escola, para facilitar o desenvolvimento dos alunos/atletas (MENDES; MATOS; PINHO, 2018).

Fase de automatização e refinamento da aprendizagem de novos conteúdos do Voleibol

Nesse momento do processo, inicia a adolescência mediana, que vai dos 14 aos 15 anos. O aluno/atleta está no 9º ano do ensino fundamental e vai até o 1º ano do ensino médio, e estará participando dos torneios e campeonatos na categoria Sub 16. Um elemento a ressaltar é que as experiências vividas representam um importante papel na escolha de uma modalidade esportiva para especializar-se.

Nessa fase, enfatiza-se o desenvolvimento nos alunos/atletas da automatização e do refinamento dos conteúdos aprendidos anteriormente, juntamente com a aprendizagem de novos conteúdos, fundamentais para esse momento do desenvolvimento esportivo. Nesse período, os alunos/atletas gradualmente diminuem o envolvimento em várias atividades para focar em uma atividade esportiva específica (SANTOS; VAGETTI; OLIVEIRA, 2017; COLLET et al., 2021).

Aqui há uma maior preocupação do professor/técnico em desenvolver de forma harmônica capacidades físicas, técnicas e táticas, preparando os adolescentes para a vida e para posteriores práticas especializadas. Com relação aos conteúdos ensinados, deve-se enfatizar o que foi aprendido até então e acrescentar situações táticas novas, mixando técnica e aperfeiçoamento nas condições gerais de formação (OLIVEIRA; PAES, 2012, 2020).

Dessa forma, o sistema de ensino (que antes era aberto) passa a ser parcialmente fechado. Inicia-se o processo de especificidade de gestos técnicos voltados à modalidade escolhida (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013). Além disso, essa etapa é apontada como a melhor idade para o condicionamento, uma vez que os alunos/atletas estão aptos a tolerar as demandas do treinamento e da competição (VIEIRA et al., 2005).

Por outro lado, a coordenação deve ser apenas estabilizada ou aprimorada de modo gradual. O aumento da intelectualidade proporciona o aprendizado de novas técnicas e definições de treinamento. No entanto, é

preciso ter cuidado com os estímulos e carga de treinamento devido à instabilidade emocional que o jovem está passando (SZEREMETA, 2019).

No modelo de desenvolvimento motor, proposto por Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), o aluno/atleta está no estágio de utilização permanente da fase especializada, que começa por volta dos 14 anos de idade e continua por toda a vida adulta. O estágio de aplicação e transição e de utilização permanente do desenvolvimento motor é caracterizado pelo uso do repertório de movimentos adquiridos pelo indivíduo e utilizado recreativamente, diariamente e competitivamente, ao longo da vida. Fatores de limitação como tempo disponível, dinheiro, equipamento, instalações e limitações físicas e mentais podem afetar esse estágio de desenvolvimento motor (ROMANHOLO, 2014).

O desempenho esportivo só pode ser atingido se houver uma base necessária durante a infância e a juventude, o que requer um planejamento a longo prazo. O Voleibol não foge dessa regra: se houver um bom planejamento, respeitando as fases do aluno/atleta, serão obtidos resultados a curto, médio e longo prazos na modalidade de Voleibol.

Desse modo, a prática constante das habilidades motoras, quando realizada ao longo dos anos de formação do jogador, possibilita a construção dos alicerces edificantes de uma performance motora sustentável, ao mesmo tempo que o liberta, progressivamente, para o domínio de outras habilidades do Voleibol (MILISTETD, 2010).

Etapa de aperfeiçoamento esportivo e suas fases de aprendizagem do voleibol

Essa etapa e suas fases correspondem ao treinamento especializado e aperfeiçoamento das técnicas na qual a categoria menor de 16 e 17 anos começa a aproximação do treinamento de alto rendimento e se prepara para as primeiras competições em nível mundial. Ao iniciar essa etapa, os atletas já construíram uma base nas etapas anteriores (Quadro 1).

QUADRO 2 – ETAPA DE APERFEIÇOAMENTO ESPORTIVO E SUAS FASES DE APRENDIZAGEM DO VOLEIBOL

IDADE BIOLÓGICA	IDADE ESCOLAR	ETAPA DE APERFEIÇOAMENTO DO VOLEIBOL SUAS FASES DE APRENDIZAGEM	IDADE CRONOLÓGICA	CATEGORIAS DO VOLEIBOL
Adolescência média	Do 2º ano ao 3º ano do Ensino Médio	Fase de aperfeiçoamento inicial no Voleibol	16-17 anos	Sub 18
Final da Adolescência	Ensino Superior	Fase de aperfeiçoamento profundo no Voleibol	18-19 anos	Sub 20
Idade Adulta	Superior Completo	Fase de aproximação aos resultados superiores no Voleibol	21 anos acima	Adulto

FONTE: Adaptado de Oliveira e Paes (2007, 2012, 2020) com base nas pesquisas de Filin (1996) e Gomes (2009).

Sendo assim, os aperfeiçoamentos de todos os detalhes técnicos e o aprimoramento físico são intensificados nessas etapas, momento importante de transição do atleta para etapas e fases seguintes, projetando para o alto rendimento (OLIVEIRA; PAES, 2007, 2012, 2020).

Fase de aperfeiçoamento inicial no voleibol

Nesse momento de aperfeiçoamento inicial, inicia a fase da adolescência média, o aluno/atleta está no 2º e 3º anos do ensino médio, quando as competições são promovidas também pelo ensino não formal, tais como prefeituras, federações e confederações (OLIVEIRA; PAES; VAGETTI, 2020).

Ainda segundo os autores, essa fase de especialização aperfeiçoada inicial se caracteriza pela dedicação exclusiva dos alunos/atletas a uma modalidade específica.

Collet (2018) descreve que o sistema de preparação passa a ser totalmente fechado e, assim sendo, a especialização das ações motoras ocorre aperfeiçoando as ações físicas e técnicas, compondo a tática individual de grupo

e coletiva, bem como a preparação para as competições, exigindo, assim, um forte comprometimento para se atingir altos níveis de excelência no esporte. Aqui é o início da especialização motora.

Uma das diferenças entre uma fase e outra, de acordo com Milistetd et al. (2010), é intensificar o treinamento, “explorando” ao máximo as potencialidades do aluno/atleta e corrigindo erros de forma a se atingir o grau “ótimo” de performance; para isso o aluno/atleta deverá ter consciência do que realmente deseja, esforçando ao máximo para alcançar o objetivo desejado.

Com isso, ocorre um aumento expressivo na duração semanal e até mesmo diária de prática esportiva, para desenvolver as habilidades do Voleibol. A prática das habilidades motoras, quando realizada a partir do momento certo e durante os anos de formação do aluno/atleta, possibilita a construção de uma performance motora sustentável, ao mesmo tempo em que o liberta, progressivamente, para o domínio das habilidades cognitivas e perceptivas, importantes indicadores no alto nível de rendimento (COUTINHO; RAMOS; MESQUITA, 2021).

Uma das características dessa fase é o aperfeiçoamento dos aspectos físicos, técnicos e táticos e, segundo Oliveira, Paes e Vagetti (2020), sua duração coincide com os limites da idade ótima, sendo o início da especialização motora e procura, ano a ano, a obtenção dos resultados em nível estadual, nacional e internacional.

Fase de aperfeiçoamento profundo no voleibol

Nesta fase do aperfeiçoamento profundo, que vai dos 18 aos 19 anos e coincide com o final da adolescência, o aluno/atleta está no processo de entrada ao ensino superior. Nela há uma aproximação ao treinamento adulto e para isso os alunos/atletas deverão ter tido uma base sólida nas fases anteriores (OLIVEIRA; PAES; VAGETTI, 2020).

Nesse momento, existe a preocupação com a prática ou o treinamento das habilidades específicas do jogo de Voleibol nos alunos/atletas em desenvolvimento no sentido da alta performance. Como afirma Collet et al.

(2021), a complexidade das ações dos atletas se torna mais evidenciada. O treinador preocupa-se em corrigir detalhes nas ações defensivas/ofensivas que poderão ser significativas para a boa atuação da equipe.

Greco e Benda (2005) consideram o momento crucial na transição do aluno/atleta para uma provável carreira desportiva, pois são definidos os caminhos e visa-se ao desporto de alto rendimento, denominado profissionalização, em função de ser um possível trabalho.

A fase de crescimento físico, nesse período, encontra-se quase finalizada, pois são determinados o biótipo corporal e os traços do perfil psicológico que constituem a personalidade, e que, somados aos outros fatores, levam ao alto nível do Voleibol. Sendo assim, o treinamento técnico e tático deve ser no maior nível de intensidade, visando à elaboração de respostas rápidas diante das ações dos adversários (DUWE, NOVAES, 2003).

Fase de aproximação dos resultados superiores no voleibol

Na fase da aproximação dos resultados superiores, o aluno/atleta já deverá ter concluído o ensino superior, pois deve estar acima dos 21 anos. No Voleibol existe a categoria Sub 23 para absorver os alunos/atletas que não têm condições técnicas para participar de uma categoria adulta, mas muitos alunos/atletas já participam de competições na categoria maior (RIZZOLA NETO, 2003).

Nessa última fase ocorre o aprofundamento específico das capacidades e, ainda, conforme Duwe e Novaes (2003), a prática esportiva de alta competição pode ser considerada como uma composição das quatro preparações fundamentais (técnica/tática/física/psicológica) sob um efetivo controle médico (médico, de alimentação e dos hábitos de vida dos atletas).

A melhor técnica sempre oferece condições para mais opções táticas, quando o grupo de alunos/atletas, preparados com suficiência em termos físicos, técnicos e táticos, na maioria das vezes apresentará uma segurança emocional desejável na competição (LONGO et al., 2017).

É nessa fase em que, após toda a bagagem que foi adquirida, o aluno/atleta deve aprimorar cada vez mais o seu desempenho esportivo e, nesse momento, o ensino-aprendizagem do esporte deixa de ser generalizado, assumindo a característica específica da modalidade do Voleibol. A prática do jogo formal também serve como método de desenvolvimento das habilidades do aluno/atleta (OLIVEIRA; PAES; VAGETTI, 2020).

Collet (2018) expõe que, nesse contexto, a busca pela excelência e pelos melhores resultados exigem que a preparação dos alunos/atletas seja mais qualificada e direcionada à busca pelos melhores resultados esportivos e formativos.

Sendo assim, reconhece-se que, para chegar ao alto nível competitivo durante e após a fase de aproximação aos resultados superiores, o aluno/atleta necessita de dedicação e oportunidades, ou seja, o aluno/atleta deverá dedicar grande parte de seu tempo em um programa sistematizado de aperfeiçoamento esportivo, visando a excelência (LAPORTA et al., 2021).

A seguir, são apresentados os tópicos do delineamento da pesquisa de campo, incluindo as descrições da natureza, dos fins e dos procedimentos que foram realizados, pela perspectiva teórica adotada, visto não ser possível separar teoria e método.

CAPÍTULO **06**



A PESQUISA DE CAMPO

É fácil trocar as palavras. Difícil é interpretar os silêncios!!! É fácil caminhar lado a lado. Difícil é saber como se encontrar! É fácil beijar o rosto. Difícil é chegara o coração!!!! (Fernando Pessoa)

CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO

A busca por categorizar a pesquisa torna-se etapa importante no que diz respeito a um texto científico. Nesse sentido, ter um caminho metodológico é necessário para o processo de elaboração conceitual e propositiva de um trabalho científico. Assim, método é caracterizado como modo ou caminho de fazer ciência (YIN, 2016).

Com base em Thomas, Nelson e Silverman (2012), a pesquisa se caracteriza como sendo qualitativa, a partir do tratamento dedutivo¹⁰ dos objetivos, com amostra pequena, em um ambiente natural, organizado no mundo real, sendo que a análise dos dados se dá pela interpretação do pesquisador que apresenta opinião pessoal em torno do estudo, para construir um conhecimento sobre ele.

É, também, um estudo de caráter descritivo e exploratório. Os estudos descritivos visam coletar dados para especificar características e comportamentos do grupo selecionado para a pesquisa, com foco no que aconteceu ao invés dos motivos que levaram àquele acontecimento. A pesquisa descritiva pode, ainda, ser utilizada para estabelecer relações entre as variáveis estudadas, portanto, esse tipo de estudo faz-se necessário para conhecer a amostra analisada e relacionar as variáveis encontradas, além de verificar atitudes, valores e opiniões (GRAY, 2012; GIL, 2017).

Já os estudos exploratórios servem para a aproximação de fenômenos relativamente desconhecidos, ou seja, são utilizados para atingir maior familiaridade com temas pouco explorados e ampliar os estudos existentes (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013; GIL, 2017).

PARTICIPANTES

Como afirmam Marconi e Lakatos (2010), se torna inviável pesquisar todos os indivíduos do grupo que se pretende estudar, devido à carência de

¹⁰ Tratamento dedutivo é uma cadeia de raciocínio que parte da análise do geral para o particular, alcançando-se, ao final, uma conclusão (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

recursos ou à urgência do tempo. Nessa situação, utiliza-se o método da amostragem. Entretanto, é importante salientar a necessidade de que a amostra deve ser representativa ou significativa para que permita uma análise consistente e coerente com os objetivos inicialmente propostos. Diante disso, a entrevista semiestruturada foi realizada com profissionais selecionados, que atendiam a todos os critérios pré estabelecidos.

A opção pelos profissionais selecionados, em detrimento de uma amostra quantitativa, se deu em razão da necessidade de buscar, no universo definido, sujeitos com alto grau de experiência, conhecimento e influência nos seus locais de atuação.

Os 13 professores universitários entrevistados para a pesquisa atenderam aos critérios: quanto à titulação acadêmica, todos são doutores e mestres em processo de doutoramento, que ministram a disciplina de Voleibol na graduação de Educação Física, em suas Instituições de Ensino Superior (IES).

Os 13 técnicos de voleibol são formados em Educação Física, com mais de 15 anos de experiência na direção de equipes participantes de competições do seu estado, nacionais e internacionais.

Todos aceitaram tomar parte da pesquisa, após receber a carta-convite, e assinaram os termos legais, para determinar sua segurança como participantes.

ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética, do Setor de Ciências e Saúde, da Universidade Federal do Paraná, e aprovado sob protocolo nº 4.679.596.

INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Descrição dos entrevistados

Durante a entrevista semiestruturada, foram realizadas perguntas que possibilitassem caracterizar os professores/técnicos. As perguntas tinham como objetivo definir as seguintes características: idade, tempo de formado, IES de formação, tempo como técnico, tempo de docência em nível superior.

Entrevista semiestruturada

A entrevista foi o instrumento de pesquisa utilizado para a produção dos dados, ou seja, a técnica realizada no encontro entre duas pessoas (o investigador e o investigado) para obtenção de informações (dados) que interessam à investigação (MARCONI; LAKATOS, 2010; GIL, 2017).

Foi realizada uma entrevista semiestruturada (SPARKES; SMITH, 2014) com cada participante, contendo questões subjetivas que permitiram ao entrevistado falar livremente sobre o assunto abordado e que introduziram a reflexão ao tema, ao mesmo tempo em que auxiliaram no embasamento das informações coletadas.

Nesse modelo de entrevista, o pesquisador deve definir questões antecipadamente para que sejam seguidas em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. Inclusive ele poderá, quando achar oportuno, fazer perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista em caso de o entrevistado fugir do tema ou ter dificuldades com ele (MINAYO et al., 2005).

Ao aplicar a técnica da entrevista no formato semiestruturado, o investigador usa uma lista de questões ou tópicos a serem preenchidos ou respondidos, que servem como guia. As perguntas apresentadas aos professores entrevistados foram formuladas com base no objetivo da pesquisa.

Durante a entrevista, foi desenvolvido um diálogo com os professores/técnicos que envolveu basicamente quatro temas (MATTOS; LINCOLN, 2005). O primeiro, foi diagnosticar os princípios educacionais utilizados pelos professores/técnicos em suas práticas pedagógicas. No segundo tema, foram levantadas informações sobre a compreensão e a percepção dos professores/técnicos em relação à utilização da PE.

Na sequência, foi identificada a compreensão dos professores/técnicos em relação aos métodos de ensino-aprendizagem durante a prática pedagógica. Por fim, foi verificado como os professores/técnicos projetam a organização do E-A-T do Voleibol em longo prazo.

Sempre que possível, foi solicitado aos professores/técnicos que falassem sobre fatos e atividades que exemplificassem suas falas, visto que na entrevista semiestruturada não houve imposição de uma ordem rígida de questões e os entrevistados puderam discorrer livremente sobre o tema proposto.

Procedimento para a coleta de dados

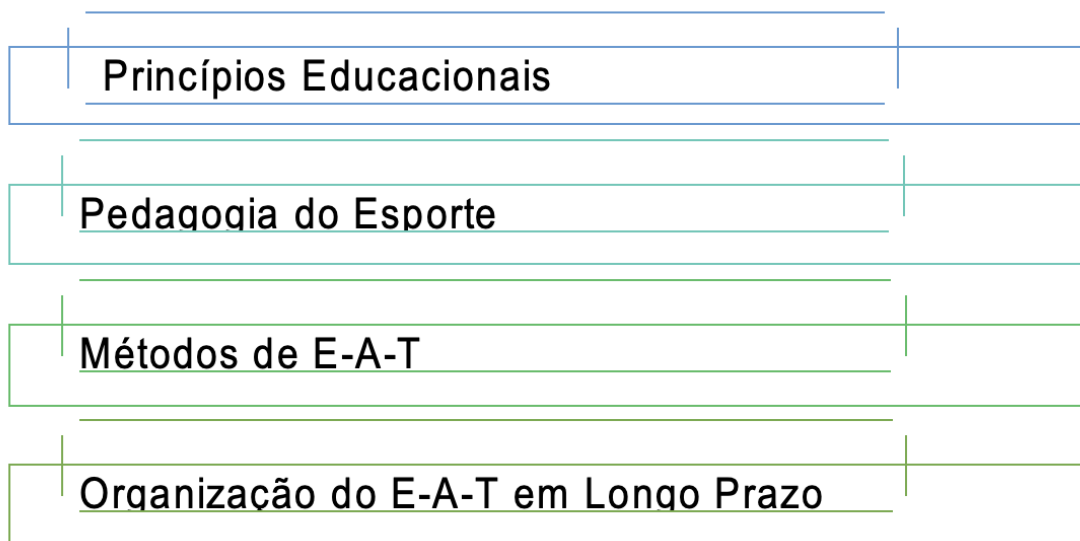
Devido à pandemia da COVID-19, e pela localização dos entrevistados, pois alguns dos técnicos atuam em equipes no exterior, as entrevistas foram realizadas por videoconferência, utilizando como meio de comunicação a plataforma digital Google Meet. Toda a entrevista foi registrada pelo próprio aplicativo, para posterior transcrição em computador pessoal, utilizando o software Word do pacote Microsoft Office 365.

Durante as entrevistas, foram realizadas anotações das observações para facilitar o trabalho de transcrição das mesmas, auxiliando na complementação das afirmações dos sujeitos pesquisados em suas falas, tornando mais fiel a transcrição do que falaram e sentiram durante a entrevista, sempre com a preocupação de que não se perca o sentido original apresentado pelos professores/técnicos entrevistados.

Roteiro da entrevista

A elaboração do roteiro da entrevista se baseou em quatro categorias geradoras, como mostra a Figura 1:

FIGURA 1 – CATEGORIAS GERADORAS



FONTE: Elaborada pelos Autores (2023).

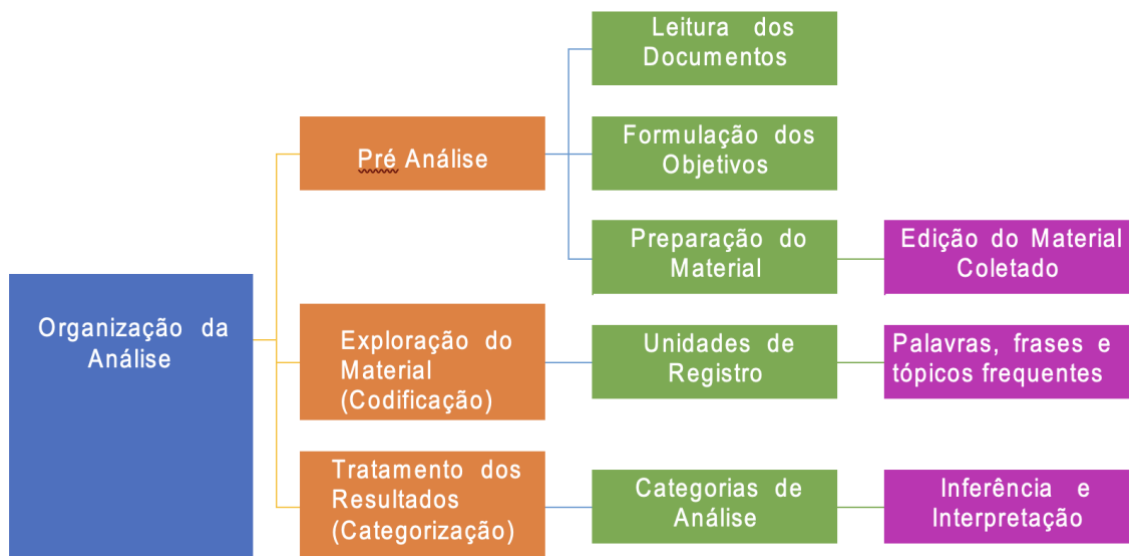
ANÁLISE DE DADOS

Entre os métodos existentes para a investigação proposta, é de se considerar adequado o método da Análise de Conteúdo (AC). Para Bardin (2016), ele é um conjunto de técnicas voltadas a identificar as significações humanas. Krippendorff (2018) também foca o seu conceito de AC nos fundamentos metodológicos do processo de análise, acrescentando a importância da replicabilidade, já que não há leitor independente de um texto, nem mesmo um conjunto de comunicações alheio aos seus contextos. Ao considerar isso, para uma análise de conteúdo confiável é necessário o controle dos mecanismos metodológicos.

Na sua proposição, Bardin (2016) coloca que a análise de conteúdo não significa apenas uma técnica de pesquisa, mas a sistematização científica de

princípios e conceitos, e que qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significados de um emissor para um receptor, controlado ou não por este, deveria ser por escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo, neste esforço de interpretar os dados em busca das questões latentes, do que estava aparente e daquilo que, de alguma forma, poderia parecer oculto, resultante daquelas conversas. Bardin (2016) afirma que o método de análise de conteúdo segue três etapas básicas, distintas e complementares: pré-análise, exploração do material e interpretação inferencial, representadas na Figura 2:

FIGURA 2 – ETAPAS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO SEGUNDO BENITES et al. (2016)



FONTE: Benites et al. (2016).

Pré-análise: constitui a organização do material disponível para a pesquisa, com o objetivo de determinar com quais estratégias serão coletados e recolhidos os dados e como as informações serão compostas para a análise posterior, com vistas a confirmar ou negar os objetivos da pesquisa.

É importante citar que, durante a coleta de dados, essa primeira etapa da análise de conteúdo será realizada, conforme indicam Sampieri, Collado e Lucio (2013), com o intuito de criar possíveis hipóteses sobre os dados. Ainda nesta fase acontecerá o processo de edição do material coletado, com a separação

dos trechos importantes para o estudo. Estes últimos podem ser definidos pela elaboração a priori de categorias, ou seja, a partir da teoria e dos objetivos é elaborado um conjunto de etiquetas a serem aplicadas a determinados trechos dos textos, de forma a identificar o que é procurado.

Importante destacar que o conjunto de documentos selecionados deve atender a quatro condições para poder ser passível de seguir para a análise: exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência.

No primeiro caso, trata-se do fato de que esses documentos devem cobrir todos os elementos do objeto de análise. O segundo elemento, representatividade, está intimamente relacionado com o primeiro. Quanto à homogeneidade, a regra se destina a garantir que todos os documentos que irão compor o corpus¹¹ de análise sejam homogêneos quanto à sua estrutura e forma de elaboração para, assim, serem passíveis de comparação. Por fim, quando se trata da pertinência, refere-se ao fato de que o material a ser analisado seja uma fonte de informação adequada ao objeto de pesquisa (OLIVEIRA, 2019).

Exploração do material: após a delimitação e coleta do material a ser analisado e sua organização em um corpus homogêneo, representativo, exaustivo e pertinente, procede-se o trabalho de codificação ou decomposição do material.

O objetivo é compreender o significado dado pelos participantes ao assunto de análise do estudo. Contempla a contagem de ideias repetidas, a enumeração de situações que aparecem reiteradamente nas respostas ou mesmo aquelas ausentes, e funciona a partir de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 2016).

Nessa fase, todo o corpus passa a ser recortado a partir de unidades de análise definidas pelo pesquisador. As unidades de registro, ou seja, as palavras, frases ou tópicos que aparecem constantemente ao longo das transcrições, que irão permitir entender os pontos de vista dos sujeitos em relação ao objetivo da pesquisa e sobre as quais serão aplicadas as categorias. O que importa nessa escolha é novamente a pertinência com o objeto e a pergunta a ser respondida.

¹¹ O corpus é o conjunto de material comunicativo a ser analisado. Ele forma um “banco de dados” de textos sobre os quais a Análise de Conteúdo será empregada.

Cada pesquisador deve definir, na sua pré-análise, qual o ponto a ser observado (GIBBS, 2009; BARDIN, 2016).

Isso definido, os textos são divididos nas unidades de registro e estas serão então classificadas nas categorias de pesquisa. A categorização é um dos principais fundamentos da AC. É ela que permite a reorganização dos textos em classificações estáveis e exclusivas que servirão de base para a interpretação dos dados, os códigos (FRANCO, 2018).

Um aspecto importante é que essa etapa, além de ser uma das mais longas, também exige um trabalho de construção e refinamento das categorias de forma a garantir que estas também sejam pertinentes e homogêneas para os objetivos da pesquisa.

A terceira etapa, chamada de tratamento e interpretação dos resultados, contempla as categorias de análise e seus códigos, e é considerada como a chave do processo da pesquisa qualitativa, pois trata da inferência e interpretação dos dados com o objetivo de torná-los significativos e válidos. Para essa etapa, é reunido o maior número possível de informações provenientes das entrevistas, relacionando e organizando-as a partir de uma codificação (conjuntos de unidades de registro). Esse é o momento em que se realiza um retorno aos marcos teóricos do texto, pois eles garantem o embasamento do estudo (GUIMARÃES, 2020).

As categorias criadas nessa fase estarão relacionadas às expectativas do pesquisador, objetivos da pesquisa, questões norteadoras, características das mensagens, objetividade e produtividade (BENITES et al., 2016) e estão representadas na Figura 3.

FIGURA 3 – CATEGORIAS NORTEADORAS E CÓDIGOS

CATEGORIAS			
PRINCÍPIOS EDUCACIONAIS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	PRINCÍPIOS E CONCEITOS DA PEDAGOGIA DO ESPORTE	MÉTODOS DE E-A-T DURANTE A PRÁTICA PEDAGÓGICA	ORGANIZAÇÃO DO E-A-T DO VOLEIBOL EM LONGO PRAZO

CÓDIGOS			
Aspectos morais/éticos	Planejamento dos processos pedagógicos	Tipos de métodos do E-A-T	Conteúdos ensinados etapa de desenvolvimento e aprendizagem
Noções de Socialização	Organização dos processos pedagógicos	Escolha do método de E-A-T	Métodos de desenvolvimento do E-A-T na etapa de desenvolvimento e aprendizagem
Noções de Inclusão de diferentes pessoas	Objetivos dos processos pedagógicos	Momento específico do uso de um método de E-A-T	Sistemas de jogo, na etapa de desenvolvimento e aprendizagem
Noções de coeducação	Execução dos processos pedagógicos		Conteúdos ensinados na etapa de aperfeiçoamento e especialização
Noções de participação	Avaliação dos processos pedagógicos		Métodos de E-A-T utilizados para o aperfeiçoamento dos sistemas ofensivos
Noções de emancipação/ autonomia			Métodos de E-A-T utilizados para o aperfeiçoamento dos sistemas defensivos
Relação com os familiares			

FONTE: Elaborada pelos Autores (2023).

As reflexões devem ser elaboradas com o apoio das fases anteriores e dos materiais que construíram as fontes de informação, o objetivo do estudo é focar sua análise nos conteúdos latentes apresentados pelos documentos, no caso, as entrevistas dos sujeitos.

Com o material de estudo preparado, será realizada a codificação antes da categorização. Ao codificar, os dados brutos do texto serão transformados em uma representação do conteúdo que será estudado no corpus, obtendo as características das mensagens verbais dos entrevistados. Para auxiliar nessa fase de codificação, foi utilizado o software ATLAS.ti.

Esse software é uma ferramenta para a análise de dados, útil na formação de uma pesquisa qualitativa, visto que auxilia na redução da sobrecarga de tarefas mais operacionais da análise que, muitas vezes, representa a parte mais

obscura do processo, permitindo aos pesquisadores se debruçarem melhor nas análises posteriores (CANTERO, 2014; SILVA; LEÃO, 2018).

No seu estudo, Walter e Bach (2015) apresentaram o processo de codificação, criação de notas de pesquisa e de comentários, estabelecimento de relações entre elementos analisados e o agrupamento desses elementos, bem como a visualização gráfica de tais procedimentos, o que atribuiu agilidade e precisão à pesquisa. O software otimiza o trabalho, mas não faz as análises sozinho, elas são conduzidas pelos pesquisadores a partir de seu referencial teórico e de sua compreensão dos dados (SILVA; LEÃO, 2018).

Para que exista êxito no esforço de codificação, há técnicas que precisam ser seguidas. A primeira delas é o recorte, que pode ser uma frase, uma palavra isolada, palavras em conjunto, que indiquem uma relevância para a análise. Por meio do recorte é que são selecionadas as unidades de registro e as unidades de contexto. A segunda técnica que o pesquisador precisa ter em mente ao empreender a categorização é a da enumeração: o modo de se contar. A última técnica a ser empregada na codificação é a de classificação e agregação. Ao aplicar essa técnica, o pesquisador avança no esforço de formar categorias (URQUIZA; MARQUES, 2016).

PROJETO PILOTO

A coleta de dados para o projeto piloto foi realizada no mês de abril de 2021, com um técnico do Estado do Paraná com experiência nacional e um professor universitário. O estudo piloto foi importante para corrigir questões do roteiro de entrevista, possíveis erros para a validação e fidedignidade, objetividade para melhorar as questões temáticas e adequá-las aos objetivos do estudo, garantindo a validade interna das questões a serem abordadas posteriormente.

EXPOSIÇÃO VISUAL DA DISCUSSÃO DOS DADOS

Os relatos dos entrevistados, foram utilizados em forma de recortes no decorrer da discussão e serão destacados do texto usando-se a formatação em itálico e entrelinhamento simples, para facilitar a visualização, os professores serão designados como P e os técnicos como T e serão numerados de 1 a 13.

Retomando o objetivo deste trabalho, de descrever o conhecimento

acumulado de professores universitários e técnicos do Voleibol brasileiro sobre a pedagogia, aprendizagem e desenvolvimento do Voleibol, segue a análise das informações obtidas por meio de entrevistas realizadas individualmente com cada um dos participantes.

CAPÍTULO 07



RELATOS DOS TÉCNICOS E PROFESSORES DO VOLEIBOL NACIONAL

“Se o Mestre for verdadeiramente sábio, não convidará o aluno a entrar na mansão de seu saber, mas, sim, estimulará o aluno a encontrar o limiar da própria mente”. (Khalil Gibran)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, são descritos e discutidos os resultados encontrados na análise de dados, sendo, primeiramente, apresentada a caracterização dos professores em relação a sua idade, titulação, tempo como professor universitário, categoria da IES e sua relação com o Voleibol, antes de se tornar professor. Após, a caracterização dos técnicos em relação a sua idade, escolaridade, tempo como técnico de Voleibol, naipes da equipe com que trabalha, relação com o Voleibol antes de se tornar técnico.

No segundo momento deste capítulo, serão exibidos os dados separados a partir das quatro categorias norteadoras: Princípios Educacionais, Pedagogia do Esporte, Método do E-A-T e Organização do Voleibol em Longo Prazo.

PERFIL DOS PARTICIPANTES

Em relação às idades, os professores apresentaram uma média de 46,4 \pm 13,29 anos e os técnicos 48,2 \pm 7,29 anos. Sobre a titulação acadêmica dos 13 professores, 11 são doutores e 2 são mestres em processo de doutoramento; entre os técnicos, temos 1 doutor, 1 mestre e os demais são graduados em Educação Física¹². O tempo de atuação como professores das IES é de 19,5 \pm 12,00 anos, e os técnicos apresentam 26,8 \pm 7,74 anos de trabalho dirigindo equipes de Voleibol.

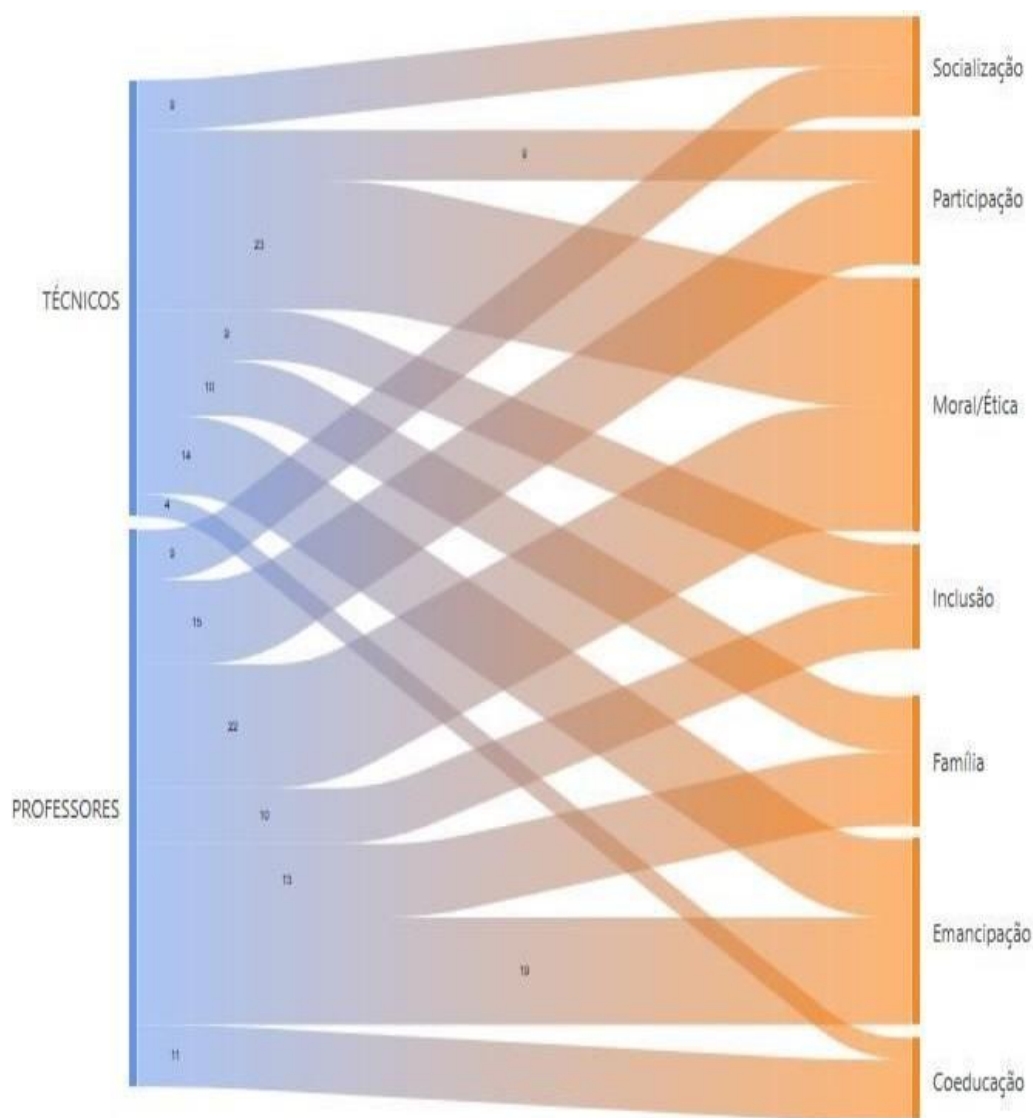
Dos 13 técnicos, 7 trabalham com o gênero feminino e 6 com o masculino, e dos 13 professores, 7 trabalham em IES federais, 4 em IES particulares e 2 em IES estaduais. Quanto à relação dos profissionais com o Voleibol, antes de assumirem a função, os 13 técnicos foram atletas; já dos 13 professores, 10 foram atletas de voleibol, 2 foram técnicos e 1 se interessava muito pela modalidade, a ponto de buscar maior conhecimento para poder assumir a disciplina.

¹² Para que os técnicos possam atuar em competições nacionais e internacionais, a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) cobra que tenham a certificação mínima de Nível 3, curso realizado pela própria CBV.

CATEGORIA - PRINCÍPIOS EDUCACIONAIS

Os princípios educacionais, quando bem utilizados, auxiliam na formação do caráter, disciplina e outros fatores que contribuem para a formação sociocultural e intelectual dos alunos, tanto dentro quanto fora de seu ambiente de atuação (SOUZA; FARIAS; NUNES, 2020).

FIGURA 4 – DIAGRAMA DE SANKEY RELAÇÃO CÓDIGO-DOCUMENTO PRINCÍPIOS EDUCACIONAIS



FONTE: ATLAS.ti.

A partir da Figura 4, percebe-se a distribuição das falas dos dois grupos de participantes, sendo maior a concentração no item Moral/Ética, demonstrando, assim, a preocupação dos professores na correta formação dos alunos.

Código Moral/Ética

Professores

O esporte convida a uma postura permeada pela atitude atinente ao respeito e ao reconhecimento de valores e conquistas (SANTOS JUNIOR; FURTADO; BORGES, 2023). Os professores, quando falam sobre esse item, mostram grande zelo para que o futuro professor tenha consciência de sua importância como formador de seus futuros alunos, como relata P12:

“esse discente, ele tem que entender, lá nos bancos universitários, a postura que ele vai ter depois quando ele ingressar no mercado de trabalho”. (P12).

Da mesma forma afirma P6, que

“tenta mostrar para os seus alunos que a escola é um local que tem valores e eles são pertinentes a cultura que nós estamos inseridos, por isso devemos estar sempre conversando sobre moral e ética”. (P6).

Nessa mesma linha de raciocínio, preocupando-se com a formação de profissionais éticos, P1 fala:

“temos que pensar na própria formação da identidade deles, como profissional eu entendo que essa ideia de formação moral/ética é muito importante”. (P1).

Seguindo esse viés da formação profissional, sobretudo quando o professor intervém com o esporte na sua atuação, os professores tiveram o

cuidado em mostrar que essa ação levará o futuro professor a deparar-se com múltiplas situações, as quais irão requerer uma ação interventiva, como expõe P5:

“o futuro profissional, tem que entender que, desde que o aluno inicia no esporte, tem que aprender a respeitar o colega, independente da etnia dele, da questão religiosa, da questão política”. (P5).69

Reconhecendo a importância do comportamento moral dentro do contexto pedagógico, os professores citaram muito a questão Moral/Ética em relação ao respeito às pessoas que estão envolvidas na prática pedagógica, como relata o P7:

“Eu mostro para eles isso, que é fundamental dentro da aula, do treinamento, que eles têm que ensinar para os alunos deles que não tem cor, não tem raça, não tem religião, não tem política, e nós devemos respeitar todas as diversidades, seja ela de qual for, pois isso está na formação de um cidadão ético, com moral e respeito a todos”. (P7).

Seguindo essa ideia, da formação de um bom cidadão, P2 e P3, em suas falas, corroboram a afirmação de P4:

“Imaginar que as aulas não podem ser esvaziadas de valores e sentidos, e que o professor tem que ter essa dimensão que além do ensino da modalidade, a técnica e a tática, está agregando algum tipo de valor, contemplando assim na formação da construção social de cada aluno”. (P4).

Cunha e Hellmann (2022) apresentam o esporte como um meio em potencial para a educação moral na formação das virtudes, dando assim um reforço no que P9 nos diz:

“tento embutir a noção de que esses alunos terão uma responsabilidade gigantesca, então normalmente sempre começo falando sobre os princípios, os valores, as regras e noções de convivência.”

Não esquecendo do fair play ou jogo limpo, P8, P11 e P13 sempre discutem muito com seus alunos sobre as regras do jogo, acusar o toque na rede, a bola tocada, que eles têm que ensinar para seus futuros alunos os princípios éticos, tanto da profissão educação física, quanto do esporte lembrando que esses conhecimentos serão levados para outros momentos tanto dentro quanto fora da quadra.

Concordando com Cunha e Hellmann (2022), é opinião do autor desta pesquisa que o esporte é um dos pontos importantes na educação da moral e, por isso, é de grande relevância sua inclusão na formação dos futuros profissionais, para que mostrem aos seus alunos/atletas a importância de ser uma pessoa honesta, justa e ética.

Técnicos

Na fala dos técnicos existe reconhecimento sobre sua responsabilidade como referência na postura dos seus atletas, independentemente da faixa etária e do gênero.

T2 confirma o pensamento da maioria quando diz:

“Eu sempre deixei como legado assim como uma orientação principal, que eu estava ali para ensiná-los a serem pessoas do bem, com uma excelente postura, tanto dentro quanto fora de quadra.” (T2).

E T13 comenta de uma outra situação importante que acontece

“quando eu me exalto no banco não é muito típico, mas quando acontece, digo que eu tive um momento, que não foi correto por que sei da minha importância como referência para elas”. (T13).

Uma expressão que se repetiu por diversas vezes, tanto com os professores quanto com os técnicos, foi fair play que, como Rocha et al. (2021) expõem, ainda não possui uma definição globalmente aceita, mas aqui se repetiu como uma mescla de comportamentos que estão de acordo com a moralidade dentro do contexto esportivo.

“A questão de quando cometemos uma falta, existe uma dúvida, mas o árbitro aponta falta contra nós, imediatamente reconhecer para ajudar a própria arbitragem”, diz T1 expressando que essa é uma das suas preocupações em relação aos seus atletas.

T9 reforça esse pensamento, quando conversa com seus atletas sobre essa postura *“é antiético o que você está fazendo, se está mentindo perante a regra que existe dentro da competição, dentro do nosso esporte, e isso com certeza é transferido para a vida”.*

A fala de T11 enfatiza a ideia do respeito:

“Devemos respeitar o adversário da melhor forma possível, e como isso acontece? Jogando bem, independente se o adversário é forte ou fraco, principalmente quando ele é mais fraco”. (T11).

Segundo Hague et al. (2021) a forma como o esporte é praticado, atualmente, pode colaborar ou não para a construção dessa postura. Os aspectos morais e éticos do esporte não aparecem de forma mágica, eles são resultantes de uma supervisão competente, capaz de estruturar atividades pedagógicas e experiências que assegurem aprendizagens positivas (WEINBERG; GOULD, 2017).

T7 expressa: *“eu tento aproveitar as situações do treinamento para tecer comentários além de ordem técnica tentar correlacionar isso com situações da vida.”*

Enquanto que, para T6, *“a parte que já é inerente ao jogo que é respeitar as regras, eu acho que isso aí já tem no esporte, a prática propriamente do vôlei já estimula naturalmente.”*

A declaração de T12, mostra a maioria do pensamento de todos os técnicos entrevistados:

“nós reforçamos também para que as nossas atletas não fiquem reclamando da arbitragem, brigando umas com as outras, a gente conversa muito para evitar isso porque tira o foco do que está fazendo.” (T12).

Pois, segundo Hague et al. (2021) a forma como o esporte é praticado, atualmente, pode colaborar ou não para a construção dessa postura. Sobre o assunto, assim se pronunciam os técnicos:

“Eu conduzo meu trabalho como conduzo a minha família os meus filhos, o princípio da educação, do respeito à hierarquia, do respeito ao espaço do companheiro e do adversário.” (T5).

“Acima de formar só atletas, nós também formamos o cidadão.” (T4).

“Primeira coisa em relação à moral ética eu acho que acima de tudo, toda relação qualquer que seja entre as pessoas, tem que ter respeito.” (T3).

“A gente respeitar o adversário da melhor forma possível é a melhor forma possível, e jogando bem, independentemente de qualquer adversário sendo ele forte ou fraco principalmente quando ele é mais fraco.” (T12).

“Um momento que a gente interfere e fala, você tocou na rede, você tem que assumir os seus erros isso é importante porque para frente os erros não serão somente esses.” (T8).

“Os atletas são cobrados pela sua postura correta dentro do jogo, o respeito aos adversários, arbitragem, a questão de quando somos pegos numa situação por exemplo de cometemos uma falta existe uma dúvida, mas o árbitro aponta falta contra nós imediatamente reconhecer para ajudar a própria arbitragem.” (T10).

Ensinar os atletas a respeitarem as regras e os adversários foram os principais pontos apresentados pelos técnicos, ainda mais agora que, nos grandes campeonatos, estão sendo utilizados os árbitros de vídeo mostrando o lance. Além de muito mais exposta, a postura de respeito será exigida e valorizada.

Logo, os aspectos morais e éticos do esporte não aparecem de forma mágica, eles são resultantes de uma supervisão competente, capaz de estruturar atividades pedagógicas e experiências que assegurem aprendizagens positivas (WEINBERG; GOULD, 2017).

Código - Participação

Professores

Quando questionados sobre o ponto da participação dos alunos dentro da prática pedagógica, o que mais se manifestou nas falas dos participantes foi o auxílio na preparação do ambiente. P3 comenta que na sua prática pedagógica reforça com os seus alunos, explicando:

“Como é que você se sentiria se chegasse na aula, todo mundo usasse bola daí todo mundo fosse embora e você ficaria sozinha(o), tendo que recolher tudo?” (P3).

Mesmo sendo graduandos do curso de Educação Física e tendo a consciência de que na sua atuação pedagógica os alunos terão que se expor para poder ministrar as aulas e/ou os treinos, ainda existe uma certa resistência dos alunos nessa participação pedagógica, como manifestam os professores P9 e P2:

“Eu estou tendo resultados muito interessantes, porque essas pessoas que estão vindo à frente elas estão perdendo o medo, eles estão prestando atenção na aula porque se eu chamar, ele tem que saber responder, mas mesmo assim é uma dificuldade trazê-los à frente.” (P9).

“Às vezes não dá muito certo, porque eles não são acostumados com essa participação, então quando eu falo assim: olha vamos ver como é que a gente vai fazer isso aqui, como é que a gente vai elaborar, eu tenho uma ideia aqui, mas eu acho que a gente poderia fazer melhor né? Parece que estou falando para as paredes.” (P2).

Para ajudar a resolver esse problema, uma das sugestões seria trazer para os alunos em formação como futuros professores, práticas pedagógicas e experiências que exigem comprometimento e responsabilidade docentes essenciais para a sua formação (MENEGON et al., 2018). Por essa razão, P1 e P7 definem suas metas de trabalho dos conteúdos nos processos pedagógicos e para observar a participação dos seus alunos, traziam turmas no horário de educação física para que eles aplicassem uma aula de Voleibol, enquanto os demais têm que auxiliar na preparação de toda a estrutura para a realização das aulas.

O incentivo à participação dos alunos nas aulas, dividindo as responsabilidades entre eles, e fazendo a cada aula a troca dos papéis na organização, aplicação e participação é a ação praticada por P4, P5, P8 e P11. Em alguns momentos eles serão os professores, em outras eles serão os alunos. P8 comentou que

“ele pede para que um aluno apresente alguma dificuldade maior, para ver como os alunos que estão ministrando a aula realiza a correção.” (P8).

Souza et al. (2021) reforça a relevância da participação do aluno, ou seja, que o mais importante é a participação efetiva na aula, para aumentar o seu conhecimento como futuro profissional da área e não só o desempenho, o que está confirmado pelas ações de P10, P12 e P13 nas suas práticas pedagógicas. No primeiro momento da disciplina eles ensinam sobre como organizar a prática, organizar como fazer, o por que fazer, o quanto fazer e, depois, demandam que os alunos coloquem em prática esses conhecimentos.

De que forma o professor irá solicitar a ajuda e a participação dos seus alunos, se ele na sua formação não teve essa experiência? Essa prática permite melhorias no aspecto pedagógico dos professores, ajudando assim no seu exercício como professor.

Técnicos

Em relação à participação efetiva nos treinamentos, os técnicos mencionam que a partir do momento em que o atleta entende que não é só ir e praticar, existe uma busca maior pelo conhecimento do jogo e das situações, como relata T9:

“Os meus atletas tiveram um ganho muito alto assim em relação à cognição e estratégica de jogo, a partir do momento que vieram pedir os materiais do jogo e no final do campeonato eles estavam discutindo comigo sobre as estratégias, isso foi muito interessante.” (T9).

Outros técnicos acompanham esse posicionamento:

“A organização era a seguinte: elas tinham que ajudar a carregar o caixote de treino, juntar as bolas, as mais novas em viagens sempre ficavam responsáveis pelo material.” (T1).

“Tenho uma linha tênue aí no desporto principalmente com jogadores que são mais velhos que vão tentar gerenciar para que eles fiquem bem, para que as coisas não sejam tão pesadas para eles.” (T7).

“Uma das primeiras coisas é na escolha da capitã, eu acho que já tenho um processo participativo delas, eu costumo fazer uma dinâmica.” (T6).

“O fato de uma atleta catar a bola no treino, limpar o chão que está molhado para que uma outra atleta não se lesione, para mim isso está intrínseco na relação da educação dentro do trabalho.” (T5).

“Sempre procurei trazer os atletas para tentar de alguma forma ajudar, contribuir com todos os momentos do treino.” (T4).

“Quando eles têm a noção de eles pedem material eles pedem os vídeos para assistir eu acho que o aprendizado está maior nessas situações do que nós.” (T10).

“Os meus atletas tiveram um ganho muito alto, assim, em relação à cognição estratégica de jogo, então a gente começou do nada e no final do campeonato eles estavam discutindo comigo sobre as estratégias.” (T9).

“A gente passa para eles que devem começar a tomar as decisões e ter mais responsabilidade, não é? E eu acho que isso começa a influenciar dentro da quadra também.” (T12).

Da mesma forma que Souza et al. (2021) reforçaram a ideia da participação do atleta nas sessões, o autor desta pesquisa concorda com a ideia de que é basilar para a formação do atleta esse auxílio nos momentos de treinamento, participando da organização e auxiliando os demais colegas na execução dessas atividades.

Coeducação

Professores

O escopo da coeducação não está somente na realização de atividades mistas, mas, também, na realização de vivências com atenção e tratamento iguais a todos, para propiciar um ambiente favorável às atividades que possibilitem a participação dos alunos por conta de seu gênero (MALVAR; SOUZA, 2021). Partindo dessa definição, se percebe que muitas vezes existe uma confusão no conceito, mas existe um zelo em manter esse ambiente favorável, como aponta P3:

Como eu explico para eles que, como a gente tem aula prática com masculino e feminino ao mesmo tempo, temos que explicar para os nossos alunos então controle de força, é não jogar bola em qualquer direção que possa acertar alguém. (P3).

P5 confirma esse cuidado na formação dos futuros professores:

“Dentro da aula, a coeducação está presente, você não pode fugir disso, a educação vem em primeiro lugar, antes da técnica, da tática e tudo mais, porque você vai formar professores que estarão atuando”.

Silva e Martins (2023) destacam que as ações dos organismos internacionais para incentivar a participação feminina nas atividades esportivas ainda não recebem o mesmo empenho dos esforços acadêmicos e científicos em compreender as especificidades de tal prática. Contudo, os professores que conhecem a definição de coeducação e deram seu depoimento sobre esse código, mostram a sua preocupação em fazer com que seus alunos entendam esse assunto tão importante.

Assim, P1 declara que esse futuro profissional, enquanto agente dessa transformação, deve entender que o papel dele é muito maior do que

simplesmente transmissor de conteúdo ou técnico esportivo, que ele tem a responsabilidade de ensinar os seus alunos sobre esse tema.

P4, P9 e P12 responderam que os alunos estão ali presentes para ter uma formação profissional, ou seja, ser professor. Eles não vêm ali para treinar Voleibol, para aprender só a técnica e a tática, existe um viés maior, que está em ser professor. Como irão conduzir a prática lá na escola ou um treinamento no clube, sem ter o conhecimento da importância da participação feminina?

Finalizando as falas, P8 comenta que, em sua prática pedagógica, não teoriza emoção, mas utiliza o esporte como uma ferramenta ótima para desenvolver esses aspectos de empatia, de se colocar no lugar do outro e entender a necessidade e importância da matéria.

A Coeducação é considerada uma prática na qual ambos os gêneros estão juntos e realizam juntos as atividades propostas pelo professor em sala de aula. É essencial que este momento de debates seja oportunizado e sejam problematizadas todas as questões essenciais à temática, tão discutida atualmente.

Técnicos

Quando foram questionados sobre o ponto da coeducação dos atletas dentro da prática pedagógica, o que mais surgiu nas falas dos participantes foi em relação ao auxílio da preparação do ambiente, conforme T2 falando da ajuda das alunas/atletas, em relação à preparação do ambiente para o treino:

“A participação delas na organização, era a seguinte: elas tinham que ajudar a carregar o caixote de treino, juntar as bolas, as mais novas em viagens sempre ficavam responsáveis pelo material”.

Para os técnicos, por mais que existam cobranças e situações, essa questão de gênero surge, mas como existe a modalidade do voleibol feminino, que propicia que a mulher tenha crescimento e destaque, não é uma situação tão marcante, como destaca T7:

“têm pessoas diferentes que pensam diferente, mas temos que aceitar as diferenças e temos que combater essas pessoas que têm uma visão errada dessa questão de gêneros”.

Pensando no assunto, T13 expressa a sua opinião, dizendo que:

“Essa é uma preocupação que não é mais do âmbito da educação física escolar, é no âmbito das escolas de esportes, dos clubes, a gente começa a desenvolver essa criança e ela passa pelas categorias de base e pode continuar como atletas profissionais, por isso eles devem ter essa conscientização dos problemas de gênero e saber respeitar.” (T13).

“Tem pessoas diferentes que pensam diferente, mas temos que aceitar essas diferenças, e nesse caso da coeducação, para mim não é problema, por que trabalho com o feminino.” (T1).

“É ignorar enfim a profissão porque temos que respeitar as escolhas, sim desde que as escolhas não causem nenhum problema no nosso trabalho.” (T2).

“Eu entendo que a partir do momento que o atleta entender que limpar o chão da quadra não é uma humilhação, ela vai passar a respeitar ou faxineiro da rua ou faxineiro do ginásio e a partir do momento que ela chega no ginásio e dar bom dia para as pessoas.” (T5).

“A participação da mulher no esporte, já é bastante grande, mas mesmo assim, precisamos mostrar a força dessas atletas.” (T9).

“Essa coisa de fazer com que as mulheres sejam reconhecidas, é muito importante e principalmente para nós que trabalhamos com o feminino.” (T11).

“Esse é um tema muito importante, e deveria extrapolar para outras áreas que não a esportiva, a sociedade tem que entender esse negócio da força das mulheres.” (T12).

Tamiozzo, Schwengber e Borges (2021) nos mostraram que a compreensão sobre a participação das mulheres nas práticas esportivas é significativa e coaduna com o posicionamento deste pesquisador, vez que essa temática já faz parte do Voleibol e as equipes femininas são referências na modalidade.

Socialização

Professores

Quando ouvimos as preocupações dos professores em relação ao assunto, percebe-se que nas citações destacadas existe a vontade de desenvolver esse tema nos futuros professores, como mostra P4:

“Eu insisto que eles têm que entender que como professores eles devem criar um ambiente saudável para esses jovens, pois quanto melhor esse ambiente, melhores serão as relações entre os alunos durante as práticas esportivas.” (P4).

Domínguez et al. (2020) destacam que as atividades pedagógicas se caracterizam também por adotar ações conscientes de atitudes, valores e aceitação dessas ações. Seguindo essa linha, P7 relata uma forma de ação:

“Exemplo alguém que não tem a mesma habilidade que os demais alunos, nós podemos diferenciar as regras para esse aluno, e podemos falar que é justo porque se a gente quer educar, nós temos que fazer com que todos evoluam e devemos fazer que ele se sinta melhor dentro do grupo.” (P7).

Para P1 o ambiente saudável tem fatores de proteção para esses jovens acadêmicos, então quanto melhor esse ambiente, maior a participação e com isso a socialização entre os alunos. P3 e P8 comentam de forma parecida que os alunos que são atletas de voleibol, que estão fazendo a disciplina eles ajudam muito, porque eles já têm o discernimento, passa a bola, dá uma Chapada na bola fraco para ir na mão, para que os demais tenham a oportunidade de realizar a atividade.

Um dos grandes desafios acadêmicos é a integração social e os professores colocam todo o seu empenho para que junto com o desenvolvimento das capacidades cognitivas de seus alunos, ocorra essa integração (SMITH-PALACIO, 2022).

Segundo P9 *“existe também a disputa de duas equipes então eu não consigo separar cooperação da competição em muitos momentos porque elas andam juntas a gente está num momento de união daquele grupo.”* P12 nos diz que: *“utiliza os pequenos jogos da integração, pois com eles, é onde ele vai conseguir integrar e socializar todos os alunos participantes da sua aula.”*

Reforçando que a disciplina é de Voleibol, P13 aborda essas questões de socialização dizendo que: *“não podemos esquecer que o jogo é coletivo, que tem que existir, os 3 toques, e que devemos preparar os futuros professores, para ensinar isso”,* P6 e P10 tem a sua prática bem semelhante e nos falam da importância de ter grupos de alunos bem heterogêneos, pois: *“automaticamente, eles aprendem a socializar, a respeitar as diferenças de seus colegas, dentre outros valores.”*

A prática do Voleibol como uma ferramenta na socialização dos alunos é imensamente importante e esse entendimento por parte dos professores é imprescindível. Por isso, esta pesquisa destaca a necessidade desse tema estar incorporado às discussões e debates nas aulas da graduação, pois, de acordo com Arruda et al. (2023), essa socialização o ajuda a se alçar nesse grupo e deveria facilitar sua adaptação no grupo.

Técnicos

Como Santos (2018) define, o homem é um ser social e necessita estabelecer relações interpessoais e, em nosso caso, quando falamos em prática esportiva temos que pensar na questão de um grupo homogêneo e que saiba se respeitar. Em vista disso, T10 diz que:

“Nesse aspecto da socialização, nós somos de um país tão grande, é difícil fazer um esporte predominantemente profissional, temos representantes de todas as regiões brasileiras, são diversas culturas e formações e temos que saber receber bem esses atletas.” (T10).

T6 expressa uma outra precaução nessa questão de socialização, quando conta uma nova situação:

“As últimas temporadas a gente vem trabalhando com atletas bem jovens, que não têm ainda tanta experiência nessa gestão. Em relação em grupo, então, temos que fazê-los entenderem como se relacionar com o grupo, como se dá melhor com o grupo, respeitar e receber bem os atletas mais novos e de diferentes criações.” (T6).

“Nós temos trabalhado sempre no sentido de coesão de grupo, assim a gente alerta muito para que na cultura do nosso time, a gente esteja aberto para receber as atletas de vários lugares.” (T2).

“As estratégias usadas sempre contribuíram muito para fazer uma inclusão e fazer o atleta se sentir parte de um processo, até porque nem todos seriam a grande estrela da companhia.” (T4).

“No início da formação do grupo, o meu auxiliar sempre me ajudava muito, porque nós tínhamos que formar um grupo, formar uma equipe com o mesmo objetivo.” (T3).

“Você também ter esse comportamento seja no trato com as pessoas que trabalham com você é o que cuida do ginásio que montou uma rede ou que coisa de estacionamento acho que isso é uma coisa uma forma de você mostrar regularidade que nós devemos ter não é a questão de ter atletas com outros direcionamentos.” (T7).

“Entre o aspecto da socialização, nós somos de um país tão grande, fazer o esporte predominantemente profissional, temos representantes de todas as regiões brasileiras, são diversas culturas e formações.” (T9).

“As últimas temporadas a gente vem trabalhando com atletas bem jovens, que não tem ainda tanta experiência nessa gestão. Em relação em grupo, então. É fazê-los entenderem a como se relacionar com o grupo, como se dá melhor com o grupo.” (T11).

“Socialização é eu acho que está inserida já dentro da atividade não é o esporte mais coletivo que existe? é o esporte que a gente precisa de todos trabalhando com um objetivo comum então as práticas, os treinamentos eles são todos inseridos no grupo.” (T12).

Rodrigues, Nunes, Pastore (2022) reafirmam que o Voleibol, por ser uma modalidade bastante coletiva, já faz o seu papel na socialização dos atletas, e essa é uma verdade que se vê na prática, porque mesmo sendo adversários, os atletas mantem relação de amizade, fora da quadra.

Inclusão

Professores

Alonso et al. (2021) explicam que a inclusão está relacionada a admitir a participação de pessoas com deficiência, P7 traz uma experiência em sua prática pedagógica:

“Uma vez um aluno que não tinha um dos braços, e ele se esforçava muito, ele queria mostrar que conseguia dar manchete, que conseguia dar um toque, em uma aula, ele veio com a prótese e falei assim, muito bem agora nós vamos jogar voleibol igual ele.” (P7).

Reforçando essa ideia da preparação dos professores em suas práticas pedagógicas, P11 aponta mais uma sugestão de atuação:

“Eu procuro criar situações problemas, para ver como que os alunos desenvolveriam as aulas em relação à inclusão de alunos com deficiências”.

Santos et al. (2019) dão força para a ideia da adaptação das práticas pedagógicas, possibilitando a participação dos alunos com deficiência. Pensando na inclusão como uma forma de socialização, P12 comenta:

“os pequenos jogos da integração, é onde ele vai conseguir integrar e socializar todos os participantes. E nesse ponto a gente chega na inclusão de diferentes pessoas.” (P12).

Corroborando com esse pensamento, P5 reforça, *“na disciplina, mostro para eles que a inclusão, ela deve acontecer em qualquer um dos espaços, tanto na escola como fora da escola, a gente precisa pensar nessa sociedade.” (P5).*

Chagas, Silva e Guedes, (2022) apresentaram a possibilidade de se gerar uma prática educativa que tenha relevância social a ponto de que o aluno se sinta incluído nessa prática, como P9 realiza:

“na maioria das vezes converso com a turma em uma roda, por que nós sempre conseguimos olhar para todos que estão ao redor, assim quando um fala o outro vai conseguir ver e entender o que o colega falou.” (P9).

P3 e P1 mostrando a sua prática pedagógica, dizem que:

“você faz um exercício com eles participando e como na maioria das vezes não tem uma pessoa com essa característica inclusiva eles apresentam como poderiam fazer isso para incluir as pessoas.”

Em uma forma mais prática, P8 apresenta que, *“no sentido das inclusões das diferenças, a gente usa muito o voleibol sentado, possibilitando essa experiência de jogar a modalidade”, incluindo também a modalidade paralímpica em seu programa educativo. (P8).*

Não podemos esquecer que o processo de inclusão deve ser processual e constante, dessa forma, P13 fala em:

“discutir as diferenças em questões físicas, deficiências ou transtorno do desenvolvimento da aprendizagem, são temas abordados junto com o ensino da disciplina” já P4 “coloca uma parte teórica para fundamentar o conhecimento e a parte prática demonstrando os exemplos de como isso pode acontecer e como eles podem agir em suas futuras aulas”. (P13).

Quando se fala em inclusão, vem em mente a questão da deficiência, mas temos que pensar também na inclusão das pessoas de uma forma geral nas práticas e, como formadores, posição em que o autor se inclui, os professores têm que mostrar para os alunos que muitas situações de não aceitação irão

acontecer e de que forma eles deverão se posicionar. Ferreira (2022) reforça esse pensamento, pois caberá aos futuros professores de Educação Física criarem estratégias pedagógicas, quando se almeja que ocorra uma maior interação entre os alunos, para que essa socialização aconteça de forma natural.

Técnicos

Entre os técnicos, em um dos poucos comentários em relação à inclusão de alunos com deficiência, T4 contou a sua experiência: “Eu tinha dois alunos especiais que faziam parte da escolinha, e nem por isso a gente fazia aula diferenciada para eles”.

Uma outra preocupação significativa dos professores/técnicos em relação ao tópico, foi o da inclusão social, pois, como Brotto e Rossetto (2017) mencionam, incluir também é dar possibilidades para a participação ativa de todos os atletas, no E-A-T da prática esportiva, desenvolvendo habilidades e competências que possibilitem compreender, transformar, reconstruir, criticar e usufruir as diferentes práticas.

Nessa categoria, os técnicos reconhecem que existem diferenças entre os atletas e promovem possibilidades de sucesso a todos. T8 comenta sobre um tema social relevante:

“Em relação à sexualidade, eu não vejo problema com a posição que ele assumir, contanto que dentro da quadra, quando esteja representando um grupo, esteja com uma postura que condiz com a postura de um atleta, e o grupo todo deve seguir essa postura, se eu ficasse só preocupado com a postura dele, eu estaria excluindo, e não é essa a ideia.” (T8).

Reforçando o conceito da inclusão de diferentes pessoas na prática esportiva, T12 relata que:

“Hoje nós vivemos em uma sociedade onde esse tema está muito em voga, então nós temos escutado, assistido, visto muitos atletas, levantando bandeiras

em relação às diferenças, e isso é muito bom, temos que pensar em uma sociedade mais tolerante.” (T12).

Anuindo a fala dos técnicos, Souza, Farias e Nunes (2019) expõem que o esporte nos convida à uma sociabilidade alicerçada na atitude, respeito, autoconhecimento e superação dos obstáculos físicos, emocionais, a cooperação, o incentivo de uns aos outros com relação ao respeito e ao reconhecimento de valores e conquistas pessoais e de grupo.

“E nessa questão da inclusão você também usa esses exemplos externos para trazer, por exemplo agora a gente está com a presença de bastante homossexuais e temos que respeitá-los.” (T7).

“Nós já temos estabelecido uma cultura de receber bem as pessoas e eu acho que isso está muito assim inerente a que as próprias meninas de lá são de outros lugares, então a maioria delas entende essa situação.” (T6).

“A primeira coisa em relação à integração social, que todos tratem todo mundo da melhor maneira possível.” (T1).

“O esporte sempre foi inclusivo, sempre teve jogadores de diferentes cores, diferentes raças, jogando voleibol desde sempre.” (T11).

“Em relação à sexualidade, eu não vejo problema com a posição que ele assumir, contanto que ele dentro da quadra, quando esteja representando um grupo, esteja com uma postura que condiz com a postura de um atleta.” (T12).

A maior preocupação com a inclusão deve ocorrer nas categorias de base, quando os atletas estão em formação, pois deve-se mostrar a eles que não podem ser excluídos outros elementos do grupo, uma vez que cada um tem a sua função dentro coletivo. Quando se trata de adulto e alto rendimento, refere-se aos profissionais, que em tese deveriam ter esse pensamento formado.

Autonomia

Professores

Nesse tópico pode-se citar o poder da escolha ofertada aos alunos, dando a possibilidade de serem responsáveis por suas práticas esportivas. Assim, P6 explica que uma de suas ações pedagógicas é:

“devemos estimular os alunos a ter essa autonomia, a buscar pesquisas, para poder criar outras relações e até confrontar as informações que a gente está passando, ou confirmar essas informações.”

Tardin e Souza Neto (2021) conceituam que o protagonismo dos alunos nos processos educativos guarda estreita relação com a autonomia e o empoderamento, desta forma P13 confirma esse posicionamento, dizendo:

“eu vou fazendo com que eles ganhem autonomia para, a partir dessa experiência, eles poderem construir uma maneira própria e uma organização baseada na lógica dos processos pedagógicos.” (P13).

Da mesma forma, P1 mostra para seus alunos que:

“ele possa enxergar o contexto de atuação e qual é o papel dele nesse momento da busca da autonomia dos alunos.” (P1).

P7 diz que:

“no próprio desenho do curso, 80% das disciplinas ainda são orientadas para uma lógica de reprodução dos alunos então você não gera oportunidades de autonomia.” (P7).

P4 “eu não acredito muito na emancipação transferida e sobretudo, uma emancipação que se dá do ponto de vista só cognitivo, quando a disciplina é bem sucedida, é quando o aluno minimamente incorpora um processo pedagógico e sabe justificar a importância dela. (P4).”

Aumentar a autonomia dos alunos para P5,

“É receber ferramentas para você ser professor, como você ensina lá na escola o minivoleibol, o voleibol 6 contra 6, o que o voleibol traz junto consigo é só a competição? e a formação educacional?” (P5).

“Eu comecei a ver funcionar a engrenagem de outra forma porque na quadra a gente quer muito que os atletas tenham autonomia que eles se comuniquem que eles saibam cobrar e ouvir que é uma coisa bem difícil, e como fica isso na sala de aula”. (P9).

“De vez em quando eu levo os alunos até alguma escola da prefeitura, uma escolinha de voleibol, uma equipe de voleibol para eles ministrarem aula, com autonomia total, eu coloco um objetivo e uma das coisas que eu observo é a tomada de decisão, como eles lidam com as diferentes situações”. (P11).

Ghidetti (2022) mostra que essa busca pela autonomia dos nossos alunos quanto a sua prática pedagógica, não atinge somente ao comando da conscientização, mas ela é mais ampla e está relacionada também à própria prática esportiva, e aqui no nosso caso ao voleibol. Seguindo esse conceito, P12 comentou:

“Eu falo para os alunos, se vocês querem um algo a mais, não é aqui na instituição que você vai ter, você vai ter que buscar outros caminhos e cada vez mais se especializar.”

“Para pensar na questão da autonomia deles como futuros professores ou até quem sabe, futuros técnicos, ter essa autonomia na escolha da formação, nos seus estudos” (P2).

E que tenha a capacidade de: *“assumir a turma, saber participar, saber o momento de ajudar, momento de falar, de fazer a parceria e colocar em prática o seu conhecimento”, como nos diz P3.*

A autonomia no exercício da profissão, na escolha dos conteúdos e na forma como atuar com os seus alunos é mais um conteúdo primordial a ser incorporado na formação dos futuros profissionais, desenvolvendo neles a capacidade de emancipação profissional, convergindo para o que Ghidetti (2022) apresenta.

Técnicos

Dentre as evidências observadas, surgiram situações que mostram a busca pela autonomia e T5 descreve como são criadas essas situações:

“No alojamento, elas têm que cumprir regulamento, serem disciplinadas, responsáveis, elas têm que cumprir horários, limpar o apartamento, estudar.” (T5).

Em relação à prática esportiva e à experiência em quadra, T3 aponta:

“Eles têm uma certa autonomia na tomada de decisões, por exemplo de questões táticas ou o de determinadas ações de jogo, melhorando assim a sua inteligência esportiva.” (T3).

Devido à imprevisibilidade da modalidade, o voleibol exige que em certos momentos os atletas tomem decisões muito rápidas, para resolver a situação do jogo (GRISI et al., 2022). Em sua entrevista, T4 fala que:

“Penso que todo técnico formador tem que se preocupar muito com essa formação do atleta, com a sua autonomia, em fazer com que ele saiba resolver as situações de jogo.” (T4).

Em um ponto muito pertinente, pensando no futuro dos atletas, T3 traz:

“Nós sabemos que muitos atletas não vão se tornar jogadores profissionais, mas vão seguir uma outra carreira, eu já encontrei atletas que são totalmente satisfeitos e agradecidos pela nossa contribuição, e isso os tornou grandes profissionais dentro de suas áreas.” (T3).

Assim como os demais técnicos:

“A capitã era responsável por fazer uma relação junto com as atletas, de número de camisa, tamanho do uniforme.” (T2).

“Eu fazia com que elas entendessem qual era o procedimento para a escolha dos números, quem tem mais tempo de casa, depois quem é mais velho, todas as regras que a gente propunha ali, que era em votação.” (T1).

“Eles têm uma certa autonomia na tomada de decisões, por exemplo, de questões táticas ou de determinadas ações de jogo.” (T7).

“Depende do grupo que você tem, dar autonomia não significa anarquia nem dar liberdade para mais, mas sim a pessoa tem que entender o processo.” (T9).

“No alojamento, elas têm que cumprir regulamento, serem disciplinadas, serem responsáveis, elas têm que cumprir horários, limpar o apartamento, estudar, se elas forem mal na escola, elas são afastadas do vôlei.” (T10).

“Penso que todo técnico formador, tem que se preocupar muito com essa formação do atleta, com a sua autonomia.” (T11).

“Tenho trabalhado muito a questão da autonomia das jogadoras de tentar fazer encontros com elas e estudos para que elas saibam definir o que deve ser feito no jogo que elas entendam mais o processo do jogo e não simplesmente executoras do que se pensa a comissão técnica.” (T12).

Quando se fala de autonomia no Voleibol, preconiza-se a inteligência esportiva na formação do atleta, apresentando-o as formas de ação durante o jogo e as possibilidades de atuação, acompanhando o pensamento dos técnicos entrevistados. Knoblochova et al. (2021) apontam que os atletas de Voleibol que têm um treinamento focado nessa orientação esportiva, obtêm maior autonomia nas tomadas de decisão e melhoram seu desempenho esportivo.

Família

Professores

Na relação com a família, os professores citam a distância que existe nesse convívio, pois como os alunos que frequentam a graduação são maiores de idade, em sua maioria, já têm uma independência, como conta P8, em sua experiência na IES:

“Nas universidades, de uma maneira geral, eles têm que ser autônomos em fazer matrícula, eles têm que fazer o horário, não é uma coisa muito certinha né, o sistema diz assim: você está aqui dentro, seja independente, mostrando que os alunos não dependem tanto dos pais.” (P8).

Um exemplo diferente de contato com a família dos alunos está no exemplo que P10 mostra:

“Na universidade eu já dei aula para alunos que traziam os filhos e eu fazia questão que eles participassem, porque muitas vezes os exercícios têm que ver

se dá para a criança realizar, porque uma coisa são os alunos da graduação fazer e outra é uma criança fazer.” (P10).

P2, P5, P7, P1 e P13 relataram que muitas vezes só conhecem os familiares dos alunos no dia da formatura. Como exemplo, segue a narrativa de P7:

“Existe uma relação com os familiares dos alunos? Infelizmente não, cada um mora numa cidade próxima então a gente acaba conhecendo os familiares só na formatura.” (P7).

P3 nos relata que nas universidades federais de uma maneira geral:

“São eles que tem que fazer a matrícula, têm que buscar o horário das aulas, e para resolver as situações, não é mais o pai que vem falar, é o próprio estudante.” (P3).

Apresentando uma outra situação, uma outra realidade, P5 nos apresenta que:

“Como eu estou na universidade particular e eu sempre tive esse contato muito próximo com a família, como eu tive a experiência na universidade pública, eu posso colocar isso que na pública não existe isso parece que a pública parece outro mundo.” (P5).

Outro exemplo interessante é de P9,

“Na universidade privada eu já dei aula para um aluno que trazia os filhos e eu fazia questão de eles participarem por que muitas vezes os exercícios aplicados tem que ver se dá para a criança, porque uma coisa são os alunos da graduação fazer e outra é uma criança fazer.” (P9).

Nesse momento de graduação, a participação da família na formação dos alunos é muito distante, principalmente em relação aos alunos de IES públicas, como os professores entrevistados comentaram, não sendo muito diferente nas IES particulares, apesar de a família participa um pouco mais.

Técnicos

Para os técnicos, essa relação é um pouco maior e acontece mais com os que trabalham com as categorias iniciais, como falam T6 e T11:

Nós temos que ter uma boa comunicação com a família e com a escola porque os/as atletas vêm para cá e estudam na nossa escola também, por isso a relação entre essa tríade vôlei, escola e família, é muito importante para o crescimento. (T6).

A nossa postura como educador tem que ser clara para a família, porque se os pais não gostam de você, não vão levar o/a filho/a para treinar, se não conhecem os seus princípios, não vão ser loucos de deixá-los/las nas tuas mãos, por isso esse contato com os pais é muito importante. (T11).88

T4, T9 e T13, que atuam com as categorias maiores, revelam que têm muita dificuldade na relação com as famílias de seus atletas, que estão buscando melhoria nesse relacionamento. Enquanto T1, diferente dos demais colegas, informa o seguinte:

Eu tenho muito acesso, eu gosto que as famílias estejam próximas, então tanto no treinamento, quanto nos jogos, as crianças entram na quadra e brincam, e também eu faço algumas perguntas em relação à família, gosto de que eles estejam presentes, acho isso muito positivo para o grupo. (T1).

Fabris, Morão e Machado (2021) defendem a participação da família dos atletas, quando dizem que o papel da família é essencial para o sucesso e continuidade no esporte, de modo a tornar uma experiência agradável e

motivadora, promovendo o bem-estar com a prática, assim como o desenvolvimento e crescimento, não apenas como atleta, mas também como ser humano.

Assim se pronunciavam alguns técnicos:

“A maioria dos pais, apesar de eu manter uma certa distância, sempre teve uma abertura muito grande para conversar sobre as situações.” (T2).

“É uma relação muito pequena, quase não existe, penso que por ser masculino, os pais deixam mais livre.” (T7).

“Nós vamos educando os pais também, às vezes eles estão lá no Sub 19 assim já tem 6, 7 anos acompanhando, é diferente então a minha comunicação com os pais das meninas maiores para resolver alguns problemas de escola.” (T10).

“Muito acesso eu gosto que as famílias estejam próximas então no treinamento sempre as crianças entram no final do treino na quadra brincavam nos jogos, e também eu faço algumas perguntas em relação à família.” (T12).

Os pais desempenham um papel importante durante os primeiros anos de desenvolvimento do atleta, dando a seus filhos a oportunidade de experimentar vários esportes e fornecendo os recursos necessários para nutrir seu desenvolvimento esportivo (COUTINHO et al., 2021).

Partindo do pensamento da autora, pensamos que na iniciação do voleibol, a participação da família é extremamente valorosa, dando todo o apoio e suporte que o novo atleta precisa. No entanto, em se tratando de equipes adultas e a família continuar sendo muito importante, sua participação e proximidade aos treinamentos vão diminuindo.

Síntese integradora dos depoimentos dos professores universitários e técnicos de elite sobre os princípios educacionais.

Esta categoria apresentou muitas convergências entre os professores, técnicos e a literatura, pois mesmo sabendo que cada grupo irá formar um tipo de profissional diferente, todos têm a função de formar cidadãos e cidadãs que devem ter princípios éticos morais e, principalmente, porque com as mudanças nos estilos de vida e nas relações inter e intrapessoais, tanto os futuros profissionais como os atletas devem ter esse conhecimento e essa formação, uma vez que eles têm uma relação social fora das quadras esportivas e pedagógicas.

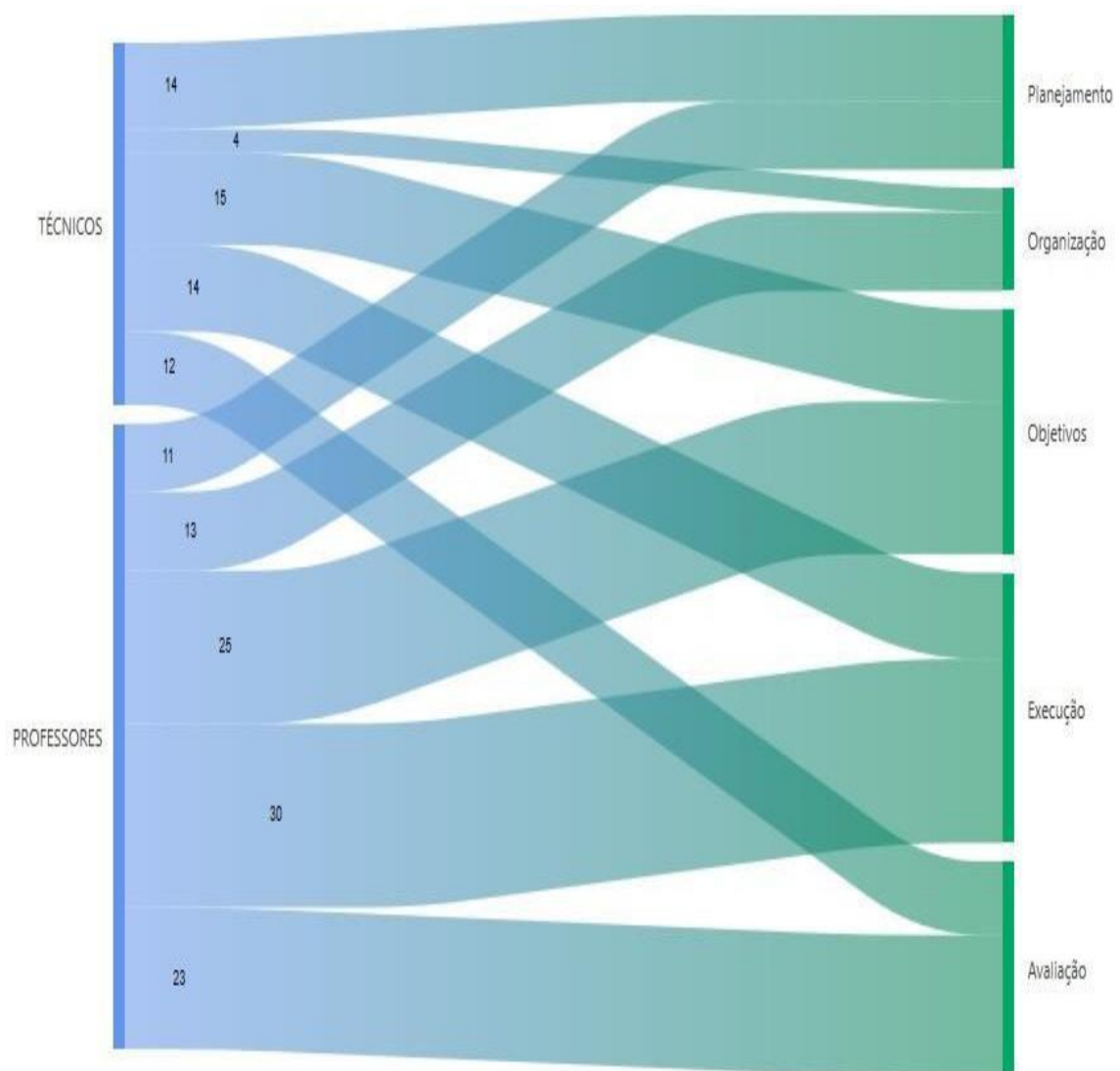
Na relação da autonomia, os dois grupos de formadores têm como principal objetivo fazer com que seus alunos/atletas possam tomar decisões de forma correta dentro dos processos pedagógicos de E-A-T. Os atletas, com a inteligência esportiva, e os futuros professores, com o conhecimento para ensinar.

O único tópico que apresentou divergência foi a relação com a família, pois uma boa parte dos professores relataram que: “só conhecem a família dos alunos no dia da formatura”, diferentemente de alguns técnicos, que relataram que “têm uma boa relação com os familiares, principalmente por que além de atletas, existe a relação com a escola”, mostrando que os ambientes de ação são diferentes e possuem as suas particularidades.

UTILIZAÇÃO DOS CONCEITOS DA PEDAGOGIA DO ESPORTE

Turchetto, Calabria e Nobile (2020) manifestam que a PE, quando utilizada no voleibol, organiza, sistematiza, aplica e avalia os procedimentos pedagógicos, com o propósito de formar alunos inteligentes, ou seja, capazes de lidar com os problemas do jogo.

FIGURA 5 – DIAGRAMA DE SANKEY RELAÇÃO CÓDIGO-DOCUMENTO PEDAGOGIA DO ESPORTE



FONTE: ATLAS.ti.

No tópico da utilização da PE na prática pedagógica dos professores (Figura 5), observa-se que dois códigos são mais citados em relação aos demais, mas os dois grupos se utilizam dos conceitos para organizar a sua prática, como abordado na sequência.

Planejamento

Professores

Planejar é antecipar um conjunto de ações a serem realizadas e agir de acordo com o previsto. Planejar não é, pois, apenas algo que se faz antes de agir, mas é também agir em função daquilo que se pensa, dessa forma temos os depoimentos de P7 e P11, que explicam a sua prática em relação a esse tópico:

“Eu tenho um semestre de voleibol e muitas vezes com calendários de provas, provas substitutivas, exames e revisões, tenho que planejar conteúdos que seja suficiente e adequado para cumprir os objetivos”. (P7).

“Eu separo a disciplina de voleibol, por unidades, e cada unidade tem um objetivo específico, então dentro desse objetivo que eu planejo, como que será a minha aula” (P11).

Segundo Galdina e Cardoso (2021), o planejamento é um documento que possibilita aos professores traçarem metas, definir estratégias, metodologias, organização dos conteúdos a serem desenvolvidos, objetivos a serem alcançados dentro da sua prática pedagógica. Reforçando esse conceito P13 e P5 contam como trabalham com seus alunos:

“Planejo ao longo do tempo as progressões que eu espero que aconteçam e só que a progressão é uma coisa que eu sempre discuto com os alunos, para eles entenderem que planejar é muito importante.” (P13).

Bom, esses conceitos eles são todos trabalhados na prática pedagógica e na formação profissional dele por exemplo ele vai dar uma aula como que ele organiza essa aula, como que ele planeja, como que ele estrutura as tarefas motoras que ele vai trabalhar na aula, como que ele faz uma avaliação todo esse processo ele é extremamente trabalhado você trabalha ponto a ponto. (P5).

Seguindo a definição apresentada acima, P2 nos fala que:

“Eu tenho um semestre de voleibol e muitas vezes com calendários de provas, provas substitutivas, exames e revisões, tenho que planejar conteúdos que seja suficiente e adequado para cumprir os objetivos.” (P2).

P1 comenta: *“eu tenho um desenho muito adequado do que é a programação dos conteúdos, na minha cabeça, eu só coloco nas datas disponíveis.”*

No pensamento de P3, *“o plano de sessão, é necessário que o aluno tenha anotado, então, eu mostro que na época que eu comecei a trabalhar, a gente anotava em papel quadriculado fazia tudo à mão né.”*

“Eu tenho um planejamento da aula que está dentro dessas fases desse processo pedagógico, mas eu tenho também o subsídio da ementa.” (P9).

“Eu separo a disciplina de Voleibol, por unidades, e cada unidade tem um objetivo específico, então dentro desse objetivo que eu planejo, como que será a minha aula.” (P12).

“No primeiro momento eu separo, o planejamento e a organização, já tratando desses 2 cenários na minha prática pedagógica.” (P8).

Durante o planejamento do processo pedagógico é indicado que sejam listados os objetivos que se almeja alcançar em determinado período, que

precisarão ser ensinados e direcionam um determinado foco para qual conteúdo serão desenvolvidos (LEONARDI et al., 2021).

Seguindo os depoimentos e as experiências, e com apoio da literatura entende-se que o planejar é muitas vezes automático, sendo usual para os professores pensarem em todas as atividades que serão realizadas, podemos assim ser classificado como planejamento.

Técnicos

Seguindo a linha de raciocínio do planejar de acordo com os seus objetivos, T3 explica como age:

“Tudo começa pelo planejamento, porque sabemos os nossos objetivos e quais os campeonatos iremos disputar.” Essa ação é reforçada por T7: “eu faço um planejamento anterior baseado no calendário do que vai acontecer.”

O processo de seleção dos conteúdos do E-A-T deve estar comprometido para que os alunos os compreendam como instrumentos teóricos e práticos para enfrentar os desafios e problemas da prática esportiva (GALDINA; CARDOSO, 2021), corroborando com o pensamento das autoras, T6 conta:

“Nós fazemos um trabalho geral, depois planejamos especificamente para fazer os ajustes prevenção/correção/treinamento específico por função, algumas vezes os/as alunos(as)/atletas mudam de função, eles/elas até o ano anterior estavam jogando atacando agora vão levantar era ponteiro e agora vão ser líbero, tem categorias que mudam ali que não tinha líbero até determinada idade agora passa a ter, por isso no planejamento, também temos que pensar no grupo que vamos estar trabalhando.”

Além dos objetivos dos campeonatos, T10 mostra que também procura planejar pensando no desenvolvimento dos seus atletas.

“Há um planejamento. nós fazemos para a equipe, baseado na individualização, porque cada um é um. Além das ações do jogo da nossa equipe, que dão demandas físicas diferentes, e cada indivíduo tem uma característica, de personalidade de atuação, de engajamento no grupo.” (T10).

Sobre o tema, seguem os comentários dos técnicos:

“Eu faço um planejamento anterior baseado no calendário do que vai acontecer.” (T1).

“O planejamento inicial quase que ele independe no meu ponto de vista, de muitas individualidades há então o aquele primeiro mês a gente trabalha com muita variabilidade e muita observação.” (T2).

“A gente faz um trabalho geral e depois planeja especificamente para fazer esses ajustes prevenção, correção de treinamento, treinamento específico individual.” (T5).

“A minha base de planejamento é com uma observação individual dos atletas.” (T8).

“Tudo começa pelo planejamento, porque sabíamos os objetivos e quais os campeonatos iríamos disputar.” (T9).

“Há um planejamento. A gente faz pra equipe, nós desenvolvemos um treinamento baseado na individualização, porque cada um é um.” (T11).

“Você pegar um modelo de periodização, de planejamento ele é lindo colorido então fica sensacional e aí passa uma semana dentro daquele planejamento, a pessoa não avaliou as respostas do seu do seu próprio treinamento e aí muda tudo.” (T12).

“Para mim tudo tem que ser planejado eu acho que é o meu primeiro passo então eu vou lá vou ver qual que é o meu objetivo.” (T13).

Da mesma forma que planejar é importante na formação acadêmica, no treinamento, esse planejamento dá o direcionamento para toda a preparação da equipe e na formação dos novos atletas, principalmente quando os atletas percebem as mudanças no treino, tanto na sua preparação como no seu desenvolvimento, pelo envolvimento e organização e planejamento na preparação; como apresentam Fernández-Echeverria et al. (2021).

Organização

Professores

A organização na PE, trata da construção de um ambiente favorável, pensado e alinhado com base na prática pedagógica em que se insere, onde se criem relações entre o E-A-T e o cotidiano dos alunos (GACHET; LEONARDI; PRODÓCIMO, 2017). No receio de que o futuro professor, tenha essa preocupação com a organização da sua prática pedagógica, P1 manifesta que:

“Antecipadamente você tem que estruturar todas as tarefas motoras que você vai trabalhar na aula, se você vai trabalhar um fundamento, um encadeamento de ações, tudo isso tem que ser pensado que material você vai usar, como que você vai fornecer o feedback.” (P1).

Sobre o tema P4 fala que:

“no início do semestre já entrego um plano de ensino para eles, com todos os conteúdos, até mesmo se ele quiser antecipar o estudo de algum conteúdo é possível, assim ele pode se organizar nos seus estudos.” (P4).

“A minha organização é assim: durante a prática eu tento trazer por unidades, eu tenho lá as unidades do meu conteúdo programático e sigo eles.” (P2).

Da mesma forma controlando as unidades do seu conteúdo programático, P6 explica que:

“Após 3 ou 4 encontros, eu retomo a unidade, então eu organizo meu plano normalmente por unidades.” (P6).

“No primeiro momento da disciplina eu apresento o meu plano de ação, a forma como organizo, eu explico para eles, eu faço 1 ou 2 aulas teóricas de voleibol, dos 4 encontros que a gente tem em um semestre.” (P7).

De acordo com Maciel e Tullio (2020), a organização dos processos pedagógicos devem fazer parte da rotina dos professores, elaborando as expectativas de atingir as propostas pedagógicas estabelecidas.

“Você tem que ter, a agenda do professor, o que você trabalhou na aula, você deu uma aula na segunda, como é que você vai dar aula na quarta, se não tem uma relação com a segunda?” (P8).

“Na primeira aula já apresento o cronograma da disciplina, apresento como a gente vai trabalhar e com quais perspectivas do conteúdo que será desenvolvido na disciplina.” (P10).

“O que eu tenho feito agora, eu tenho chegado na aula, coloco no quadro o que eu vou fazer, nesse semestre, eu sigo a ementa então todos os exercícios que eu vou fazer estão dentro do das fases desse processo pedagógico.” (P11).

P12 nos explica que: *“outra coisa é você ter toda essa organização, você consegue quantificar e se certificar que todos os conteúdos planejados, estão sendo atingidos.”*

Na Pedagogia do Esporte, os temas não conseguem existir de forma separada, se não for realizado um bom planejamento, a organização da disciplina não acontece de forma correta, atrapalhando o trabalho do professor. Reforçando esse pensamento, Leonardi et al. (2021) dizem que as etapas de planejamento e de organização dos conteúdos, são complementares e são inerentes à prática pedagógica.

Técnicos

Enquanto T2 e T8 apresentam a sua relação com a organização, um de uma forma a mostrar a relação da equipe técnica, e o outro pensando na ação do próprio professor/técnico:

“Na Comissão Técnica, cada um tem o seu objetivo, ninguém ia assistir porque assistentes não assiste, ele ajuda e é parte integrante do processo, sempre gostei de trabalhar e dando total liberdade aos meus assistentes e a toda a comissão técnica, tanto na equipe quanto na seleção.” (T2).

“Para mim a organização do treinamento é fundamental para um treinador que está começando e para um treinador, que já tem experiência, demonstra respeito a todos os envolvidos.” (T8).

Organizar os meios para garantir a intencionalidade e a funcionalidade da prática pedagógica, é um dos objetivos da PE, tentando relacionar e aproximar a teoria da prática (práxis) (LEONARDI; BERGER; REVERDITO, 2019).

T1 expõe que, “através das anotações do treino, através dos vídeos dos treinos você vai percebendo a situação, vai criando as rotinas que vão ajustar ou vão auxiliar no desenvolvimento daqueles problemas ou daquelas dificuldades.”

A organização dos treinos e de toda preparação para as competições, fazem parte do dia a dia dos técnicos e todos tem um pensamento muito parecido

sobre o assunto. E quando se vai em busca de resultados, é de fundamental importância ter tudo muito bem organizado e gerenciado.

Objetivos

Professores

Berger, Ginciene e Leonardi (2020) expressam que, nos objetivos da PE, os professores têm que levar o aluno não a um acréscimo de conhecimento, mas à sua construção. Para equilibrar esse processo, torna-se indispensável que os professores considerem uma abrangência maior de conteúdo, principalmente quando objetiva a formação do cidadão (BERGER, 2021).

Concordando com os autores, P2 fala sobre a sua ação pedagógica:

“O grande objetivo da minha disciplina é que eles não vão dominar todos os fundamentos, não vão dominar os sistemas de jogo, mas se eles conseguirem dominar como eu planejo, como eu executo e conduzo o treinamento e como eu avalio, aí eles conseguem transferir isso para qualquer outro esporte.”

Reforçando o discurso dos professores, P10 explica sua visão:

“O principal, é reter, aprender, desenvolver um processo pedagógico para o ensino do voleibol, sobretudo para crianças e adolescentes. Esse é o principal objetivo da disciplina, seja na licenciatura ou bacharelado, pois, no ensino superior, o teu objetivo não é formar atleta, mas é transmitir um processo pedagógico” (P10).

Para isso, uma das funções essenciais da Pedagogia do Esporte, é a busca constante por relacionar e aproximar a teoria e a prática – práxis (MILISTETD et al., 2020).

Mostrando a importância da formação dos futuros professores, P8 discorre sobre um dos seus objetivos:

“Ele tem que ser formado na questão da educação, em primeiro lugar a questão pedagógica, ele tem que saber os processos pedagógicos, quando ele vai para a prática vai entrar a questão como que ele vai ensinar os fundamentos o processo pedagógico, o processo educativo, como que ele vai ensinar o jogo.”
(P8)

P1 menciona que *“dar essa clareza para eles de como agir, é realmente o objetivo que eu tenho na disciplina porque eles podem transpor isso do voleibol também para outras modalidades esportivas.”*

Seguindo essa ideia de fazer com que o conhecimento adquirido, possa extrapolar para outras disciplinas, P13 nos fala que:

“O grande objetivo da minha disciplina é que eles consigam transferir o que aprenderam para qualquer outro esporte.” (P13).

“A vivência corporal é um dos meus objetivos, porque eu acho que o aluno ficar sentado lá na sala de aula, ele não vai conseguir entender o jogo ele não vai conseguir se apropriar do jogo que é outro grande objetivo.” (P3).

“No ensino superior, o teu objetivo não é formar atleta, mas é transmitir um processo pedagógico e formar novos profissionais.” (P4).

P13 pensa da mesma forma dizendo que:

“Eu ressalto a importância do processo pedagógico incorporado, não é uma vivência pela vivência, não é uma dicotomia, entre teoria e prática.” (P13).

Para P12 “se o meu aluno da universidade, conseguir transmitir uma cultura do voleibol para que os alunos dele possam no final de semana em uma rede na praça da cidade, consiga jogar minimamente, usufruir do prazer que é jogar voleibol, já alcançou o objetivo.”

“O meu objetivo com eles é que ao final do curso, eles conheçam o básico do voleibol, para que eles possam dar aulas em escola ensinando as habilidades que a criança precisa para saber brincar de voleibol.” (P7).

“O principal objetivo com relação ao conteúdo voleibol é fazer com que eles entrem naquele universo do voleibol entendendo que por trás da modalidade, tem toda uma estratégia, uma lógica, um porquê que um indivíduo, por exemplo, deve se posicionar dessa forma em quadra.” (P9).

De forma mais simplista possível, P5 nos disse que:

“Meu objetivo no final dessa disciplina é que o aluno saiba o que é o Voleibol”.

Seguindo essa fala mais direta, temos P12:

“Quando o aluno entende a sequência pedagógica, ele entende qual é o objetivo, que é o que ele pretende alcançar através da execução dele” e P13 tem como objetivo: “que o meu aluno, seja capaz de conduzir o processo de ensino aprendizagem desde a base, a iniciação, até o alto rendimento.” (P12).

Esses objetivos, que foram listados durante o planejamento do processo pedagógico, segundo Leonardi et al. (2021), pressupõem que algo precisará ser ensinado e direcionam (intencionalmente) um determinado foco para qual (ou quais) conteúdo(s) serão desenvolvidos.

Para nós professores, o grande objetivo da formação vai além de somente ensinar os conteúdos, pensamos também na ideia de formar profissionais éticos,

conscientes de suas responsabilidades, mas também que saibam compartilhar o seu conhecimento.

Técnicos

Mostrando que na prática esportiva também é possível pensar nessa relação entre teoria e prática, T12 fala da vinculação do pensamento dos atletas em busca dos objetivos do grupo.

“O grande objetivo dos atletas era jogar voleibol em alto nível, mas o objetivo do grupo era tentar ficar homogêneo na questão técnica, porque se não estivesse, não podíamos avançar na parte tática para onde achava que era necessário evoluir.” (T12).

Uma das orientações está relacionada à criação de um ambiente positivo para o desenvolvimento de relações intra e interpessoal, e ao desenvolvimento de oportunidades para que os atletas vivenciem diferentes papéis (MACHADO; GALATTI; PAES, 2015).

T1 e T11 contam dessa preparação do ambiente, principalmente no tocante a criar situações em treino para que sejam colocadas em prática no jogo.

“No jogo importante que você quer que a atleta ataque uma bola diagonal curta no momento decisivo e você não corrigiu isso, você não deu tempo para que ela fizesse isso, você não promoveu o ambiente para que ela fizesse?” (T1).

“Nós definimos alguns objetivos para a equipe e com o tempo a equipe se define entre os objetivos de performance. Os sistemas são montados a partir das características percebidas das jogadoras que formam a equipe, e nos treinos criamos as oportunidades para que elas aprimorem as suas habilidades”. (T11).

“Temo objetivo geral do time e temos objetivos específicos por posição.” (T2).

“Nós temos uma metodologia de todo mundo ter que fazer uma manchete igual, tocar igual desde o mirim, então os objetivos são definidos pela instituição.” (T3).

“Nós temos competições que a gente pula aí né conforme a literatura também preconiza e competições preparatórias, e temos as de controle, sempre pensando nas competições mais importantes.” (T6).

“A gente tem as nossas competições principais não é cada uma com um foco então temos preparatórios que a gente vai tentando deixar naquilo que a gente espera chegar em algumas que nós consideramos principais.” (T8).

“O objetivo do grupo era tentar ficar homogêneo na questão técnica, porque se não tivesse homogênea a questão técnica, não podíamos avançar na parte tática para onde achava que era necessário evoluir.” (T10).⁹

“A gente define alguns objetivos para a equipe, são objetivos de performance e vitórias.” (T12).

Concordando com os dizeres dos técnicos, temos que quando ocorre um treino, com o objetivo de trazer uma situação de jogo, é fundamental para o Voleibol por ser uma modalidade complexa e com um alto elemento tático, requerendo que a sessão esteja o mais próximo da partida (MARQUES, 2022).

A partir da experiência, do embasamento teórico e dos depoimentos dos técnicos, podemos observar, que toda a relação do dia a dia dos treinamentos e dos jogos, estão atrelados a um objetivo, que faz parte de todo o planejamento.

Execução

Professores

Ao ensinar uma modalidade deve-se usar a melhor forma pedagógica de ensino, não se ocupando somente dos gestos técnicos, que prevalecem no E-A-

T a partir da reprodução e repetição, a qual pode deixar lacunas no desenvolvimento dos alunos (TURCHETTO; CALABRIA; NÓBILE, 2020). Mostrando sua preocupação com o E-A-T dos futuros professores, P3 mostra exemplo de sua atuação pedagógica:

“Eu uso muito na minha disciplina, a prática experiencial, a construção deles em trabalho conjunto, muito desse estímulos para eles entenderem a contextualização dos processos de ensino-aprendizagem-treinamento.” (P3)

Na busca dessa melhor forma pedagógica, para ajudar na formação de seus alunos, P12 explica como funciona a disciplina em sua IES:

“É uma disciplina teórico-prática, são 60 horas e nas primeiras aulas eu acabo trazendo alguns conceitos, textos e elementos mais teóricos, normalmente dá quase a metade da disciplina, mas sempre é teórico, prática e depois na segunda parte é mais prático, eu fico mais na quadra.” (P12).

P5, pensando nos ajustes da execução dos conteúdos, apresenta: *“se aprendeu o minivoleibol para ensinar lá na educação física escolar, trabalha o minivoleibol e vai progredindo até chegar no voleibol 6 X 6.”*

Para P8 *“na parte dos conteúdos nós vamos discutindo a relação entre a teoria e a prática e na medida do possível vamos construindo a disciplina juntos.”*

P1 nos diz que: *“a disciplina ela tem um tronco comum independente se é licenciatura ou bacharelado ela é basicamente a mesma disciplina o que vai diferir é que na licenciatura, nós estamos sempre mostrando como ele irá utilizar aquela unidade daquele conteúdo dentro do ambiente escolar.”*

“Quando a gente vai colocar isso em prática, há vários limitantes aí que fazem com que você não consiga alcançar todos esses objetivos e coloca-los em prática.” (P10).

Visando dar conteúdo nos próximos depoimentos, que para obter resultados satisfatórios e auxiliar na execução um dos elementos mais importante, é a motivação, e nesse ponto os professores entrevistados têm uma grande preocupação (FERNANDES; GÓIS; CORREIA, 2023).

E nesse ponto os professores entrevistados têm uma grande preocupação:

“A gente usa o treino das equipes universitárias também para eles observarem, na prática, a aplicação de todos os conceitos.” (P2).

“Eu vou pedindo para que os alunos comecem a criar e demonstrar processos pedagógicos e eles próprio é criarem alternativas, ou crie uma perspectiva de um jogo reduzido.” (P4).

“Você tem que colocar o aluno para ver dentro das próprias aulas que ele desenvolva proposta que ele crie alternativas que ele consiga organizar algumas aulas a partir desse modelo.” (P11).

É preciso realizar as atividades com os alunos, mostrando o porquê dos movimentos, das técnicas, levando-os a entenderem a importância de determinada atividade, e isso só será possível, se o professor transmitir o conhecimento de forma coerente (NETO; ROCHA, 2019).

“Outra atividade, é fazer um festival de Minivoleibol que eu só aviso no dia, eles não sabem que vai ter, então eu falo assim: vocês vão cuidar da organização desse festival.” (P7).

Saber que não se vive só de teoria e que a prática é determinante deve ser um dos atributos do professor responsável pela formação, pois os alunos têm que passar pela experiência da quadra e da sala de aula, para poder se introduzir no mercado de trabalho, sem ter tantos problemas.

Técnicos

Pensando no seu dia a dia em quadra, T4 coloca em prática o pensamento dos autores e fala sobre isso:

“Vou desenvolver na sessão de treinamento um processo para que eu chegue a essa situação problema, então, se é um trabalho de contra-ataque, eu vou fazer algumas situações, eu vou fazer de repente uma situação de ataque contra bloqueio.” (T4).

T13 segue a mesma linha de cuidado em executar as suas práticas esportivas, cumprindo o que foi planejado e expõe: *“Se eu vou jogar contra um time que tem cinco saques flutuado, e um saque viagem, não tem sentido na segunda-feira fazer um treino de recepção com a simulação de saque viagem, isso não tem lógica nenhuma.”*

T2 *“dentro da quadra eu faço um paralelo junto com o assistente, entendendo quais são os nossos objetivos e qual é o nosso período de treinamento.”*

T3 *“nós vamos carregar um pouco mais na sexta e no sábado porque não vai ter prova no outro dia né então o treino de sexta e sábado são os treinos principais.”*

T6 *“é saber o que que está bem o que é que está mal, o que tem que melhorar qual o atleta está destoando para bem ou para mal e treinar.”*

Concordando com as falas dos técnicos, Marques Junior (2019) apresenta que, nesse tema da execução dos treinos, as informações de intensidade do treino só podem ser utilizadas pelo treinador na realização dos treinos técnico e tático, porque nessas sessões é possível realizar um controle subjetivo do esforço dos atletas.

T7 “ao longo dos dias que você consegue colocar algumas condições coletivas, você começa a desenhar realmente a tua equipe e dali você desmembra todo o processo pedagógico para você chegar onde você quer.”

T8 “você vai na verdade retroalimentando a questão técnica, a questão tática, vai ajustando o trabalho dentro do treinamento.”

T9 “vou desenvolver na sessão de treinamento um processo para que eu chegue a essa situação problema, então se é um trabalho de contra-ataque eu vou fazer algumas situações eu vou fazer de repente uma situação de ataque contra bloqueio.”

T10 “por exemplo, se eu vou jogar contra um time que tem 5 saques fluuado, e nenhum saque viagem, não tem sentido na segunda-feira fazer um treino de passe de viagem.”

T12 “sei que terça e quinta eu gosto de trabalhar muito a defesa, até porque eu estou dentro do ginásio maior, então dá para trabalhar por causa do espaço.”

Os treinos técnicos táticos, segundo Rodrigues et al. (2020), devem caminhar juntos. Para a obtenção de bons resultados, todos que estão participando da sessão devem se doar totalmente, pois sabemos que o voleibol é um esporte coletivo e toda equipe deve trabalhar de forma unida e coerente.

Treinar para poder executar os fundamentos de forma mais eficiente, colocando em prática todo o planejamento tanto para alcançar os objetivos de competição, quanto para a formação de novos atletas, é o laboratório de toda a preparação das equipes.

Avaliação

Professores

Uma avaliação é eficiente quando está buscando alcançar os objetivos educacionais e sua estruturação deverá ser planejada, conter questões precisas e com linguagem clara, por isso sua construção é complexa, requer um bom embasamento teórico acerca do tema avaliado (SANTOS et al., 2022).

De maneira notável, P6 consegue definir a sua forma de avaliação:

“Uma avaliação de uma disciplina para mim no ensino superior, não acho que o aluno tenha que saber executar com perfeição, mas que ele saiba conduzir um processo pedagógico de forma correta e coerente.” (P6).

Outra forma de avaliar, que segue o pensamento dos autores, é a realizada por P9:

“Eu avalio, sobretudo, a partir das aulas práticas, de provas práticas. Porque eu defendo que o conhecimento incorporado é muito difícil você esquecer. Então eu tenho trabalhado sempre na perspectiva de uma avaliação mais prática com os meus alunos.” (P9).

Consoante Souza, Pontes Junior e Braga (2020), os instrumentos são ferramentas essenciais no processo avaliativo, pois podem medir os indicadores que apontam sinais da qualidade do E-A-T. Na sequência, são trazidos alguns depoimentos de professores que reforçam a qualidade e a forma do instrumento de avaliação.

P13 começa dizendo que: “A questão da avaliação é muito mais a observação, é claro tem as avaliações normais que universidade cobra, mas na realidade uma das partes da avaliação é esse feedback que eles fazem.”

P12 reforça: “Então muitas vezes eu sou contrário ao método de uma avaliação formal, mas nós temos que ter. Mas desde o primeiro dia, até quando eles terminarem o ciclo na disciplina, eles estão sendo avaliados.”

P1 diz: “Pensando em avaliar o entendimento deles sobre aquilo que a gente trabalhou naquela aula, então eu faço avaliação mais processual ao longo do semestre do que dar uma prova”

Canan (2018) ressalta que, embora o E-A-T se pautar na criação de condições para participação de todos os alunos, conforme seus interesses e potencialidades, não deixa de adotar critérios objetivos para avaliação do desempenho de todos os praticantes e, em especial, dos que atuam enquanto jogadores, sobretudo a partir dos registros/estatísticas de indicadores de jogo (DE ANGELIS et al., 2019).

“Os processos de avaliação é que entram nesse aspecto de eles entenderem que a avaliação é parte do processo formativo e não o contrário.” (P2).

“A avaliação é um processo que ocorre após e durante a aula. Então por isso se aplica exercício, tudo isso acontece na própria aula.” (P3).

P4 “a avaliação de uma disciplina para mim no ensino superior, não acho que o aluno tenha que saber executar, mas que ele saiba conduzir um processo pedagógico.”

P8 “eu avalio, sobretudo, através de aulas práticas, de provas práticas. Porque o conhecimento, incorporado, é muito difícil você esquecer.”

“A questão da avaliação é muito mais a observação. É claro, tem as avaliações normais que a universidade cobra, mas na realidade uma das partes da avaliação é esse feedback que eles fazem.” (P10).

“Muitas vezes eu sou contrário ao método de uma avaliação formal, mas nós temos que ter. Mas desde o primeiro dia, até quando vocês terminarem o ciclo na disciplina. Para mim, vocês estão sendo avaliados.” (P12).

Confirmando o pensamento de Santos et al. (2022), afirmamos que um dos grandes trabalhos que o professor deve desenvolver com os seus alunos, é o de mostrar que a avaliação faz parte da formação acadêmica, mas além de avaliar só o conhecimento decorado, os alunos devem ser avaliados pela prática e pela própria participação e realização do processo de formação.

Técnicos

De acordo com Brasil et al. (2022), a análise de desempenho técnico-tático se torna uma ferramenta analítica interessante para estudar os resultados alcançados por uma equipe esportiva. Sobre os processos de avaliação das práticas esportivas, serão trazidos alguns depoimentos dos professores/técnicos, mostrando como os realizam. T7 começa contando que:

“Eu avalio processo com o estatístico, que está na Comissão Técnica, para avaliar a parte técnica, eu faço também a avaliação por meio de vídeo e conversas com a comissão técnica. Final de treino a gente faz uma ali, uma avaliação do que aconteceu, rápido e esse ano estou colocando uma reunião por semana também para a gente conversar sobre a equipe toda avaliando o processo semanalmente.” (T7).

T11 também apresentou a forma de avaliação de desempenho de sua equipe.

“Todos os nossos jogadores recebem o vídeo de tudo o que eles fizeram no jogo, todo o jogo, eles recebem, eles vêem tudo o que eles fizeram, todas as ações que eles realizaram. E toda segunda-feira sempre tem uma sessão de vídeo, uma

reunião para conversar sobre o jogo e para repensar sobre o que aconteceu, tanto de bom quanto de ruim.” (T11).

A estatística de uma partida no Voleibol de alto nível mostra que a qualidade da recepção interfere na organização do ataque, na definição da distribuição do levantamento e na tática de jogo (COSTA et al., 2020). Confirmando a importância de se avaliar todo o processo de treinamento, T5 se manifesta da seguinte forma:

“A avaliação serve para medir a evolução de cada atleta, você chegou dessa forma está saindo assim, nós tivemos essa evolução com cada um ou com alguns, eu acho que isso é muito importante ter. Essa avaliação não pode ser só pela vitória ou pela derrota, mas para ver a evolução do todo, da equipe dentro de todo o processo.” (T5).

E, na sequência:

“Eu avalio o processo, tem uns ‘scouts’ para avaliar a parte técnica, faço avaliação por meio de vídeo e conversas com a comissão técnica ao final de treino.” (T2).

“Então a gente tem avaliado bastante desde a parte da preparação física quanto à avaliação de prevenção de lesões quanto próprio tecnicamente.” (T3).

“A avaliação eu não tenho e não utilizo para ser honesto nenhum tipo de avaliação dos resultados da minha atuação na educação; ela é uma opção uma variação de percepção de como as coisas estão andando.” (T6).

“A avaliação, além da parte estatística, tem percepção da comissão que está sempre em diálogo.” (T8).

T10 “todos os nossos jogadores, eles recebem o vídeo de tudo o que eles fizeram no jogo, todo o jogo, todo jogo eles recebem, eles vêm tudo o que eles fizeram, todas as ações que eles fizeram.”

Embasando as falas dos técnicos, Tuyls et al. (2021) comentam que os apontamentos das análises do desempenho no Voleibol indicam uma extensa tradição de desenvolvimento metodológico, beneficiada pela gradativa disponibilidade de dados e informações.

T12 “e na segunda-feira sempre tem uma sessão de vídeo, uma reunião para conversar do jogo e para conversar do que aconteceu, tanto de bom quanto de ruim.”

“Para mim é extremamente importante a utilização das estatísticas, dos números, para aferição do processo que você propôs a chegar. Então se você quer ter 60% de recepção, você precisa aferir isso durante os treinamentos.” (T13).

Pela prática e experiência, o voleibol é uma modalidade que utiliza bastante as informações vindas pelos estatísticos tanto em jogo quanto em treinamento, no alto rendimento, o papel do estatístico é muito importante e todas as equipes e seleções apresentam como componente da Comissão técnica um estatístico, que é responsável pela avaliação técnica e tática tanto da sua equipe quanto da equipe adversária.

Síntese integradora dos depoimentos dos professores universitários e técnicos de elite sobre os conceitos da pedagogia do esporte

Nesta categoria existe um tópico de divergência, não pelo pensamento contrário dos professores e técnicos, mas pela diferença de instrumento e objetivo, pois quando falamos em avaliação, os professores têm como objetivo a avaliação formativa obrigatória das universidades, e os técnicos utilizam a

avaliação com os dados coletados nas partidas e, dessa forma, obtendo informações para preparar a sequência dos treinamentos.

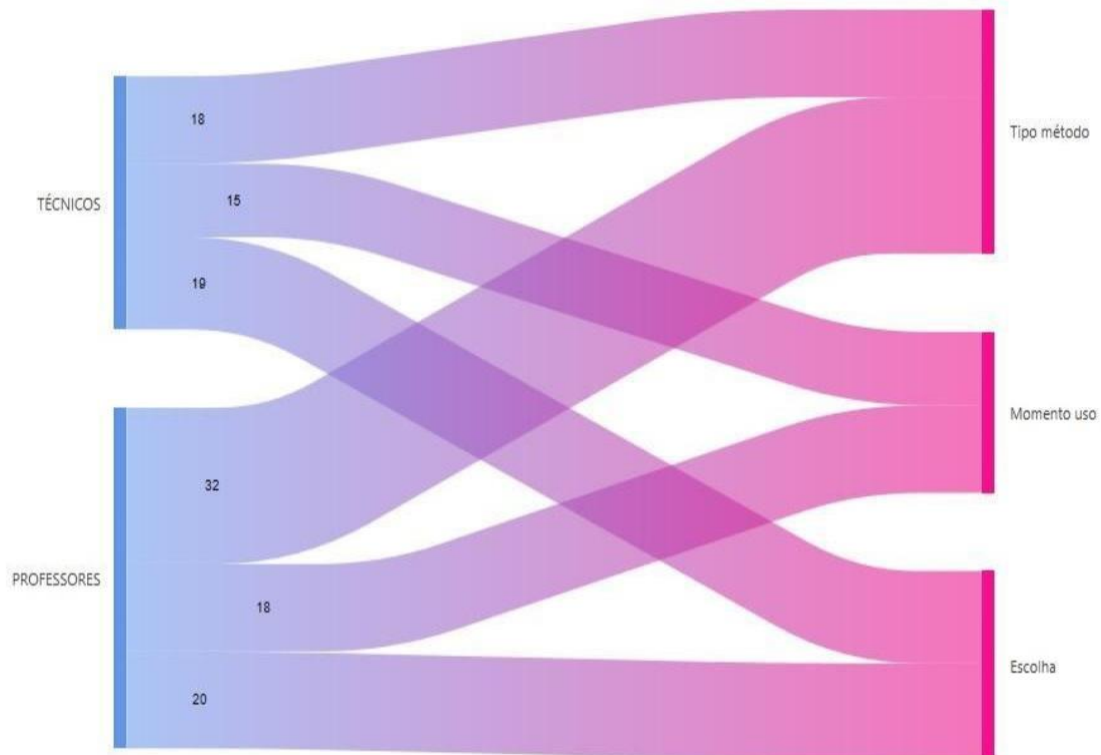
Em relação aos outros tópicos, os dois grupos são convergentes, pois cada um de acordo com o seu ambiente de trabalho, planejam, organizam, têm objetivos, executam, reforçando que temos que levar em consideração que os grupos que estão realizando as práticas pedagógicas ministradas pelos professores e técnicos são diferentes. Esse é o ponto de divergência, mas o objetivo das ações tem as mesmas intenções e caminha para a mesma direção.

MÉTODOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM-TREINAMENTO APLICADOS DURANTE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

A preocupação em estudar na PE sobre as metodologias do E-A-T surge em razão de ser ne laque questões de processos de E-A-T são esclarecidas, as perguntas e argumentos acerca desse objeto de conhecimento têm apresentado avanços apropriados para professores no campo educacional, desde a iniciação ao desempenho esportivo (LANES; RIBAS, 2021).

Observando o diagrama (Figura 6), vemos que a concentração maior das citações está no código tipos de métodos, apresentando que os dois grupos têm se preocupado com o aprofundamento e planejamento dos seus processos de E-A-T.

FIGURA 6 – DIAGRAMA DE SANKEY RELAÇÃO CÓDIGO-DOCUMENTO MÉTODOS DO E-A-T



FONTE: ATLAS.ti.

Tipo de método utilizado

Professores

É necessário que os professores saibam qual a metodologia mais adequada para desenvolver em seus alunos a capacidade de jogar, ensinando-lhes “o que fazer” e “como fazer”, qual é a ação, a tomada de decisão, enfim, o que as metodologias visam aprimorar: a inteligência de cada aluno (PAULA et al., 2018).

Saber qual o método que vai utilizar e, no caso dos professores que estão formando os futuros profissionais, ter o conhecimento sobre os mais diferentes métodos, é essencial. Na sequência são apresentados os depoimentos de professores sobre os métodos que ensinam:

P1 começa discorrendo quais são os métodos que ele apresenta aos seus alunos: *“Começo a disciplina mostrando para eles apenas de uma lógica mais técnica analítica, até uma ideia mais tática global, ensinando o próprio método analítico, o método de progressão de exercícios, o método situacional.”*

Reforçando o que os autores expuseram, P5 explica como é a sua forma de atuação:

“Os gestos técnicos do voleibol, são de alta complexidade, então você tem que ensinar esses gestos pelo método analítico. Eu faço uma transição, parto do analítico, vou para o global, para ver o entendimento do aluno se ele está entendendo e está processando as informações e colocando essas informações em prática e principalmente se ele irá conseguir ensinar os seus alunos.” (P5).

P3 salienta que *“quando as pessoas falam de métodos, existem vários, e cada professor segue alguns, mas, o mais importante é que ele estabeleça qual é a sua ação de acordo com o objetivo que ele tem.”*

P11 corrobora o pensamento de P3 e de Fonseca et al. (2021) que apontam ser possível acreditar que o conhecimento sobre os diferentes métodos atingiu um papel fundamental para que o professor/treinador possa sistematizar adequadamente o processo E-A-T do voleibol:

P13 nos diz: *“Não dá para abandonar o método analítico e a repetição, é importante para os futuros profissionais saberem disso. Agora, o ponto que é importante, é saber como tornar esse treinamento analítico motivante.”*

Silva (2022) explica que “O voleibol é uma modalidade esportiva coletiva apresentando na sua essência o jogo, fator que socioculturalmente motiva e estimula as pessoas”. Seguindo esse pensamento, muitos dos professores, têm o costume de utilizar em suas práticas os métodos pautados em jogos e pequenos jogos.

P2 declara: *“trabalho com os jogos do TGFU, ou do próprio Sport Education, então eu faço um trabalho com eles mostrando esses modelos.”*

“Situacional eu tenho certeza de usar, porque o Pablo Greco nos afirmou uma vez que ele fez uma síntese do TGFU e montou o situacional, o de jogos condicionados também, ele trabalha com vários conceitos iguais ao TGFU.” (P8).

“Eu trabalho com esse modelo de abordagem progressiva ao jogo, porque entendo que ele cabe muito bem dentro da estrutura da universidade e cabe muito bem para iniciação.” (P4).

“Para mim o voleibol, na iniciação da formação desportiva, eu defendo muito a integração da escola da bola e da pedagogia do esporte, pensando nos pequenos jogos.” (P7).

Para Friederich et al. (2022), os métodos analíticos para o ensino dos esportes, direcionado no aprendizado das técnicas, está sendo discutido em

relação à sua contribuição para o ensino das habilidades para se jogar bem o jogo. Sob esse ponto de vista, alguns professores, mesmo utilizando esse método, exploram as possibilidades de misturar com outros métodos.

“Eles criticam o método analítico ou diretivo ou comando como sendo errado; ele não é errado, ele tem um determinado momento que ele tem que ser usado sim. Então em conclusão eu vejo muito de acordo com objetivo.” (P10).

P6 *“os gestos técnicos do Voleibol, são de alta complexidade, então você tem que ensinar esses gestos pelo método analítico eu faço uma transição, parto do analítico, vou para o global, para ver o entendimento do aluno se ele está entendendo e está processando as informações e colocando essas informações em prática.”*

E finalizando todos depoimentos com a fala de P12, que sintetiza o pensamento da maioria dos entrevistados.

P12 *“não existe um método modelo melhor do que o outro. Existe um momento melhor para você utilizar um outro que você pode misturar um e outro. O que você tem que saber o que você tem que fazer é entender quais são as características? Como que você utiliza? E daí você colocar isso em prática.”*

Seguindo a linha de pensamento de P12 e bem como a literatura acadêmica, concordamos que não existe um método melhor que o outro, mas, sim, aquele que se encaixa no momento em que a disciplina está na programação, por isso há que se concordar que, na graduação, o professor deve mostrar para os alunos o maior número possível de métodos, objetivando que, a partir desse conhecimento, o aluno possa ter autonomia na escolha.

Técnicos

Fonseca et al. (2021) explicam que vários técnicos têm definido seu desempenho profissional em sua experiência prática passada, relacionada justamente ao tecnicismo, mas Silva (2018) completa que é importante ponderar, ainda assim, que parece estar havendo uma mudança na ação profissional, e consequente ruptura desse paradigma tecnicista.

Em relação à escolha e utilização dos métodos do E-A-T, T6 se manifesta:

“Quanto mais você consegue conciliar o analítico, com o situacional e com a global melhor é, tanto que hoje você vê muitos técnicos tentando trabalhar o situacional porque é jogando que se aprende, mas se você não tem técnica você não vai ter precisão.” (T6).

T4 e T12 declaram a preferência do método do E-A-T:

“Eu não acredito num método exclusivo, eu acho que a gente tem que ter um equilíbrio, um balanço entre os métodos de E-A-T que usamos no nosso treinamento.” (T12)

“Eu não acredito em um método só, penso que hoje, o método analítico não está sozinho, ele depende do método global. Não acredito também só no trabalho global, ele beneficia a criatividade o que é ótimo, mas também abandona um pouco a técnica.” (T4)

Oliveira, Ribas e Gomes da Silva (2018) evidenciam que o aprimoramento técnico é importante no processo do E-A-T, pois os atletas direcionam sua percepção aos elementos relativos à tática, colocando em segundo plano a execução das ações técnicas. Nesse sentido, T8 explica o tipo de método do E-A-T que prefere e o porquê dessa escolha:

“Eu sou das antigas, e para refinar o movimento, você só consegue refinar com qualidade no método analítico, mas depois desse refinamento. Passo a trabalhar no método situacional, porque você está gerando situações de jogo imprevistas, que tem que criar no atleta essa tomada rápida de decisão. Todos os métodos devem estar interligados em diferentes momentos.” (T8).

“Até o sub15 a gente costuma ter uma periodização que a gente chama de linear.” (T2).

“Se eu tiver que dizer assim qual é o principal método que eu uso é o situacional é o ensino aprendizagem treinamento dos esportes.” (T3).

“E quanto mais você consegue conciliar esse analítico, com o situacional e com a global melhor é, hoje o tanto que você vê muitos técnicos tentando trabalhar o situacional porque é jogando que se aprende, mas se você não tem técnica você não vai ter precisão.” (T5).

“Eu não acredito em um método só, penso que hoje, o método analítico não está sozinho, ele depende do método global.” (T7).

“Eu não acredito também só no trabalho global, ele beneficia a criatividade o que é ótimo, mas também abandona um pouco a técnica.” (T9).

“Eu sou das antigas, e para refinar o movimento, você só consegue refinar com qualidade no método analítico.” (T10).

Concernente aos saberes compartilhados e diante da evolução do Voleibol assim como outros esportes, os métodos de ensino para o esporte assumirão papel importante nesse processo de E-A-T, como Rodrigues et al. (2020) apresenta:

“Quanto mais se trabalha na situacional mais você está gerando situações imprevistas que ele tem que decidir.” (T11).

“Eu não acredito num método exclusivo eu acho que a gente tem que ter um equilíbrio, um balanço entre os métodos de ensinamento.” (T13).

Atualmente, o grande debate entre os técnicos, como pode-se observar nas entrevistas, é o saber qual o momento certo de usar um determinado método. E a conclusão unânime é de que não existe um método melhor que o outro.

Momento específico do uso do método

Professores

Buscando um método do E-A-T que mais seria útil nas aulas dos futuros professores, surgiu a utilização de pequenos jogos ou jogos em quadras reduzidas, com o reforço de Menezes (2021) ao afirmar que, nas situações de jogo envolvendo um número menor de jogadores, tanto o lado tático quanto o lado técnico poderiam ser ensinados enfatizando esses momentos. Nesse sentido, os professores expuseram suas preocupações na hora de ensinar os seus alunos. P1 começou falando sobre alguns fundamentos específicos e a utilização desse método:

“O saque é um movimento específico, a recepção outro específico, levantamento, ali eles conseguem perceber que é muito interessante começar com minivoleibol, mas tem determinado momento que o aluno precisa entender muito bem qual a execução técnica para melhorar a qualidade daquele jogo.” (P1).

P12 também partilha dessa ideia de ensinar e mostrar aos seus alunos como

fica interessante ensinar, tanto a técnica quanto a tática, com esse método do E-A-T.

“Eu vejo por exemplo o minivoleibol muito adequado para a educação física escolar, sim eu vejo que parece que ele é bem mais legal porque na escola só tem 15 horas para ministrar o conteúdo, não vai ficar 15 horas ou 10 horas trabalhando toque e manchete.” (P12).

O Voleibol é considerado uma das maiores modalidades do mundo, por essa exposição e a busca pela prática, os professores têm procurado aprender formas melhores para ensinar aos seus alunos a correta execução dos gestos técnicos. Nesse sentido, os professores formadores de futuros profissionais constataam a necessidade de colocar em prática métodos de E-A-T mais eficazes e adequados (BURGOS; LÓPEZ, 2021). Indagados sobre a existência de algum momento específico para utilizar um método, P13 e P7 responderam:

“Na disciplina eu tenho momentos onde eles têm pequenos jogos, eu paro e pergunto para eles como que eles aumentariam a complexidade ou como que eles desenvolveriam uma noção técnica” (P13) e:

“São diferentes modelos, mas com objetivos específicos para cada um em algum momento, uso o método analítico, em alguns momentos eu uso os pequenos jogos, em outros momentos mostro para eles o TGFU e outros tipos de métodos e o momento em que eles possam usar.” (P7).

“O saque, a recepção, o levantamento são movimentos específicos, ali eles conseguem perceber que é muito interessante começar com Mini Jogo, mas, tem determinado momento que o aluno precisa entender muito bem qual a execução técnica para melhorar a qualidade daquele jogo.” (P2).

“Eu vejo por exemplo o Mini jogo muito adequado para a educação física escolar, ele é bem mais legal porque na escola na escola só tem 2 aulas por semana, e não vai ficar esse tempo trabalhando só toque e manchete.” (P9).

O que comprova essa perspectiva das falas dos professores a partir da Pedagogia do Esporte são as pesquisas, como a de Ghidetti (2022), que investigou e concluiu ser clara a superioridade das novas tendências em Metodologia de Ensino do voleibol em relação à abordagem tradicional.

“Tendo em vista a sua especificidade, eu percebo que algum momento eu tenho que ter exercícios mais analíticos sim, porque eu preciso da estrutura, da técnica, da manchete, do toque.” (P4).

“São as situações, que a gente chama de situação de jogo, partes do jogo então, tem um lado só atacando o outro lado só defendendo e após a defesa, já recebe uma segunda bola, já virou uma movimentação de jogo.” (P5).

Consolidando as falas dos professores, podemos salientar que o processo de ensino-aprendizagem do Voleibol deve compreender não apenas questões técnicas e táticas, mas o contexto esportivo como um todo, considerando toda a complexidade do jogo.

“São diferentes modelos, mas com objetivos específicos para cada um em algum momento, uso o método analítico, em alguns momentos eu uso os pequenos jogos, sempre pensando no objetivo.” (P11).

“Eu tenho momentos onde eles têm pequenos jogos, eu paro e pergunto para eles como que eles aumentariam a complexidade ou como que eles desenvolveriam uma noção técnica.” (P10).

“Buscar automatização da técnica, mas sem abandonar o método global.” (P3).

Técnicos

De acordo com autores que pesquisam sobre a PE e os métodos de E-A-T, eles se evidenciam como diferenciais para melhorar o desempenho das equipes, nas quais os técnicos são responsáveis por toda a estrutura organizacional do treinamento, de forma a elevar a qualidade das atividades, usando os métodos de E-A-T nos momentos adequados dentro da sua periodização (GRISI et al., 2022).

Perguntados sobre esse tópico, alguns técnicos trazem opiniões bem próximas. Para T2: *“então começo de temporada a gente usa mais os trabalhos analíticos para poder focar e dar atenção aos pequenos detalhes”*.

Para T7: *“eu uso essa parte mais analítica, pois no início de temporada eu não quero que eles façam saltos em excesso ou movimentos que são mais lesivos, fazemos todo o controle de volume e intensidade dos treinos”*.

Para T4: *“no início da temporada você parte para algumas coisas mais tecnicistas, até mesmo porque você tem que controlar esse volume em relação à intensidade”*.

Faria et al. (2020) mostram a importância de uma periodização bem planejada e bem executada pelos técnicos em suas práticas esportivas, sendo um dos fatores determinantes para atingir um bom desempenho esportivo, técnico, tático. Saber o momento dentro da sua periodização e qual o método adequado a ser utilizado é fundamental.

T12 e T3 observam essa necessidade em seus planejamentos:

“A lógica é que no início do ano tem que ser específico. Então, normalmente na sequência eu trabalho muito método específico. Depois eu vou é mesclando, mas eu vou controlando as informações, os melhores resultados, segundo as

nossas avaliações, e vou usando o método global e colocando a parte coletiva.” (T12).

“Eu planejo uma progressão técnico-tática, e sempre pergunto: como é que você vai trabalhar a direção de ataque, se você só trabalha no global em forma de jogo, como é que você vai saber direcionar, você precisa repetir o gesto, para ficar sedimentado no seu vocabulário motor, por isso sou muito a favor de ir mesclando os métodos.” (T3).

“Eu uso essa parte mais analítica pois no início de temporada que eu não quero que eles façam saltos em excesso ou movimentos que são mais lesivos.” (T1).

“Talvez mais perto daquele momento importantíssimo ali a gente usa um pouco menos as metodologias mais analíticas e use metodologias mais globais.” (T6).

“Dependendo da necessidade do grupo, eu não sou o cara global, mas sim aquele que usa um instrumento, para resolver o nosso problema, para alguns mais comuns usamos o analítico, mais perto dos jogos uso o método global.” (T8).

“Uso o analítico, por exemplo, uso a parede, em um treino da manhã eu estava usando para correção técnica, o nosso esporte exige precisão.” (T9).

“No início da temporada você parte para algumas coisas, mas técnicos até mesmo porque você tem que controlar esse volume em relação à intensidade.” (T10).

“Como é que eu tenho trabalhado, para mim, a lógica é que no início do ano tem que ser específico.” (T11).

“Normalmente no primeiro bimestre eu trabalho muito método específico. Depois eu vou mesclando, mas eu vejo que os maiores resultados, segundo as nossas avaliações, são quando a gente trabalha um método global.” (T13).

Reforçando o que a literatura nos apresenta, o momento de utilização de um método, está totalmente relacionado ao objetivo da sessão de treino, da época em que está se realizando o treinamento, não existe um padrão e a escolha vai da experiência do técnico e da comissão técnica.

Procedimento de escolha do método

Professores

Durante o desenvolvimento da prática pedagógica, Koerbes, Rother (2021) explicam que o professor não deve fazer com que seja incitada a prática somente pela competição, mas sim pela vivência, a fim de desenvolver hábitos saudáveis e de companheirismo entre os alunos.

Durante a prática dessas atividades na escola, percebe-se que alguns alunos passam a gostar mais de determinadas atividades do que de outras. Sendo assim, suas escolhas podem ser direcionadas enquanto em idade escolar e a prática passa a acompanhá-los durante a sua vida adulta (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2021).

Alguns professores que acompanham o pensamento dos autores e trabalham com essa preocupação, discorrem sobre sua prática pedagógica. Explicando bem o conceito apresentado e mostrando a preocupação com o contexto em que o aluno estará, P2 diz:

“Eu ensino eles que para escolher a forma como eles vão trabalhar e para atingir o objetivo proposto, a definição do método depende do local, se for na escola é um objetivo, se for no clube é outro.”

“Quando eu trabalho com esse tema, eu sempre digo para eles que não existe método certo ou errado, existe você entender as demandas de seu contexto e definir por qual método você vai usar para alcançar os objetivos, se ele vai trabalhar na escola ou com equipe.” (P7).

“Não existe o certo e errado, existe ele entender as necessidades que ele tem com o grupo e aí sim, pelos objetivos que ele define trazer a metodologia ela é o meio, não é fim, mas as pessoas hoje estão no discurso pedagógico que a metodologia virou fim.” (P10).

P11 diz: “Nós sabemos que no voleibol há um discurso muito grande da pedagogia do esporte, no ensino pelo jogo ou ensino tático, só que a gente sabe que o voleibol não existe sem o domínio técnico específico, o tático não sai com qualidade sem o técnico.”

Reforçando esse relato, Oliveira, Paes e Vagetti (2020) citam que os métodos de treinamento para desportos coletivos podem ser desenvolvidos a partir de exercícios analíticos, exercícios de transição e exercícios sincronizados, além das situações especiais.

“Não existe método certo ou errado existe você entender as demandas de seu contexto e definir por qual método você vai usar para alcançar os objetivos” (P1).

“A escolha de um método depende dos alunos que eu tenho do objetivo de aula que eu tenho.” (P3).

“Método analítico eu vou fazer um passo a passo onde realizo uma sequência de ações, até unir todas e daí eu vou pro global, aparece um problema entre alguma fase trabalho, volta para o analítico e assim eu vou indo, não é uma coisa fixa.” (P5).

Reforçando a fala dos professores acima citados, Silva (2022) expressa que, em qualquer atividade, o ideal é que o professor conheça quem é seu aluno, em que fase de desenvolvimento ele está para planejar conscientemente sua intervenção.

Para P13 o Voleibol, “é um jogo de alta complexidade é um dos esportes mais difícil de se aprender porque a técnica é muito exigente, então se você quiser trabalhar o voleibol só pelo método global não vai dar muito certo, tem que existir esse equilíbrio entre os métodos.”

“Nós temos que fazer fundamentos em situação de jogo, e nós temos que estimular a parte cognitiva, ensinar os alunos a tomada de decisão.” (P9).

No processo de E-A-T, o professor deve dar subsídios, mostrando para o futuro profissional o procedimento de escolha do método do E-A-T de forma correta, pois, assim, conhecendo as diversas formas de se trabalhar, saberá qual será a sua escolha.

Técnicos

A partir do estudo de Ghidetti (2020), observa-se que na abordagem tradicional a técnica era o elemento principal da ação dentro dos Esportes Coletivos. O foco no aperfeiçoamento da técnica individual tinha como pressuposto que dominar mais a técnica significaria um melhor desempenho coletivo. Essa observação das ações dentro do ambiente esportivo é rejeitada diante da tática, pois o E-A-T do componente tático melhora o desempenho dentro do jogo.

Em consonância com o autor, alguns depoimentos dos técnicos mostram qual é o pensamento deles em relação ao procedimento de escolha do método de E-A-T.

T2 afirma: “A minha linha de trabalhar, não é só a repetição pela repetição, penso que tem que ter o entendimento do movimento, mostrar que não é só a intensidade que vai te trazer a qualidade, mas a somatória dos elementos.”

“Eu divido o planejamento em períodos, onde eu posso trabalhar de forma mais analítica no início e depois eu vou para o situacional, pois eu não posso chegar por exemplo no meio da temporada, no período competitivo e ficar gastando tempo com detalhes da técnica, porque tenho que focar na tática.” (T6).

“Nos meus anos de prática eu não consigo enxergar que um método é melhor do que o outro ou que ele tem que existir sozinho, para mim não existe isso, em cada momento existe uma inter-relação entre os métodos que você aplica, para realizar a correção e melhora de técnica, o analítico é a base e no momento da tática, o global, o situacional, são os métodos de referência, a escolha é feita a partir da necessidade e do momento.” (T1).

Fonseca et al. (2021) confirmam a ação dos técnicos afirmando que eles devem estar alertas ao desenvolvimento da cognição do atleta, fundamental à compreensão do jogo, somado a sua maturação física, sabendo qual a melhor metodologia será utilizada.

“O atleta está chegando mais cru, assim nós temos que trabalhar a manchete na parede, muita repetição de toque, levantamento, e a técnica de todos os outros fundamentos, penso que se as vezes a gente não faz o específico, nós podemos queimar algumas etapas, e fica mais difícil de você corrigir essa técnica no método global.” (T10).

“Eu acredito que nos momentos de eficiência técnica você precisa ter uma situação mais fechada, um trabalho de correção técnica, com repetição e insistência, no meu ver sempre quando o objetivo puramente técnico você precisa fazer essa situação mais fechada, para depois não sofrer tanto na parte tática coletiva.” (T13).

T13, em sua prática esportiva, confirma o estudo de Rodrigues, Campinas e Miguel (2020) que defendem que o aprimoramento da técnica e da tática tem uma grande importância no esporte, pois, quando bem executadas, aumentam a chance de sucesso da equipe, que consegue equilibrar melhor tanto ações técnicas como táticas.

“Então eu divido em períodos do planejamento, onde eu posso trabalhar de forma mais analítica e depois eu vou para mais situacional me preparando para o período competitivo.” (T3).

“Nos meus anos de prática eu não consigo enxergar que um método é melhor do que o outro ou que ele tem que existir sozinho. Para mim não existe isso para mim em cada momento existe uma inter-relação entre os métodos que você aplica.” (T5).

“Alguns fundamentos, se você não trabalhar de uma forma tecnicista, você não evolui, não se aperfeiçoa, e não faz o atleta se sentir seguro.” (T7).

“No global escapa os detalhes que fazem a diferença para bem ou para o mal daquele fundamento.” (T8).

“Qual é o meu objetivo, o que é que eu quero naquele treinamento, isso define o método que eu quero usar.” (T11).

“Penso que às vezes a gente não faz o específico, a gente pode queimar algumas etapas, e fica mais difícil de você corrigir coisas no método global.” (T12).

Com os técnicos reproduz-se a mesma situação anterior. No processo de E-A-T, o técnico possui os subsídios para seguir os procedimentos de escolha

do método do E-A-T de forma correta, pois com sua expertise e a prática, saberá qual será o melhor método a ser utilizado para aquele objetivo.

Síntese integradora dos depoimentos dos professores universitários e técnicos de elite sobre os métodos de E-A-T aplicados durante a prática pedagógica

Os conceitos dos tópicos que formam esta categoria têm o mesmo objetivo, mas os pontos de divergência são a ação e a visão dos formadores, pois em relação aos métodos de E-A-T, os professores têm uma visão de formação mais acadêmica e os técnicos, uma visão mais esportiva.

No que concerne aos tipos de métodos de E-A-T, os dois grupos de entrevistados têm o conhecimento da progressão pedagógica do ensino do Voleibol e sabem que existem métodos distintos, que podem ser utilizados de acordo com o momento e a necessidade de formação dos futuros professores, ou do desenvolvimento dos atletas.

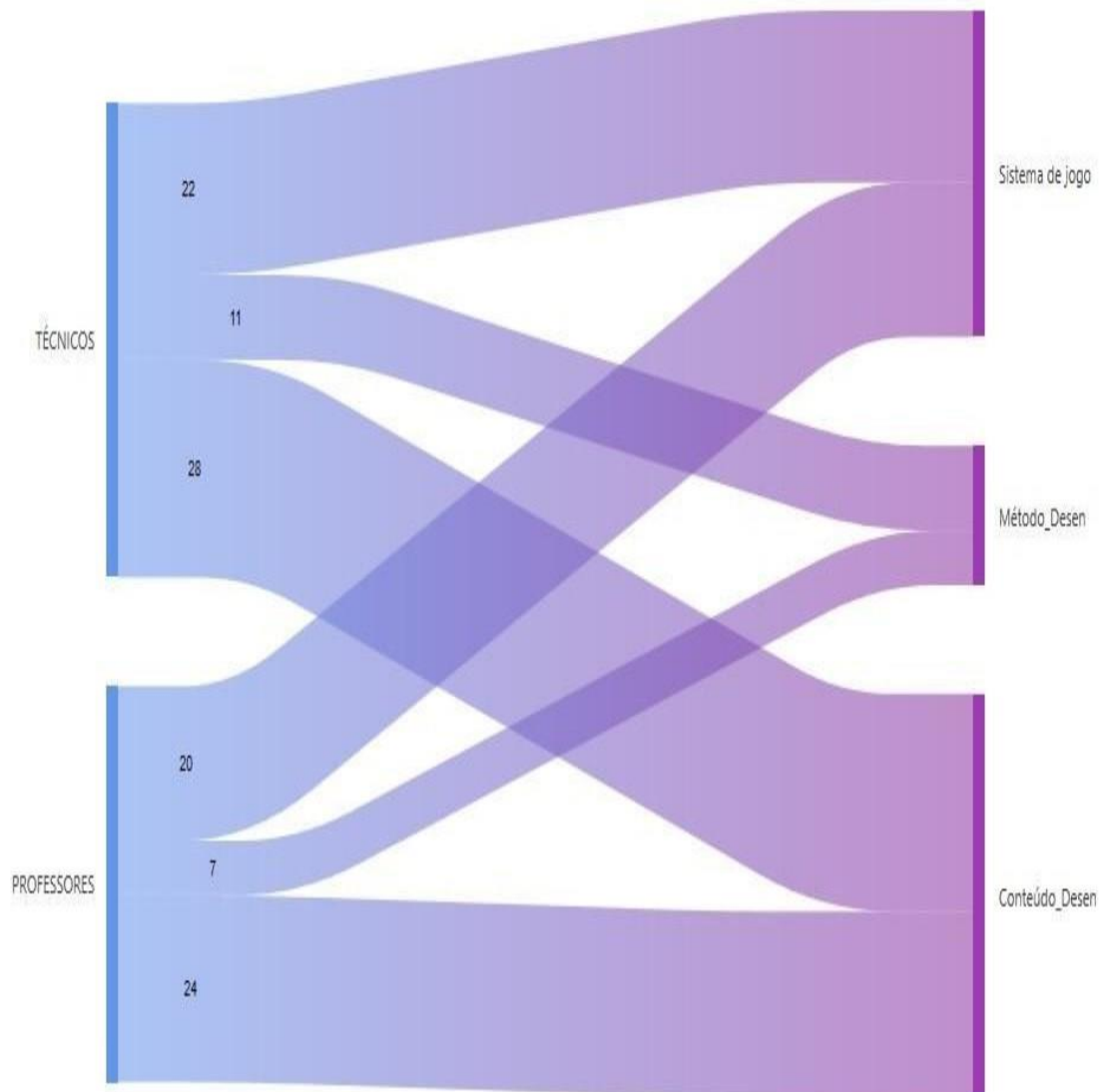
Outro ponto de divergência, nesta categoria, é a ação final dos alunos/atletas, pois os atletas têm como objetivo final da prática a melhoria do seu desempenho técnico, aumentando a sua eficiência e eficácia na realização do gesto esportivo; e o objetivo final dos alunos e futuros professores é aprender a ensinar o gesto técnico e a tática do jogo.

CATEGORIA - PROJEÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DO VOLEIBOL EM LONGO PRAZO

Acompanhando o raciocínio do modelo de desenvolvimento esportivo em longo prazo de Oliveira e Paes (2007; 2012; 2020), que apresenta a elaboração de um planejamento da organização esportiva, considerando todos os contextos que estabelecem as adequações dos modelos teóricos, com os objetivos, a estrutura do processo, os conteúdos, os meios e os métodos, apresenta-se um modelo com os mesmos moldes, voltado para o Voleibol.

Etapa de desenvolvimento esportivo Nesta etapa, os professores foram indagados a respeito do seu posicionamento em relação à iniciação e à formação das primeiras categorias do voleibol.

FIGURA 7 – DIAGRAMA DE SANKEY RELAÇÃO CÓDIGO-DOCUMENTO ETAPA DE DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO



FONTE: ATLAS.ti.

O diagrama (Figura 7) denota um maior equilíbrio nas respostas entre os professores, mas uma grande disparidade entre os códigos, como os métodos de desenvolvimento equivalem ao item 4.4 do presente trabalho, o foco maior da

entrevista direciona-se ao conteúdo do desenvolvimento e aos sistemas de jogo adequados para essa fase.

A evolução do vôlei ocorreu para deixar a modalidade mais competitiva. As modificações técnicas e das regras se interligam com os elementos táticos de jogo, fazendo com que se desenvolvam e aprimorem novos recursos, de forma a potencializar ainda mais as funções dos jogadores. São criados sistemas táticos de jogo que podem utilizar maiores ou menores especificações, de acordo com a função (CAMAHO; COSTA; SCAGLIA, 2020).

Pensando no sistema de jogo¹² adequado para essa etapa, Güllich et al. (2020) explicam que, mesmo que as determinações das posições sejam fundamentais e sendo os sistemas fundamentados nelas, é importante o momento em que são inseridas na formação esportiva para gerar benefícios em longo prazo, pois a experiência em mais de uma função desde cedo facilita, ao longo do tempo, o aprendizado de habilidades motoras específicas do voleibol.

Seguindo a argumentação dos autores, os professores se pronunciaram sobre o sistema que apresentam aos futuros professores durante a disciplina, sendo grande a preocupação acerca do local onde eles trabalharão, se na escola, no treinamento ou no lazer.

Para P3:

“Na iniciação, a melhor forma é o minivoleibol, é bem interessante porque daí eu mostro a progressão do jogo, mostrando que dá para fazer o 1X1 e depois ir aumentando 2x2, 3x3 até o 4x4.”

“O 6x0¹³, a maioria já tem uma noção, porque é o que eles fizeram na escola, daí na sequência eu mostro o 4x2 simples com levantador pela posição 3, depois vou para o 4x2 com o levantador pela posição 2 e aí eu vou ter 2 jogadores

¹² O sistema de jogo diz respeito à organização do posicionamento dos(as) jogadores(as) em quadra para atacar (sistema tático ofensivo) ou para defender (sistema tático defensivo).

¹³ Os sistemas táticos ofensivos são: 3:3; 6:0 ou 6:6; 4:2 simples pela pos.3 ou pela pos. 2, 4:2 com infiltração; e 5:1. Onde o primeiro número refere-se ao número de atacantes, e o segundo número refere-se ao número de levantadores(as) em quadra.

centrais e 2 ponteiros. Outra coisa que eu explico, é que o sistema ideal no sub14 é 4x2 simples, podendo ser o saque por cima, proíbe saque com salto e sem líbero, depois no sub16, já libera todos os sistemas.” (P5).

De forma a potencializar ainda mais as funções dos atletas, são criados sistemas táticos de jogo, que podem utilizar maiores ou menores especificações de funções no jogo, os futuros professores devem ter esses conceitos em mente para poder utilizar em suas práticas pedagógicas.

“Nessa fase inicial ensino para eles 6x0 básico, e eu particularmente discuto muito com eles um sistema que é bem menos utilizado que é o 3x3, que eu particularmente gosto, porque ele tem uma mudança sutil nas funções e na medida que eu vou evoluindo a disciplina, eu mostro para eles o 4x2 simples.” (P8).

“Falando dos sistemas táticos eu tenho tempo de explicar o 6x0, o 4x2 pelo meio, muitas vezes eu comento com eles que dependendo da idade que eles irão atuar na escola, fica meio difícil para usar o 5x1, mas eu mostro a complexidade desse sistema.” (P9).

Magalhães (2020) diz que os professores devem explicar essa evolução tática, baseada em especializar os atletas em determinadas funções (ponteiro, oposto, líbero, central e levantador) para que seus alunos ensinem de forma progressiva e coerente.

“Dentro da dinâmica do jogo para sair da fase de desenvolvimento e ir até a especialização, penso na progressão do 6X0, 4X2 e depois o 5X1, mas eu sempre chamo a atenção deles, tanto o pessoal da licenciatura quanto o pessoal do bacharel, em porque não podemos usar o sistema 6X0 pela posição 1? Seria uma forma de ensinar uma infiltração e fazer com que todos entendam a dinâmica do sistema que os alunos estão mais acostumados a ver.” (P13). (Grifo nosso).

“A estrutura de jogo de aprendizado é Minivoleibol nas primeiras etapas, e depois fazer na sequência, o jogo 2x2, 3x3 e 4x4.” (P2).

“Começa com o sistema do minivoleibol, do 3 contra 3, um sistema 6x0 ampliando para uma quadra maior.” (P4).

“Eu não evoluo além do sistema 6x0, ele é o único sistema que eu ensino na graduação.” (P7).

Segundo Soares Junior (2020), o principal fator que prejudicou o trabalho dos sistemas táticos na iniciação foram as dificuldades apontadas pelos novos atletas no que se refere às técnicas do Voleibol.

P10 “minivoleibol, 4 x 4, aí eu entro no voleibol 6 x 6 no sistema 6x0.”

P12 “o 6x0 a maioria já tem uma noção maior porque é o que eles fizeram na escola não passaram disso aí do 6x0 eu passo por 4x2 simples fase um com levantador no meio, depois vou para o 4x2 com o levantador pela posição 2 e aí eu vou ter 2 jogadores centrais e 2 ponteiros.”

Da mesma forma que a literatura explica, os professores apresentaram uma forma adequada de conduzir os processos de E-A-T no ensino dos sistemas de jogos, sempre pensando em apresentar aos seus alunos uma sequência coerente e sem pular etapas no desenvolvimento e aprendizagem.

Em relação ao sistema de jogo adequado para essa etapa de desenvolvimento e aprendizagem, e as informações obtidas pelos técnicos, T6 nos conta que

“nas primeiras categorias, até o sub12 só jogando 6x6 e quem passa pela posição 3 é o levantador, sub14, o 4x2 sem infiltração com o levantador pela posição 2, no sub16, já começamos com o 5X1.”

Apesar dos sistemas exigirem ações específicas dos atletas, os mesmos dependem da polivalência dos praticantes para se ter êxito nas partidas, sendo assim a formação de atletas polivalentes a partir de uma abordagem ecológica de ensino, facilita o uso de mais de um sistema tático dentro do jogo por multiplicar as possibilidades do uso de cada jogador (CAMANHO, COSTA, SCAGLIA, 2020).

O sistema de jogo entre minivoleibol e o sub 14 eu acho que tem que ser no sistema que possibilite, que a maior parte de jogadores consiga fazer todos os fundamentos do jogo, por exemplo em um sistema onde seja possível a criança fazer realmente as partes do jogo e os fundamentos do jogo. (T7).

Camanho, Costa, Scaglia (2020) apresentam que, embora as determinações de funções sejam necessárias e que os sistemas de jogos adequados para essa etapa de desenvolvimento e aprendizagem se baseiam nelas, é importante destacar que a partir do momento em que são adotadas na formação esportiva podem gerar benefícios ou malefícios em longo prazo.

“6X0 vem em primeiro, para todo mundo entender as suas funções na quadra, todo mundo tem que aprender a levantar, ter uma participação maior na recepção e em todas as posições, porque do sub16 para frente as coisas mudam, mas eu acho que tem que aproveitar muito os sistemas iniciais, o minivoleibol, no sub12 jogar o 6X0, no sub14 o 4X2 e depois, a partir do sub16, acho que já dá para jogar 5X1. Também dá para pensar que em algumas categorias podemos limitar o saque e outras situações, para ter mais movimentações e trocas de bola entre as equipes.” (T9).

Nešić et al. (2020) falam que a adoção e estabelecimento de um sistema de jogo requer tempo, idade adequada, além de elevar os atletas de Voleibol ao nível ótimo, principalmente por meio de treinamento técnico, conhecimento tático, mas também por meio de preparação física e psicológica.

“Sistemas de jogo, eu tenho visão mais radical, eu penso que tem que jogar 6x0 um bom tempo, fazer o 6x0 com levantador pela posição 3, depois vai para o

mesmo sistema, mas com o levantador pela posição 2, e por último fazer o 6x0 com a infiltração pela posição 1, para depois começar a especializar com o 4X2 no sub14 e por final o 5X1 a partir do sub16 em diante.” (T13).

Em seu posicionamento, T10 reforça uma questão muito importante, também levantada pelos técnicos T1; T2; T6; T9; T11 e T12, quanto à padronização dos sistemas táticos nas categorias de base:

“Em todos os estados por exemplo, as categorias deveriam jogar da mesma forma, no sub12 pode jogar 6X0 ou o 4X2 pela posição 3, no sub14 4X2 pela posição 2, eu acho muito importante padronizar os sistemas e algumas regras de jogo, porque hoje está uma salada mista e dificulta muito o intercâmbio entre os atletas.” (T10). (Grifo nosso).

Apresentando uma coerência, os treinadores entrevistados vão “passo a passo” com a aprendizagem dos sistemas de jogo, e não tendem a aplicar prematuramente sistemas que, pela sua natureza e complexidade, requerem um processo previamente implementado de forma eficaz de longo prazo e desenvolvimento multilateral.

Quando indagados de forma mais específica sobre o método de E-A-T mais adequado para ser utilizado nessa etapa, os professores, em sua maioria, adotaram o conceito dado por Castro et al. (2020) de que os métodos modernos de E-A-T do voleibol centram-se na formação de alunos com inteligência tática, com recursos técnicos e compreensão para solucionar diversas situações de jogo.

Com esse enfoque, várias formas de atuar na formação de futuros professores surgiram nas falas dos professores. Como P1, ao mostrar uma progressão nos conteúdos que explica em sua disciplina:

“Eu apresento para os meus alunos que o estímulo à criança é fazê-la gostar do voleibol, por isso o minivoleibol e o jogo adaptado são importantes, na fase da iniciação. Dentro dos modelos de ensino eu passo muito desde o processo de

iniciação com jogos reduzidos, progressão de jogos, mostro para eles que depende também do que eles querem desenvolver, vai ter uma parte analítica específica de trabalho técnico, e outra com o olhar muito mais do trabalho situacional, porque assim eu consigo trabalhar as ações jogo para ensinar a parte tática.” (P1).

Sgrò et al. (2021b) reiteram que o estilo de ensino diretivo e os processos de aprendizagem orientados para a técnica são predominantes no ensino do Voleibol no contexto escolar, sendo esses métodos de E-A-T voltados principalmente para o desenvolvimento dos fundamentos do Voleibol, dessa forma eles indicam que os futuros profissionais aprendam como utilizá-los de forma correta e no momento correto.

P4, a partir da sua realidade acadêmica, apresenta uma outra forma de agir e transmitir esse conhecimento:

“Na minha disciplina, nas minhas turmas, eu não tenho trabalhado muito nessa divisão das faixas etárias, porque, como eu disse, nós vamos estar simulando com os alunos, a realidade, o que é a realidade? Para mim, no ensino do voleibol, é transmitir o processo pedagógico, porque sei que muitos vão trabalhar na escola e nem todos vão trabalhar com o treinamento, então procuro fazer com que eles entendam o processo pedagógico do ensino do voleibol em relação ao nível motor dos alunos que eles irão trabalhar.” (P4).

Muitos professores têm a visão de que seus alunos utilizarão os conhecimentos adquiridos na disciplina de Voleibol muito mais nas escolas do que em clubes e equipes, por isso têm a preocupação de no momento de ensinar, chegar o mais perto da realidade em que a maioria de seus alunos estarão atuando profissionalmente. P13 expõe que:

“Na minha realidade, eu consigo mostrar para eles que na iniciação dá para usar os minijogos, como uma forma de ensinar os gestos técnicos, e que eles podem usar na prática pedagógica deles, quando forem os professores.”

P2 “o estímulo à criança é fazê-la gostar do jogo fazê-la experimentar fazer gostar então o método de Mini jogo de jogo adaptado é importante para esse momento.”

P3 “quando vai chegando mais para um 6X6 que é um domínio, a gente tem um foco mais no trabalho situacional porque assim eu consigo trabalhar as ações jogo.”

P10 “eu não tenho trabalhado muito nessa divisão das faixas etárias, porque, como eu disse, nós vamos estar simulando com os alunos, na realidade, o que é a realidade? Para mim, no ensino do voleibol, é transmitir o processo pedagógico.”

Na práxis esportiva existe uma carência de modelos teóricos que retratem a ação esportiva e a comunicação entre o conhecimento e as capacidades técnico/táticas, assim sendo, Castro et al. (2020) argumentam que o aperfeiçoamento técnico é uma condição central da prática esportiva nessa fase, que irá auxiliar no desenvolvimento da capacidade tática dos alunos.

Pensando nesse sentido, os técnicos comentam sobre os métodos de E-A-T utilizados nessa fase do desenvolvimento.

T6 cita para essa fase: “Eu utilizaria os métodos analíticos, global, situacional, conversando entre si e o jogo como parte do processo pedagógico.”

T12 entende: “Tem que jogar bastante, quando trabalhei com essa faixa etária eu gostava de trabalhar com o método global, existe sempre essa mescla com o analítico, mas penso que o global é interessante nessa idade”.

Lanes e Ribas (2021) apresentam que o método situacional aparece como um recurso de E-A-T, pretendendo superar os conhecimentos cartesianos que separam a técnica da tática no processo de E-A-T do Voleibol, dado que seu entendimento é fundamental para o campo da Pedagogia do Esporte, tanto no contexto do treinamento, quanto na prática pedagógica. Seguindo as declarações dos técnicos, T9 conta a sua experiência, mesmo não atuando mais com essa faixa etária:

“Mesmo tirando um pouco da brincadeira, já começar com a sequência de repetição não desmotiva muito, porque o atleta tem aquela memória divertida do processo anterior e que conscientemente, já está dentro da cabeça do atleta o que ele tem que fazer, assim fica mais fácil trabalhar.” (T9).

“O início de uma formação técnica através de Mini jogos, a partir de situações onde a criança não tenha tanta especificidade do voleibol.” (T2).

“Um sistema de jogo para o saque por baixo possibilita isso um time vai fazer a saída, vai fazer o sistema defensivo obrigatoriamente por que o erro de saque é baixo e a facilidade da recepção é aumentado.” (T3).

T7 “utilização das metodologias analíticas, global, situacional, conversando entre si e o jogo como parte do processo pedagógico.”

Galatti et al. (2017) consideram importante, por parte do técnico, saber qual o método de E-A-T mais adequado para ser utilizado nesta etapa, pois ela é o primeiro contato sistematizado com a modalidade esportiva mediada por um treinador responsável.

T8 “acho que tem que jogar bastante, nessa idade, um jogo mais dirigido, mas a gente tem que jogar bastante.”

T11 “fala em mini vôlei eu posso pensar em mini por conta do espaço e posso pensar em mini por quantidade de pessoas no espaço maior.”

É um consenso entre os técnicos que nessa fase do desenvolvimento da aprendizagem, os métodos de E-A-T que serão utilizados, devem estar conectados com o crescimento físico-psíquico do atleta, para poder fazer com que ele aprenda a técnica de forma progressiva e sem pular etapas.

Reforçando o tópico relacionado ao conteúdo utilizado no desenvolvimento esportivo, Santos (2019) sustenta que a prática do voleibol pode se desenvolver por meio de diversas formas, mas que o ensino dos gestos técnicos e fundamentos do esporte devem ser realizados com a atenção no desenvolvimento integral dos seus alunos

Em sintonia com a argumentação do autor, os professores discorrem sobre suas práticas pedagógicas nas suas disciplinas. P3 afirma que deve existir uma progressão pedagógica:

“Joga um com e um, o “com” significa o seguinte: na fase inicial deve segurar a bola e tem que jogar para o companheiro onde ele está esse é o processo, a brincadeira, na sequência, depois é um contra um e você não joga mais aonde o colega está e assim começa a progressão dos fundamentos, 1º toque, e assim vai.” (P3).

Já P4 mostra uma outra forma de apresentar os conteúdos para seus alunos:

“Eu explico na minha prática acadêmica que pode ser em dupla, trio, que pode ser com uma ou duas bolas, que tenha uma série de variações que a gente pode trabalhar, criando dificuldades nas tarefas para os alunos, mas que necessariamente eu vou trabalhando em uma perspectiva um pouco mais analítico para, num segundo momento da aula, deixar a criança jogar, e esses exercícios podem começar usando o toque, e assim vai com os outros fundamentos.” (P4).

Pensando no conteúdo utilizado no desenvolvimento esportivo, é comum que o professor planeje o ano letivo, ou seja, pré-estipule os conteúdos e a sua sequência para todo o ano, isso pode parecer uma abordagem adequada e racional que oferece um senso de organização principalmente no momento de estar ensinando pensando nessa fase (LOUREIRO et al., 2022).

P5 menciona o que ele insiste com os seus alunos, duramente, na exposição dos conteúdos:

“O principal para o aprendizado do voleibol, é você manter a bola em jogo, devia ser proibido o saque por cima nessa fase, só saque por baixo para facilitar a execução dos outros fundamentos e a bola ficar em jogo.”

P11, que tem uma formação mais desenvolvimentista, expõe sua maneira de ensinar:

“Vocês têm que colocar elementos que caracterizam o jogo do voleibol. Se coloca elementos coordenativos, então uma série de exercícios que vocês podem fazer com bola de voleibol sem ser específico do voleibol, mas que utiliza elementos do voleibol, pois dessa forma ficará mais fácil a transferência desses elementos para a modalidade.” (P11).

E P13 comenta como faz:

“Então eu começo explicando para eles, os conteúdos que podem ser trabalhados na fase escolar. Essa primeira parte da disciplina, que é a parte da iniciação, aprimoro com eles a preocupação em desenvolver habilidades motoras fundamentais. Nessa fase a gente começa a introduzir, o saque por baixo, junto com as habilidades fundamentais envolvendo as habilidades mais básicas.” (P13)

Sgrò et al. (2021a) explicam que os processos de aprendizagem devem ser projetados para preservar a complexidade de uma tarefa motora, isto é, simplificação da tarefa em vez de sua decomposição em vários programas motores, antes de serem reconstruídos juntos, corroborando com o depoimento dos professores.

“Se eles estão trabalhando com crianças de até 12 anos não há uma orientação de trabalho de 6 contra 6, eles vão começar com a iniciação esportiva com o Mini jogo.” (P1).

“A partir do momento que a criança apresenta um crescimento, que ela tem uma especialização na modalidade, aí você começa a trabalhar com outros métodos para ampliar especificidade técnica necessária.” (P2).

P6 “joga um com e um, e começa com segurar a bola e jogar, tem que jogar para o companheiro onde ele está esse é o joguinho é brincadeira aí na evolução depois é um contra você não joga mais aonde está e sim tentar fazer o ponto.”

Para acompanhar as práticas pedagógicas declaradas pelos professores, Loureiro et al. (2022) apresentam que a natureza complexa, dinâmica e não linear do processo de E-A-T está implícito à incerteza do resultado de qualquer estímulo pedagógico, pois nem todos os alunos aprendem e adquirem as mesmas capacidades após aulas iguais.

“Nessa primeira etapa você precisa fazer com que a criança jogue o voleibol base, dentro dessa visão plurianual, a formação no planejamento de longo prazo você vai gradativamente inserindo concepções táticas de acordo com o desenvolvimento do grupo.” (P8).

“Vocês têm que colocar elementos dentro de um jogo que caracteriza o jogo do voleibol. Se coloca elementos coordenativos, então uma série de exercícios que

vocês podem fazer com bola de voleibol sem ser específico do voleibol, mas que utiliza elementos do voleibol.” (P10).

“Eu até falo com eles que existem alguns manuais que ajudam na progressão ao longo do tempo, mas não, não tenho carga horária suficiente para trabalhar todos os conteúdos.” (P12).

Analisando os depoimentos dos professores, observamos que o tempo necessário para que diferentes alunos adquiram certas habilidades, e aprendam a sequência “ótima” para atingir uma meta ou competência específica, ou mesmo os conteúdos e estratégias usados para ensinar, provavelmente variam de aluno para aluno.

Nas práticas de treinamento, os treinos abordam problemas de jogo cuja exposição repetitiva confere aos jogadores maior competência para resolvê-los, e segundo os técnicos, os conteúdos utilizados no desenvolvimento esportivo dos atletas são muito importantes, sendo assim, T13 começa esse tópico com uma declaração ao Voleibol.

“Nas categorias menores, o nosso objetivo principal não pode ser ensinar a jogar. O objetivo principal tem que ser fazer a criança se apaixonar pelo esporte.”

T1 confirma o posicionamento de T13 dizendo que: *“Essa primeira fase, é a fase de conquista do jogador, ou seja, uma das tarefas importantes nesse momento é a gente conquistar aquela criança, aquele jovem, para o voleibol.”*

T7, T6 e T9 mostram formas práticas de trabalhar os conteúdos:

“Todos os movimentos que você utiliza na modalidade são difíceis de ensinar, não é muito natural, o voleibol utiliza gestos construídos, assim para facilitar temos que fazer atividades de forma lúdica na iniciação, ensinar os gestos técnicos de forma agradável, por exemplo não vou fazer eles repetirem muitas

vezes, até eles aprenderem e na sequência ai sim, não tem como escapar dessas formas de ensinar os fundamentos.” (T7).

A ausência de sistematização dos parâmetros, segundo Machado, Rangel e Lamas (2021), define a estrutura dos treinos e reforça a abordagem empírica dos treinadores desportivos a este respeito, cuja concepção de exercícios é frequentemente baseada na própria experiência e na interação com os pares, como pode-se ver nos depoimentos abaixo.

“Os conteúdos eles baseiam muito também nessa forma de jogar porque pensando nisso todo mundo faz tudo, na nossa equipe identificamos que os levantadores quando iam para o sub16 tinham muita dificuldade de tocar para trás, então instituímos que no sub14 a gente joga com a primeira bola aberta.” (T6).

“Vai só sacar por baixo até o sub12, quando eles chegam no sub14 ele começa a aprender o saque por cima, o saque por baixo é o único fundamento que ele vai abandonar e nunca mais vai voltar. A partir do sub16, pode começar a fazer o saque com salto flutuado e depois no sub18, começa o saque viagem, por uma questão de estrutura anatômica, de estrutura muscular.” (T9).

T3 mostra uma nova tendência mundial na iniciação do voleibol:

“Atualmente o primeiro gesto técnico a ser ensinado no minivoleibol é o ataque e sabe por quê? porque é o movimento mais atrativo do voleibol, todo mundo quer atacar, o ataque é mais gostoso, dá prazer e é o que fideliza o menino ou a menina no treino e após, na sequência das categorias.” (T3).

Ratificando os depoimentos dos técnicos, temos o estudo de Silva Filho, Araujo e Costa (2022), que mostraram que o processo de E-A-T do Voleibol deve ser embasado em conhecimentos relacionados com a prática, que capacitem o

atleta a melhorar seu rendimento, sendo capaz de compreender melhor o jogo e adquirir um repertório motor necessário para jogar com qualidade.

“Você precisa saber, quais são as qualidades físicas para ensinar a criança a entender o corpo dela e quais são as qualidades que o voleibol vai exigir.” (T2).

“Progressões de passada de ataque de formas lúdicas ali no meio para que depois isso já de transferência de aprendizagem como foi ensinado. (T5).”

“Aqui na nossa equipe a gente trabalha com Mini vôlei até os 11 anos. (T8).”

“Os conteúdos eles baseiam muito também nessa forma de jogar porque pensando nisso todo mundo faz tudo.” (T9).

A partir dos depoimentos dos técnicos, observamos que os conteúdos utilizados para o desenvolvimento têm como característica o aluno ser o foco central das ações, o ensino além do esporte, a inclusão de todos, o jogo como método de ensino, a adaptação de materiais, regras e espaços, a resolução de problemas e a valorização do conhecimento prévio dos alunos.

“Saque por baixo, vai fazer na primeira categoria até os 12 anos, 13 e 14 anos por cima tipo tênis e aí a partir dos 15 anos, pode começar a fazer o saque com salto.” (T10).

“Essa primeira fase, é a fase de conquista do jogador, ou seja, uma das tarefas importantes nesse momento é a gente conquistar aquela criança aquele jovem para o voleibol, nós temos que fazer com que esse período, temos que ensinar as crianças a fazer tudo. (T11).”

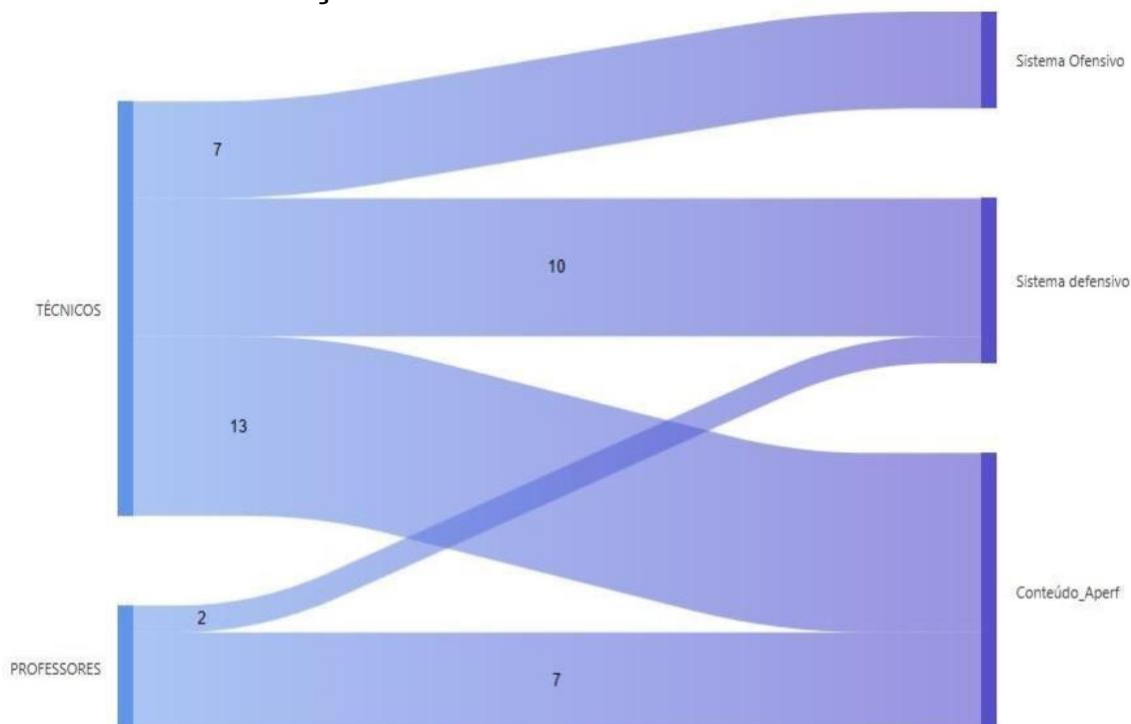
“As categorias tem que tem que ter a evolução, não é? Eu acho que tem que sacar por baixo, depois vai ser o saque por cima, até chegar a um saque com salto, por exemplo.” (T12).

Qualificar a prática é, segundo Machado, Rangel e Lamas (2021), primordial para o desempenho que se origina da escolha correta dos conteúdos aplicados nas práticas esportivas, tendo em vista as necessidades de melhoria da equipe, pois sabemos que no Voleibol e, principalmente nessa fase de desenvolvimento, o comportamento da equipe é condicionado por conteúdos técnicos, táticos e estratégicos, e os atletas se aperfeiçoam com essas práticas esportivas.

Etapa de Aperfeiçoamento esportivo

O Voleibol, de acordo com Mendes (2017), é uma modalidade de especialização tardia e mostra, em seu estudo, a preocupação dos professores em proporcionar aos alunos/atletas uma formação progressivamente mais especializada, tanto em referência às exigências da modalidade, quanto respeitando os estágios de desenvolvimento.

FIGURA 8 – DIAGRAMA DE SANKEY RELAÇÃO CÓDIGO-DOCUMENTO - ETAPA DE APERFEIÇOAMENTO ESPORTIVO



FONTE: ATLAS.ti.

Vemos no diagrama (Figura 8) a escassez de informações em relação ao tópico, por parte dos professores.

No que se refere ao código conteúdo utilizado no aperfeiçoamento esportivo, observamos uma grande dificuldade entre os professores para trabalhar com o conteúdo da especialização na formação de futuros professores. Sousa (2021) evidencia em seu estudo que, tanto na licenciatura, quanto no bacharelado, percebeu-se uma variação na carga horária de 30 a 96 horas, mas, com maior frequência, apareceu a carga horária de 60 horas. Em alguns cursos, a disciplina era ofertada como um componente do núcleo obrigatório e, em outros, era classificada como uma matéria optativa.

No que concerne a essa situação, os professores, P2, P4, P7 e P10, relataram a mesma dificuldade, como nos depoimentos de P1 e P3:

“Eu não consigo chegar nessa etapa de rendimento, de especialização e rendimento.” (P1)

“Não consigo, na graduação, trabalhar a 2ª fase, aperfeiçoamento, por que a gente tem a carga horária hoje de voleibol, são 60 horas.” (P3).

Explicando essa necessidade do desenvolvimento do conteúdo na especialização esportiva, Soytürk (2019) fala que, além do conhecimento de ensino comum, os professores devem ter a compreensão e as habilidades de ensino que são específicos para o campo em sua formação de professor.

P13 manifesta um outro cenário, sobre a dificuldade dos alunos em entender os sistemas e a complexidade dos momentos do voleibol:

“Muitas vezes alguns alunos têm essa dificuldade no entendimento do sistema 5X1, de entender as infiltrações, as atribuições de cada posição de jogo.”

P6 “não consigo na graduação, trabalhar a 2ª fase, aperfeiçoamento, por que a gente não tem carga horária suficiente.”

Soytürk (2019) sustenta ainda que, durante a graduação, deve-se oferecer suporte para suprir a necessidade do desenvolvimento desse conteúdo da especialização do Voleibol, pois o futuro professor precisa ter um conhecimento para poder realizar essa prática pedagógica.

“Quando eu chego nessa questão da especialização, explicar o que é uma periodização, já está no fim da disciplina.” (P12).

Na graduação em Educação Física, o desenvolvimento do conteúdo do E-A-T do Voleibol, de forma simples, torna necessário o aprendizado de habilidades e a capacidade de ensinar essas mesmas habilidades adquiridas durante o período de formação. Assim, os professores nos apresentaram as suas dificuldades nesse momento.

Franco et al. (2021) alegam que o sucesso no Voleibol depende da velocidade com que são tomadas as decisões, principalmente na execução da técnica dos fundamentos, por essa razão a qualidade na execução é fundamental e a preocupação com o desenvolvimento destes conteúdos é demonstrada nos depoimentos dos técnicos, a seguir.

T2 explica como faz a divisão dos conteúdos nas suas práticas esportivas:

“Na divisão dos treinos, eu faço as ponteiros com os líberos e as levantadoras, 1 hora de treino para acerto de bola ou acerto da transição, e depois outro grupo com os centrais, levantadores e líberos.”

Acompanhando esse plano de ação, T6 cita uma outra forma de agir, mas também se preocupando com a relação da qualidade e eficiência das técnicas e, aqui, juntando com a tática:

“então a gente trabalha as ações integradas porque mais especializado do que isso para elas perde um pouco da integração de todos os atletas e a relação coletiva.”

As demandas competitivas do Voleibol requerem o desenvolvimento de atletas inteligentes e taticamente autônomos, como O'Sullivan et al. (2021) apresentam, pois, para alcançar este objetivo de desenvolvimento dos conteúdos, as intervenções pedagógicas dos treinadores têm mudado de uma abordagem centrada no treinador, para uma abordagem centrada no atleta. Pensando na relação coletiva ente os sistemas, T9 mostra como desenvolve os fundamentos e qual é sua percepção quanto aos sistemas do voleibol:

“Em relação aos fundamentos, eles têm que estar lá em cima na qualidade entre os sistemas ofensivos e defensivos, eles já têm que ter um entendimento de como se trabalham os complexos. Outro fundamento que é muito importante, é o bloqueio até por causa da grande diferença entre o alcance do ataque, alcance do bloqueio.” (T9).

“Na divisão dos treinos, eu faço as ponteiros, líberos e as levantadoras, uma hora de treino para acerto de bola ou acerto da transição e depois outro grupo: centrais, levantadoras, líberos.” (T1).

“Não faço muito prática em bloco, mais a prática constante eu acho que usam mais esse termo, pra mimela gera padrão, você cria um padrão de movimento quando você faz algo sempre igual você cria um padrão.” (T3).

“Eu acho e no adulto de 18 anos para cima acho que a especialização que todo mundo treinar aquele que realmente vai executar.” (T7).

Ramos et al. (2022a), reforçando os depoimentos dos técnicos, dizem que eles são instigados a repensar as suas práticas pedagógicas para adaptar e apropriar o conteúdo do E-A-T, e ajustar a configuração do ambiente para

satisfazer as necessidades individuais que cada atleta precisa, para exercer a sua função de forma eficaz.

T8 “Então a gente trabalha as ações integradas porque mais especializado do que isso para elas perde um pouco da integração de todos os atletas.”

T10 “Então no plano de cada categoria eu coloco que nessa categoria é importante que ela tenha o controle, depois que ela tenha a eficiência, daí vai entrar força, e lá na frente a eficácia.”

Uma consideração final é que o tempo e a participação contínua nas práticas pedagógicas variadas, significativas e representativas, são necessários para que os atletas possam usar sua capacidade de identificar e interpretar informações para manter um comportamento tático efetivo.

Em relação aos dois últimos códigos, surge uma outra grande dificuldade para a execução desses sistemas para os professores: a qualidade na execução. Alguns depoimentos revelam que não conseguem desenvolver esse tópico pela dificuldade na sequência da troca de bola e, nesse ponto, ocorre uma outra opção de apresentação do aperfeiçoamento do sistema ofensivo e do sistema defensivo, como veremos nos depoimentos dos professores, a seguir:

A exposição de P1 representa o que muitos outros professores, como P3, P8, P10 e P13 falaram:

“Eu não consigo trabalhar por exemplo situação defensiva porque não veio o ataque, não sai um contra-ataque então é muito difícil gerar essas situações nas aulas.”

Silva et al. (2020) explicam o que os cinco professores acima elencados falaram, da seguinte forma: as dificuldades nas práticas de E-A-T necessitam de um olhar para as habilidades motoras isoladas dos participantes, pois sem levar em conta a prática, as atividades de maior complexidade não serão realizadas.

Da mesma forma P5 aponta a sua dificuldade em relação ao sistema ofensivo:

“A relação de recepção, levantamento e ataque quase não existe, porque a maioria dos alunos não conseguem executar os fundamentos de uma forma efetiva e a bola sempre morre no meio da ação.”

P2, P4 P7, P11 e P12 partilham a opinião de P13:

“Um dos recursos que eu tento usar, pelo menos para que eles tenham uma certa noção e que possamos discutir, são os vídeos de jogos, com situações dos dois sistemas, eu indico alguns links para que eles possam assistir e depois discutimos, foi uma das maneiras que eu consegui para contemplar esse assunto.” (P13).

O processo de ensino-aprendizagem com auxílio de recursos didáticos, segundo Lamas e Morales (2022), proporciona que o professor utilize dos conteúdos e das atividades didáticas do processo, para além da compreensão da função reguladora do contexto no ensino-aprendizagem, corroborando com o que os professores entrevistados utilizam na sua prática pedagógica.

“No sistema defensivo eu só consigo trabalhar 2 sistemas: um sistema em quadrado e um sistema perimetral, mas sem aprofundar, somente consigo o básico do básico.” (P9).

Além da dificuldade de tempo para poder apresentar esse conteúdo programático, outra grande dificuldade no processo de E-A-T dos sistemas ofensivos e defensivos na graduação, é a necessidade da habilidade técnica para a realização das práticas pedagógicas, por isso que a literatura nos apresenta soluções, tanto na utilização de recursos didáticos, quanto na observação da habilidade dos alunos que irão realizar as atividades.

Silva (2020), em sua pesquisa, exhibe uma divisão das habilidades ou fundamentos do Voleibol em complexos que representam os sistemas. O

sistema ofensivo é representado pelo complexo 1: saque recepção, levantamento, ataque; e o sistema defensivo, pelo complexo 2: bloqueio, defesa e contra-ataque. Esses termos são muito usados pelos técnicos, conforme se percebe em suas entrevistas.

Como na sua equipe T2 trabalha em dois períodos e consegue alternar o treino físico com o técnico, pela parte da manhã, ele comenta:

“Então quando um grupo está malhando, nós estamos com o outro grupo na parte técnica para os treinos da manhã a equipe é dividida em 3 grupos, primeiro as passadoras com os líberos, depois as levantadoras, depois opostos e centrais, essa divisão, não é fixa e depende do objetivo do treino se é o complexo 1 ou o 2.” (T2).

De acordo com Ramos et al. (2020a), essa forma de configuração da sessão prática, que T2 mencionou, permite que a equipe mantenha a integridade do desempenho funcional necessária para explorar as vantagens táticas em ambientes competitivos desafiadores.

Nas próximas falas, os técnicos apontam a relevância de ter uma boa qualidade no sistema ofensivo, pela sua importância como primeira ação. Para T9

“o complexo 1 tem que funcionar bem, por ser a primeira opção de fazer o ponto e recuperar a posse da bola, como eu sou louco por trabalhar a recepção, então eu reforço bastante este sistema.”

Conforme proposto por Woods et al. (2020), as tarefas de E-A-T dos sistemas ofensivo e defensivo são concebidas seguindo as informações definidas pela estratégia de jogo, a partir das informações do adversário.

“Eu acho que é a parte mais difícil, você ter boa recepção, é você controlar a bola e deixar a bola numa condição é ideal de jogo, às vezes pela dificuldade do saque, o passe não é o ideal, mas é uma ação controlada onde você pelo menos

tem duas boas opções para realizar o ataque, então isso é para mim é importantíssimo.” (T13).

Abordando o sistema defensivo, T10 e T7 expressam bem a forma de agir dos demais técnicos, T10 começa dizendo que quando o objetivo do treino é o sistema defensivo um dos fundamentos que ele foca bastante é o bloqueio e sua relação com a defesa e a sequência do jogo:

“Nós treinamos a situação do bloqueio de uma forma específica, vamos praticar a marcação dessa bola e junto, vamos sincronizar todas as ações subsequentes, a posição da defesa, sempre pensando em colocar a bola em uma posição ótima para o contra-ataque.” (T10)

“O grande pensamento em aperfeiçoar o sistema defensivo começa por fazer o ponto direto no bloqueio, depois fazer com que o teu sistema defensivo controle uma bola para o alto e por fim, ainda você tem de contra-atacar. É um sistema bem difícil, principalmente porque o ataque está superior a defesa, então temos que equilibrar as ações para podermos alcançar o êxito final.” (T7).

Fundamentando a fala de T7, T10 e T1, Ashford, Abraham e Poolton (2021) descobriram que as tendências de tomada de decisão foram negativamente associadas ao desempenho em tarefas relativamente complexas, mas levaram a decisões mais rápidas e precisas quando a tarefa era menos complexa, principalmente quando essa relação do treinamento está sendo dividida por sistemas e por grupos específicos.

T1 explica também a sua divisão no treino, *“então quando um grupo está malhando, nós estamos com o outro grupo na parte técnica.”*

Observando a fala dos técnicos, o depoimento que mais expressa e define o pensamento de uma forma simples, é o de T4, que comenta a sua visão em relação aos dois sistemas:

“para mim todos os fundamentos são importantes e aperfeiçoar os sistemas ofensivo e defensivo, eu entendo que quanto mais simples for, você vai ser efetivo.”

A dinâmica do E-A-T pode ser explorada, por exemplo, quando na sessão de treino, os jogadores se posicionam no sistema de defesa de acordo com os contextos do sistema de ataque adversário (RAMOS et al., 2020b).

A partir do que a literatura nos mostra e também pelos dizeres dos técnicos, podemos afirmar que a tendência em relação ao aperfeiçoamento dos sistemas ofensivos e defensivos, requer que algumas das sessões sejam específicas para os fundamentos, alternando com cargas coletivas para que, assim, depois do aperfeiçoamento da técnica individual, esse conhecimento seja transferido para as ações coletivas.

Síntese integradora dos depoimentos dos professores universitários e técnicos de elite sobre a organização do voleibol em longo prazo

Nesta categoria, na etapa de desenvolvimento e aprendizagem, os dois grupos de entrevistados apresentaram uma mesma linha de raciocínio: que em ambos os ambientes de prática pedagógica deve existir uma progressão no sistema de jogo e os métodos de E-A-T são os responsáveis pela progressão da técnica e da tática, e que essa progressão deve respeitar a formação física-psíquica dos jovens que receberão essa formação.

Quando falamos na etapa do aperfeiçoamento, além de apresentar algumas divergências, aqui nós temos algumas falhas e dificuldades, pois esse foco final de alto rendimento não é o viés do ensino acadêmico, mas o é no meio esportivo. Os professores comentaram da falta de tempo para poder demonstrar para os acadêmicos os conteúdos referentes a esse tema.

No caso dos técnicos entrevistados, muitos atuam nessa categoria, assim sendo, toda a sua prática pedagógica está voltada para esse tema e o seu principal objetivo, nesse caso, é o desempenho esportivo.

Mas, de uma forma geral, os dois grupos de entrevistados têm escopos semelhantes. Os técnicos têm por objetivo final formar atletas completos, com uma técnica apurada, uma inteligência tática aprimorada e que sejam pessoas éticas, tanto em quadra como fora dela. E os professores têm como objetivo principal formar profissionais competentes, com conhecimento aprimorado das técnicas e táticas do Voleibol, que tenham capacidade de gerir os seus grupos.

Na sequência, segue a síntese dos resultados e as considerações, mostrando as contribuições do trabalho, e, também as suas limitações.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não basta ensinar aos alunos a técnica dos movimentos, as habilidades básicas ou, mesmo, as capacidades físicas. É preciso ir além e ensinar o contexto em que se apresenta mas habilidades ensinadas, integrando o aluno na esfera da sua cultura corporal”. (Suraya Cristina Darido)

Esse livro teve como intuito apresentar a ampliação do conhecimento entre a dualidade dos professores e técnicos, na formação dos novos treinadores e professores, ajudando nos processos da pedagogia do esporte voltada para o Voleibol.

Esperamos ter atingido o objetivo de ampliar o acesso às formas de desenvolver as práticas de E-A-T, por meio da compilação do conhecimento acumulado de professores universitários e técnicos do Voleibol brasileiro sobre a pedagogia, aprendizagem e desenvolvimento da modalidade, sendo, para tanto, utilizadas como referências as teorias e conceitos que tratam das respectivas categorias geradoras.

Consideramos que os professores/técnicos em seus relatos demonstraram a preocupação de desenvolver em seus alunos/atletas os conceitos dos princípios educacionais, pois foram diagnosticados e estão presentes em suas práticas pedagógicas e esportivas, o que se revelou de grande relevância na formação dos futuros profissionais e atletas de Voleibol.

Quando verificamos a compreensão e a utilização dos conceitos da PE nas ações pedagógicas e esportivas, apuramos que, em seus respectivos ambientes, professores e técnicos percebem a importância dessa utilização para o atingimento de todos os seus objetivos acadêmicos e esportivos.

Acerca dos métodos de E-A-T, identificou-se durante a pesquisa que os professores/técnicos estão atentos às atualizações dos métodos de E-A-T contemporâneos, e efetivamente as utilizam, sempre pensando em uma melhor forma de adequação ao seu contexto e aos seus objetivos de trabalho e atuação. Em relação à última categoria geradora, organização do E-A-T do Voleibol em longo prazo, verificamos que o maior interesse é realmente realizar um trabalho inicial de desenvolvimento do Voleibol, respeitando as fases de formação, cuidando em não sobrecarregar o corpo com atividades excessivas e, principalmente, motivando a participação, de maneira que os novos alunos/atletas tenham vontade de dar a sequência na modalidade.

Entretanto, devido à reduzida carga horária da disciplina e ao grande volume de conteúdo, surgiu uma deficiência na ação dos professores universitários em trabalhar a fase de especialização para os futuros profissionais. No contexto

esportivo, os técnicos manifestaram que utilizar a divisão em sistemas ou complexos atende a realização das atividades.

Finalizando, depreendemos durante o processo da pesquisa que as categorias geradoras não são trabalhadas de forma separada, mas em todos os cenários e ambientes de atuação. Percebe-se, além do mais, que os professores/técnicos participantes da pesquisa têm como convicção ajudar na formação integral dos alunos/atletas, não só como profissionais, mas também como cidadãos, responsáveis e cientes das suas ações, e que a perspectiva das metodologias da organização mostra que o processo educacional existe, e está acontecendo na prática.

No livro mostramos que a aprendizagem do Voleibol brasileiro, com base nas experiências de professores universitários e técnicos brasileiros da elite, transcendem os resultados específicos do processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento esportivo, especificamente nos aspectos dos princípios educacionais, da Pedagogia do Esporte, dos métodos de ensino-aprendizagem/treinamento durante a prática pedagógica e da organização educacional dos conteúdos de ensino-aprendizagem em longo prazo.

Dessa forma, sugerimos mais produções científicas para ampliar o debate acadêmico sobre o processo de desenvolvimento do Voleibol brasileiro, explorando um pouco mais os métodos de E-A-T utilizados, tanto nos treinamentos, quanto na disciplina de Voleibol, buscando a formação de novos professores/técnicos, as formas de avaliação estatística e como os alunos/atletas são informados desses dados.

Aos professores, sugerimos que, pensem em formar cada vez mais profissionais da Educação Física que tenham em mente que o Voleibol é uma excelente ferramenta no desenvolvimento físico, psíquico e social de seus alunos.

Aos técnicos, sugerimos que, além da formação técnica e tática, pensem também na formação da inteligência esportiva, desenvolvendo a autonomia de ação dos seus atletas, bem como utilizar-se de pedagogias centradas não somente nos aspectos físicos técnicos e táticos, mas também centradas nos

princípios educacionais, nos novos métodos e no planejamento dos conteúdos em longo prazo, respeitando as etapas de iniciação e especialização com vistas aos resultados superiores durante o processo de ensino-aprendizagem-treinamento.



REFERÊNCIAS

ABURACHID, L. M. C.; FRANCISCO, P. S.; SILVA, S. R.; FERREIRA, T.; GRECO, P. J. O desafio de ensinar esportes: aspectos pedagógicos a serem considerados na práxis. *Corpoconsciência*, Cuiabá, v. 23, n. 3, p. 122-133, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/8445>. Acesso em: 10 fev. 2022.

AGUIAR, A. de; JACQUES, R. K. G.; VASCONCELOS, G. R.; SANTOS, A. G. B.; SILVEIRA, M. I. C.; NORONHA, D. M. Voleibol e suas possibilidades no ensino médio. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, v. 9, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/85505>. Acesso em: 17 jan. 2022.

ALMEIDA, I. R. A psicologia do esporte aplicada no voleibol no 3º ano do ensino médio para adolescentes de 15 a 17 anos. Trabalho de Graduação (Educação Física) Centro Universitário Internacional - Uninter, Curitiba, 2022.

ALMEIDA, J. S. de. Coeducação ou classes mistas? Índícios para a historiografia escolar (São Paulo – 1870-1930). *Revista brasileira de estudos pedagógicos [S.I.]*, v. 86, n. 1, p. 64-78, dez. 2005. DOI. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.86i213/214.836>.

ALONSO, E. M.; CARVALHO, C. L.; ARAÚJO, P. F.; SALERNO, M. B. Inclusão na deficiência física escolar na concepção de escolares com deficiência visual. *Conexões*. Unicamp. Campinas, v. 18, p. 1–17, 2020. DOI. <https://doi.org/10.20396/conex.v18i0.8656129>. Acesso em: 18 fev. 2022.

ANDERSON, E. A referee perspective on the educational practice of competitive youth games: exploring the pedagogical function of parents, coaches and referees in grassroots soccer. *Physical Education and Sport Pedagogy*, [S.I.], v. 24, n. 6, p. 615- 628, 2019. DOI. <https://doi.org/10.1080/17408989.2019.1652806>.

ANDRADE, F. C.; NOGUEIRA, R. A.; COIMBRA, D. R.; DIAS, B. M.; FREITAS, V. H.; BARA FILHO, M. G. Internal training load: perception of volleyball coaches and athletes. *Rev. Bras. Cineantropom Desempenho Hum*, Florianópolis, v.16, n. 6, p. 638-47, 2014. DOI. <https://doi.org/10.5007/1980-10.5007/1980-0037.2014v16n6p638>

ARAÚJO, R.; MESQUITA, I. M. R.; HASTIE, P.; PEREIRA, C. Students' game performance improvements during a hybrid sport education–step-game-approach volleyball unit. *European Physical Education Review*, [S.I.], v. 22, n. 2, p. 185–200, 2016. DOI. <https://doi.org/10.1177/1356336X15597927>.

ARRUDA, J. D. et al. Cenários e processos de socialização docente: um estudo com professores de ginástica artística. *Motrivivência*, [S.I.], v. 35, n. 66, p. 1-24, 2023.

ASHFORD, M.; ABRAHAM, A.; POOLTON, J. Understanding a player's decision-making process in team sports: a systematic review of empirical evidence. *Sports*, [S.l.], v. 9, n. 5, p. 65, 2021.

BALBINO, H. F. Jogos esportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas: bases para uma proposta em pedagogia do esporte. 2001. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. Voleibol escolar: uma proposta de ensino nas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal do conteúdo. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 179–194, 2010. DOI. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092010000200003>.

BATEZ, M.; PETRUŠIĆ, T.; BOGATAJ, Š.; TRAJKOVIC, N. Effects of teaching program based on teaching games for understanding model on volleyball skills and enjoyment in secondary school students. *Sustainability*, [S.l.], v.13, p. 606, 2021 DOI. <https://doi.org/10.3390/su13020606>.

BENELI, L. de M.; PRONI, M. W.; MONTAGNER, P. C. Challenges for sport pedagogy due to the influence of marketing on contemporary sport. *J. Phys. Educ.*, Maringá, v. 27, p. e2750, 2016. DOI. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v27i1.2750>.

BENITES, L. C. et al. Análise de conteúdo na investigação pedagógica em educação física: estudo sobre estágio curricular supervisionado. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 35-50, 2016. DOI. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.53390>.

BENTO, J. O. Da pedagogia do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Orgs.). *Pedagogia do desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BERGER, A. G. Do esporte para a vida: contribuições da pedagogia do esporte e do desenvolvimento positivo de jovens para a formação do cidadão. 2021. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

BERGER, A. G.; GINCIENE, G.; LEONARDI, T. J. Pedagogia do esporte e o referencial socioeducativo: diálogos entre a teoria e a prática. *Movimento*, Porto Alegre, p. e26063, ago. 2020. ISSN 1982-8918. DOI. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.102084>.

- BERGER, A. G.; GINCIENE, G.; LEONARDI, T. J. Pedagogia do esporte: diálogos entre a teoria e a prática. Revista Movimento. Porto Alegre, v. 26, jan./dez. 2020. DOI. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.102084>.
- BIZZOCCHI, C. O voleibol de alto nível: da iniciação à competição. 5. ed. Barueri: Manole; 2016.
- BOJIKIAN, L. P. Processo de formação de aluno/atleta de voleibol feminino. 2013. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BOLONHINI, S. Z.; PAES, R. R. A proposta pedagógica do teaching games for understanding: Reflexões sobre a iniciação esportiva. Pensar a prática, [S.l.], vol. 12, n. 2. p. 1-4. 2009. DOI. <https://doi.org/10.5216/rpp.v12i2.5694>.
- BORGES, R. M.; DINIZ, I. K. S. Voleibol. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). Esportes de marca e com rede divisória ou muro-parede de rebote: práticas corporais e a organização do conhecimento. 2. ed. Maringá: Eduem, v. 2, p. 373-458, 2014.
- BORGES, S. L. Metodologias de ensino dos esportes coletivos na iniciação esportiva escolar em atividades extracurriculares. Vitrine Prod. Acad., Curitiba, v. 3, n. 1, p. 183-192, jan./jun. 2015.
- BRASIL, M. R. et al. Análise de desempenho da seleção brasileira de voleibol masculina: análise da participação na II Liga das Nações. Educación Física y Ciencia, [S.l.], v. 24, n. 2, p. 218-218, 2022. DOI. <https://doi.org/10.24215/23142561e218>
- BROTTO, B. M.; ROSSETTO JUNIOR, A. J. (Orgs.). Estratégias de ensino do esporte educacional. São Paulo: Gráfica Paulo's, 2017.
- BROTTO, F. O. Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. 4. ed. São Paulo: Palas Athena. 2013. 180p.
- BURGOS, S. T.; LÓPEZ, Y. P. Análisis del proceso de enseñanza y aprendizaje: fundamentos técnico-tácticos del mini voleibol en niños de 10 años de la Unidad Educativa Bilingüe Torremar. 593 Digital Publisher CEIT, [S.l.], v. 6, n. 5, p. 116-139, 2021. DOI. <https://doi.org/10.33386/593dp.2021.5-1.791>.
- CAMANHO, S.; COSTA, R. R.; SCAGLIA, A. J. Sistemas táticos do voleibol Vantagens, desvantagens e suas consequências para a formação. Journal of Sport Pedagogy and Research, [S.l.], v. 6, n. 3, p. 11-24, 2020. DOI. [10.47863/OBHJ9798](https://doi.org/10.47863/OBHJ9798).
- CANAN, F. Planejamento e organização da competição esportiva pedagógica para crianças e adolescentes: um exemplo no basquetebol. Caderno de

Educação Física e Esporte, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 259-268, 2018. DOI. <https://doi.org/10.36453/2318-5104.2018.v16.n1.p259>.

CANTERO, D. S. M. Teoría fundamentada y Atlas.ti: recursos metodológicos para la investigación educativa. Revista Electrónica de Investigación Educativa, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 104-122, 2014.

CARON, A. E. G. "Ataques e defesas" no ensino de valores por meio do esporte: metodologia compartilhar de iniciação ao voleibol. 227 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

CASTRO, A. S.; SILVA, T. H.; SANTOS, N. A.; SILVA, J. B.; TEIXEIRA, M. C. Voleibol contribuindo para o desenvolvimento social e físico de crianças e adolescentes residentes em Lavras-MG/projeto vivavôlei/volleyball contributing to the social and physical development of children and adolescents living in Lavras-MG/projeto vivavôlei. Brazilian Journal of Development, [S.l.], v. 7, n. 5, p. 44892-44903, 2021. DOI. <https://doi.org/10.34117/bjdv.v7i5.29336>.

CASTRO, H. O.; LAPORTA, L.; LIMA, R. F.; CLEMENTE, F.; AFONSO, J.; AGUIAR, S.; COSTA, G. C. T. Small-sided games in volleyball: a systematic review of the state of the art. Biology of Sport, [S.l.], v. 39, n. 4, p. 995–1010, 2022. DOI. <https://doi.org/10.5114/biol sport.2022.109960>.

CASTRO, H.; ISABEL, M.; COSTA, G.; PIRES, E.; MORENO, M. P.; GRECO, P. J. Modelo pendular de treinamento tático-técnico: manual de aplicação prática no voleibol. Mauritius: Nova Edições Acadêmicas, 2020.

CHAGAS, A. K. C.; DA SILVA, Y. I.; GUEDES, M. C. A criatividade como estratégia e intervenção para a inclusão escolar na aplicação dos conteúdos da Educação Física. Intercontinental Journal on Physical Education ISSN 2675-0333, [S.l.], v. 4, n. 1, 2022.

COLLET, C. Formação esportiva de atletas de elite: um estudo com as seleções brasileiras de voleibol. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Centro de Desportos. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018.

COLLET, C.; FOLLE, A.; IBÁÑEZ, S. J.; NASCIMENTO, J. V. do. Practice context on sport development of elite Brazilian volleyball athletes. Journal of Physical Education, [S.l.], v. 32, n. 1, p. e-3268, 24 jul. 2021. DOI. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v32i1.3268>.

COSSIO-BOLAÑOS, M. A; et al. Métodos de ensino nos jogos esportivos. Movimento e Percepção, Campinas, v. 10, n. 15, p. 264-273, 2009.

- COSTA, L. C. A.; NASCIMENTO, J. V. O ensino da técnica e da tática: Novas abordagens metodológicas. *Revista de Educação Física/UEM, Maringá*, v. 15, n. 2, p. 49-56, 2004. DOI. [10.4025/reveducfisv15n2p49-56](https://doi.org/10.4025/reveducfisv15n2p49-56).
- COSTA, L.; MESQUITA, I.; OLIVEIRA, A.; SOUZA, V.; PASSOS, P.; VIEIRA, L. O esporte na educação física escolar: um conteúdo com potencial emancipador. *Movimento (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre*, p. 1077-1096, jan. 2019. DOI. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.77060>.
- COSTA, G. de C. T. et al. Análise do ataque do jogador de ponta no voleibol brasileiro masculino. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, [S.l.]*, v. 42, 2020. DOI. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.07.003>.
- CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; EVANS, M. B. The dynamic process of development through sport. *Kinesiologia Slovenica, Ljubljana*, v. 20, n. 3, p. 14-26, 2014.
- COUTINHO, N. F.; SILVA, S. A. P. S. Conhecimento e aplicação de métodos de ensino para os jogos esportivos coletivos na formação profissional em educação física. *Revista Movimento, Porto Alegre*, v. 15, n. 1, p. 117-144, 2009. DOI. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2086>.
- COUTINHO, P.; RAMOS, A.; MESQUITA, I. Mais diversidade na unidade. Historial da prática desportiva: Contributos para uma melhor compreensão sobre a formação e desenvolvimento do praticante a longo prazo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, Porto*, v. 21, n. S2, p. 400-420, 2021. DOI. <https://doi.org/10.5628/rpcd.21.S2.400>.
- CUNHA, L. S. DE O.; HELLMANN, F. Ética, bioética e educação física: revisão sistematizada de uma convergência necessária. *Revista Bioética, [S.l.]*, v. 30, n. 2, abr. 2022. DOI. <https://doi.org/10.1590/1983-80422022302540PT>.
- DARIDO, S. C.; RUFINO, L. G. B. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo*, v. 26, n. 2, p. 283-300, abr./jun. 2012.
- DE ANGELIS, O. G. R.; BENTO, W. S.; SILVA, I. S.; OLIVEIRA, V. R.; FRANCO, F. S. L. C. Análise qualitativa dos fundamentos em jogos de voleibol escolar. *Revista Biomotriz, Cruz Alta*, v. 13, n. 2, p. 21-35, jun. 2019.
- DE ANGELIS, O. G. R.; BENTO, W. S.; SILVA, I. S.; OLIVEIRA, V. R.; FRANCO, F. S. C. Characterizing the pattern of rally times and complexes in school volleyball. *Journal of Physical Education, Maringá*, v. 31, n. 1, p. e-3133, 24 mar. 2020. DOI. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v31i1.3133>.
- DEVIDE, F. P.; ROCHA, C. M.; MOREIRA, I. S. Coeducação e educação física escolar: uma ferramenta para abordar as relações de gênero nas práticas corporais. *Cadernos de Formação RBCE, Niteroi*, v. 11, n. 2, 2020.

DOMÍNGUEZ, B. N.; NOGALES, J. A. C.; ROBLES, M. T. A.; FUENTES-GUERRA, F. J. G. El desarrollo del respeto en la formación deportiva: una revisión sistemática. *Sportis. Scientific Journal of School Sport, Physical Education and Psychomotricity*, [S.l.], v. 6, n. 3, p. 533-554, 1 set. 2020. DOI. <https://doi.org/10.17979/sportis.2020.6.3.6527>.

DUWE, E. J.; NOVAES, A. J. Planejamento do voleibol a longo prazo por faixas etárias. *Revista Leonardo Pós*, Blumenau, v. 1, n. 2, p. 1-11, 2003.

FABRIS, F. L.; MORÃO, K. G.; MACHADO, A. A. Influência parental no esporte: uma revisão da psicologia do esporte. *Lecturas: educación física y deportes*, [S.l.], v. 25, n. 272, 2021. DOI. <https://doi.org/10.46642/efd.v25i272.1652>.

FAGUNDES, F. M. O modelo teaching games for understanding e a praxiologia motriz: sistematização do ensino para compreensão da lógica interna do voleibol. 135 F. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Centro de Educação Física e desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

FAGUNDES, F. M.; RIBAS, J. F. M. A dinâmica do voleibol sob as lentes da praxiologia motriz: uma análise praxiológica do levantamento. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, [S.l.], v. 25, n. 3, p.134-149, 2017. DOI. <http://dx.doi.org/10.31501/rbcm.v25i3.7575>.

FARIA, B. S. H.; CAMPOS, Y. A. C.; TOLEDO, H.; MIRANDA, R.; VIANNA, J. M.; BARA FILHO, M. G. Comparison of the training load of professional athletes between modes of volleyball specific drills and strength conditioning. *Journal of Physical Education*, [S.l.], v. 31, n. 1, p. e-3110, feb. 2020. DOI. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v31i1.3110>.

FERNANDES, P.; GÓIS, M.; CORREIA, A. L. Estratégias didáticas no processo de ensino e aprendizagem em educação física—importância da motivação, auto percepção e relações sociométricas em unidades didáticas de atividades rítmicas expressivas (ARE). In: *O ecletismo da educação física: contributos didáticos*, p. 167. Universidade da Madeira 2023

FERNÁNDEZ-ECHEVERRÍA, C. et al. Towards a more efficient training process in high-level female volleyball from a match analysis intervention program based on the constraint-led approach: the voice of the players. *Frontiers in Psychology*, [S.l.], v. 12, p. 645536, 2021.

FERREIRA, A. B. H. *Mini Aurélio o dicionário da língua portuguesa*. 8 ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010. p. 960.

FERREIRA, H. B. *Pedagogia do esporte: estrutura pedagógica para o processo de iniciação esportiva na ótica de especialistas na temática*. 413 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

FERREIRA, R. A. A coeducação oportunizada pelo trabalho colaborativo nas aulas de Educação Física. *Educação, Ciência e Cultura*, [S.l.], v. 27, n. 1, 2022.

FLORES, N. T. E.; RIZZO, D. T. S.; VALENÇOELA, L. P. Por uma pedagogia do treinamento esportivo infantil. *Revista Panorâmica online, Ponta Porã*, v. 27, n. 2, 2019.

FOLLE, A.; COLLET, C.; MACIEL, L. F. P.; ARALDI, F. M.; DALLEGRAVE, E. J.; OLIVEIRA, V. P.; NASCIMENTO, J. V. Processo de formação esportiva: estágios de desenvolvimento de atletas do basquetebol feminino. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, [S.l.], v. 28, n. 3, p. 60-84, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.31501/rbcm.v28i3.10736>.

FONSECA, F. de S.; SANTOS, D. V. L. A.; FIGUEIREDO, L. S.; FARAH, B. Q.; MORAES, A. F. de; COSTA, G. de C. T.; FIALHO, J. V. A. P. Nível de conhecimento acerca dos métodos de ensino dos esportes coletivos e sua frequência de utilização na atuação profissional. *Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon*, v. 19, n. 2, p. 49–55, 2021. DOI: 10.36453/cefe.2021.n2.27259. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/cadernoedfísica/article/view/27259>. Acesso em: 25 fev. 2022.

RODIGUES, M. F.; CAMPINAS, L. F.; MIGUEL, H. A utilização de jogos reduzidos e com bola nos pés para treinamento do fundamento passe em uma equipe iniciante de futebol. *RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol, São Paulo*, v. 12, n. 48, p. 273-281, set. 2020.

FRANCO, F. S. C.; JUNIOR, J. B. F.; BARROS MONTEIRO, A. M.; BITTENCOURT, R. S.; ANDRADE, J. F.; BENTO, W. S. Comparação dos tempos de rally e efetividade das ações entre voleibol profissional e escolar sub-19. *Motricidade*, [S.l.], v. 17, n. 2, p. 119-128, 2021. DOI: <https://doi.org/10.6063/motricidade.19747>.

FRANCO, M. L. *Análise de conteúdo*. 5. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2018.

FREIRE, J. B. Oficina do jogo: ensino, pesquisa e extensão. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física, Florianópolis*, v. 1, n. 1, p. 157-175, ago. 2009.

FREIRE, J. B. *Pedagogia do futebol*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

FREITAS, V. H.; NAKAMURA, F. Y.; ANDRADE, F. C.; PEREIRA, L. A.; COIMBRA, D. R.; BARA FILHO, M. G. Pre-competitive physical training and markers of performance, stress and recovery in young volleyball athletes. *Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum, Florianópolis*, v. 17, n. 1, p. 31-40, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-0037.2015v17n1p31>.

- FRIEDERICH, B. et al. Utilização dos jogos reduzidos como estratégia de ensino do voleibol na escola. uma revisão narrativa. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, [S.l.], v. 27, n. 291, 2022. DOI. <https://doi.org/10.46642/efd.v27i291.3315>.
- GACHET, E.; LEONARDI, T. J.; PRODÓCIMO, E. Influência de uma proposta de Futsal na manifestação de violência entre crianças. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, [S.l.], n. 2, 2017. DOI. [10.5628/RPCD.17.02.53](https://doi.org/10.5628/RPCD.17.02.53).
- GALATTI, L. R. et al. O ensino dos jogos esportivos coletivos: avanços metodológicos dos aspectos estratégico-tático-técnicos. *Pensar a prática*, [S.l.], v. 20, n. 3, 2017. DOI. <https://doi.org/10.5216/rpp.v20i3.39593>.
- GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. *Revista de Educação Física/UEM, Maringá*, v. 25, n. 1, p. 153-162, mar. 2014. DOI. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v25i1.21088>.
- GALATTI, L. R.; PAES, R. R.; DARIDO, S. C. Pedagogia do Esporte: livro didático aplicado aos Jogos Esportivos coletivos. *Motriz: Revista de Educação Física*, [S.l.], v. 16, p. 751-761, 2010. DOI. <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n3p751>.
- GALDINA, A. J.; CARDOSO, A. L. Planejar é preciso: reflexões acerca da proposta crítico superadora sobre o planejamento. *Revista Saberes Pedagógicos*, [S.l.], v. 5, n. 3, 2021. DOI. <http://dx.doi.org/10.18616/rsp.v5i3.6900>.
- GALLAHUE D. L.; OZMUN J. C.; GOODWAY J. D. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- GALLAHUE, D. L.; DONNELLY, F. C. *Educação física desenvolvimentista para todas as crianças*. 4. ed. São Paulo: Phorte, 2008.
- GARCIA, R. M.; MEIRELES, C. H. A. DE; PEREIRA, E. G. B. Evolução e adaptação histórica do voleibol. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, [S.l.], v. 26, n. 281, 2021. DOI. <https://doi.org/10.46642/efd.v26i281.2842>.
- GHIDETTI, F. F. Pedagogia do esporte e educação física: a convergência na busca da autonomia em relação aos significados culturais do esporte. *Movimento*, [S.l.], v. 26, 2022. DOI. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.96529>.
- GIBBS, G. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GINCIENE, G.; IMPOLCETTO, F. M. Primeiras aproximações para uma proposta de ensino dos jogos de rede/parede: reflexões sobre o tênis de campo e o

voleibol. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, [S.l.], v. 27, n. 2, p. 121–132, 2019. DOI. <http://dx.doi.org/10.31501/rbcm.v27i2.9135>.

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GOMES, A. Aplicação do Modelo de Abordagem Progressiva ao Jogo no Voleibol Sentado. Dissertação apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto, 2018.

GRAÇA, A.; MESQUITA, I. Ensino dos jogos desportivos: concepções, modelos e avaliação. In: ROSADO, A.; MESQUITA, I. (Eds.), *Pedagogia do desporto*. Lisboa: Edições FMH – UTL, 2009. p. 131-164.

GRAÇA, A.; MESQUITA, I. Modelos e concepções do ensino nos jogos esportivos. In: TAVARES, F. (Org.). *Jogos desportivos colectivos: ensinar a jogar*. Porto: Porto, 2013.

GRAY, D. E. *Pesquisa no mundo real*. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. In: BRASIL. Ministério do Esporte. Comissão de Especialista de Educação Física. *Manifestações dos esportes*. Brasília, Universidade de Brasília: CEAD, 2005.

GRECO, P. J.; SILVA, SIOMARA. A.; SANTOS, L. R. In: OLIVEIRA, A. A. B.; PERIM, G. L. (Orgs.). *Fundamentos pedagógicos para o Programa Segundo Tempo: da reflexão a prática*. Maringá: Eduem, 2009.

GRISI, R. B.; TORRES, V. B. C.; SILVA, J. C. G. D.; MARANHÃO, J. F. S.; CASTRO, H. D. O.; BATISTA, G. R. Efeito de diferentes métodos de treinamento sobre o desempenho tático-técnico e a tomada de decisão de atletas masculinos do voleibol de praia. *Journal of Physical Education*, [S.l.], v. 32, 2022. DOI. <https://doi.org/10.4025/JPHYSEDUC.V32I1.3234>.

GUIMARÃES L. G.; NUNES A. M. R. O adolescente iniciante ao esporte de rendimento, *Revista Acta Brasileira do Movimento Humano*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p.17-39, jul./set. 2014.

GUIMARÃES, A. A. ProUni: possibilidades e desafios para a emancipação de bolsistas no atual contexto do mundo do trabalho. 207 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.

GÜLLICH, A.; CRONAUER, R.; DIEHL, J.; GARD, L.; MILLER, C. Coach-assessed skill learning progress of youth soccer players correlates with earlier childhood practice in other sports. *International Journal of Sports Science & Coaching*, [S.l.], v. 15, n. 3, p. 285-296, 2020. DOI:10.1177/1747954120912351.

- HAGUE, C.; MCGUIRE, C. S.; CHEN, J.; BRUNER, M. B.; CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; MARTIN, L. J. Coaches' influence on team dynamics in sport: A scoping review. *Sports Coaching Review*, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 225-248, 2021. DOI. [10.1080/21640629.2021.1874096](https://doi.org/10.1080/21640629.2021.1874096).
- HILDEBRANDT-STRAMANN, R.; OLIVEIRA, A. A. B. de; HATJE, M.; PALM, L. E. A formação do professor de educação física: da didática das disciplinas ao conhecimento do ensino. *Movimento*, [S.l.], v. 27, 2021. DOI. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.106849>.
- HIRAMA, L. K.; JOAQUIM, C. S.; MATOS, J. A. B.; MONTAGNER, P. C. A construção tática no voleibol: ensino pela compreensão. *Revista da Faculdade de Educação da Física UNICAMP, Campinas*, v. 13, n. 4, p. 165–177, 2015. DOI. <https://doi.org/10.20396/conex.v13i4.8643439>.
- HIRAMA, L. K.; MONTAGNER, P. C. *Pedagogia do esporte e valores: intervenções para formação da personalidade moral*. Curitiba: Appris, 2020.
- IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. O “Estado da arte” do voleibol e do voleibol na escola. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, [S.l.], v. 24, n. 4, p. 175–186, 2016. DOI. <http://dx.doi.org/10.18511/rbcm.v24i4.5581>.
- JATOBÁ, T. D. N.; MENEZES, R. P. Preferências por métodos de ensino e transferências para o jogo: um olhar de jogadoras de handebol. *Journal of Physical Education*, [S.l.], v. 32, 2021. DOI. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v32i1.3219>.
- KNOBLOCHOVA, M. et al. Achievement goal orientations, sport motivation and competitive performance in beach volleyball players. *Acta Gymnica*, [S.l.], v. 51, 2021. DOI. 10.5507/ag.2021.016.
- KOERBES, G. E.; ROTHER, R. L. Implicações da prática do voleibol escolar nos hábitos esportivos na idade adulta. *Revista Destaques Acadêmicos*, [S.l.], v. 13, n. 2, 2021. DOI. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.106849>.
- KORSAKAS, P. O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa. In: ROSE JUNIOR, D. D. (Org.) *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2009.
- KORSAKAS, P.; ROSE JUNIOR, D. D. Os encontros e desencontros entre esporte e educação: uma discussão filosófico-pedagógica. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 83-93, 2002.
- KOUMANTAREAS, J.; OLIVEIRA, R. C. DE. Esporte, saúde e prática pedagógica em Educação Física. *Perspectivas em Diálogo*, [S.l.], v. 8, n. 18, p. 253-270, 2021. DOI. <https://doi.org/10.55028/pdres.v8i18.12326>.

KRIPPENDORFF, K. Content analysis: an introduction to its methodology. 4. Ed. Los Angeles: SAGE, 2018.

KUNZ, E. Educação Física: ensino & mudanças. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

LAMAS, L.; MORALES, J. C. P. Integração entre a análise do desempenho e o ensino-aprendizagem nos esportes coletivos. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, [S.l.], v. 44, 2022. DOI. <https://doi.org/10.1590/rbce.44.e010121>.

LANES, B. M.; RIBAS, J. F. M. Momentos do método situacional no processo de ensino-aprendizagem dos jogos esportivos coletivos: um aprofundamento conceitual. Kinesis, [S. l.], v. 39, n. 1, 2021. DOI: 10.5902/2316546444307. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/44307>. Acesso em: 28 fev. 2022.

LAPORTA, L.; IGOR, A.; MEDEIROS, A.; VARGAS, N.; CONTI, G.; COSTA, T.; AFONSO, J. Coexistence of distinct performance models in high-level women's volleyball. Journal of Human Kinetics, [S.l.], v. 78, p.161–173, 2021. DOI. [10.2478/hukin-2021-0048](https://doi.org/10.2478/hukin-2021-0048).

LEONARDI, T. J. et al. Pedagogia do esporte: indicativos para o desenvolvimento integraldo indivíduo. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 13, n. 1, p.41-58, 2014.

LEONARDI, T. J.; BERGER, A. G.; REVERDITO, R. S. Esporte contemporâneo e os novos desafios à pedagogia do esporte. In: BETTINE, M.; GUTIERREZ, G. L. (Orgs.). Esporte e sociedade: um olhar a partir da globalização. São Paulo: IEA-USP, 2019, p. 254-269. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/422/375/1493->. Acesso em: 28 fev. 2022.

LEONARDI, T. J. et al. Referenciais da pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: interfaces teóricas e aplicadas. Pensar a prática. Goiânia, [S.l.], v. 24, n. 1, p. 1-22, 2021. DOI. <https://doi.org/10.5216/rpp.v24.68983>.

LIRA, C. A. B. et al. A pedagogia do ensino das modalidades esportivas coletivas e individuais: um ensaio teórico. Conexões: revista da faculdade de educação física da Unicamp, Campinas, v. 13, n. 4, p. 137-154, out./dez. 2015. DOI. <https://doi.org/10.20396/conex.v13i4.8643437>.

LONGO, R. A.; TERTULIANO, I. W.; SENA, A. B. D.; MORÃO, K. G.; VERZANI, R. H.; MACHADO, A. A. A permanência de crianças e jovens nos esportes: olhares para iniciação e especialização esportiva. Caderno de Educação Física e Esporte, [S.l.], v. 15, n. 2, p. 121-132, 2017. DOI. [10.36453/2318-5104.2017](https://doi.org/10.36453/2318-5104.2017).

LOUREIRO, M. et al. Ongoing Bidirectional Feedback between Planning and Assessment in Educational Contexts: A Narrative Review. International Journal of Environmental Research and Public Health, [S.l.], v. 19, n. 19, p. 12068, 2022.

- LUCIDI, F.; ZELLI, A.; MALLIA, L.; NICOLAIS, G.; LAZURAS, L.; & HAGGER, M. S. Moral attitudes predict cheating and gamesmanship behaviors among competitive tennis players. *Frontiers in psychology*, [S.l.], v. 8, p. 571, 2017. DOI. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00571>
- MACHADO, A. A. Voleibol: do aprender ao especializar. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica. *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 405-418, abr./jun. 2015. DOI. [10.22456/1982-8918.48275](https://doi.org/10.22456/1982-8918.48275).
- MACHADO, T.; RANGEL, W.; LAMAS, L. The design of a volleyball training drill: definition of parameters and assessment of drills' contents. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, [S.l.], v. 43, 2021. DOI. <https://doi.org/10.1590/rbce.43.e006320>.
- MACIEL, M. E.; TULLIO, M. I. Planejamento nas aulas de educação física escolar. *Faculdade Sant'Ana em Revista*, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 166-181, 2020.
- MADEIRA, D. A. R. I; NAVARRO, A. C. A escolha da metodologia de treinamento de futsal como ferramenta fundamental para formação de aluno/atleta e estruturação do jogo. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo, v. 4, n. 14, p. 239-244, 2012.
- MAGALHÃES, U. M. O ensino do voleibol escolar: possibilidades de intervenção na prática pedagógica Oliveira. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitoria, 2020.
- MALVAR, A. J. M.; SOUZA JUNIOR, O. M. “E a gente teve que aprender a conviver”: meninas e futsal escolar. *MOTRICIDADES*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 106–122, 2021. DOI: 10.29181/2594-6463-2021-v5-n1-secesp-p106-122. Disponível em: <https://motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2021-v5-n1-secesp-p106-122>. Acesso em: 18 fev. 2022.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARQUES, N. K. Periodização específica para o voleibol: estruturação subjetiva da carga do treino com bola. *Revista científica especializada en Ciencias de la Cultura Física y del Deporte*, [S.l.], v. 19, n. 53, p. 105-123, 2022.
- MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 225-242, abr. 2008. DOI. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.3580>.

- MARQUES JUNIOR, N. Specific periodization for the volleyball: a training organization with ball and of the physical training. *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*, [S.l.], v. 13, n. 81, p. 58-69, 2019.
- MATIAS, C. J.; GRECO, P. J. Análise da organização ofensiva dos levantadores da superliga de voleibol. *Revista Brasileira Ciências do Esporte*, Brasília, v. 33, n. 4, p.1007-28, 2011. DOI. <https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000400014>.
- MATTHIESEN, S. Q. *Atletismo se aprende na escola*. Jundiaí: Fontoura, 2005.
- MATTOS, P.; LINCOLN, C. L. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. *Revista de Administração Pública - RAP*, [S.l.], v. 39, n. 4, p. 823-47, 2005.
- MAZZARDO, T.; RIBAS, S.; MONTEIRO, G. N.; SILVA, W. J. B. D.; ARAÚJO, N. D.; ABURACHID, L. M. C. TGFU e coordenação motora: os efeitos de um programa de ensino no desempenho tático-técnico no handebol. *Journal of Physical Education*, Maringá, v. 31, 2020. DOI. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v31i1.3169>.
- MENDES, F. G. A trajetória esportiva de atletas de categorias de formação no voleibol brasileiro. 2017. 124 p. Dissertação (Mestrado) - Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- MENDES, R. R.; MATOS, J. A. B.; PINHO, A. C. Propostas Metodológicas da Iniciação Esportiva Escolar. *Revista Pindorama*, [S.l.], v. 1, n. 01, p. 13, jan. 2018.
- MENEGON, R. R.; LIMA, M. R. C.; LIMA, J. M.; ROMERO, L. R. A importância dos projetos de extensão no processo de formação inicial de professores de educação física. 14ª Jornada do Núcleo de Ensino de Marília, Anais, p. 01-12, 2018.
- MENEZES, R. P. Perspectiva de ensino-aprendizagem dos princípios de ação e das regras de ação nos esportes coletivos de invasão. *Pensar em Movimento: Revista de Ciencias del Ejercicio y la Salud*, [S.l.], v. 19, n. 1, p. 17-13, 2021. DOI. <https://doi.org/10.15517/pensarmov.v19i1.44215>.
- MENEZES, R. P.; MARQUES, R. F. R.; NUNOMURA, M. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 01, p. 351-373, jan./mar. 2014. DOI. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.40200>.
- MESQUITA, I. M. R.; PEREIRA, C. H. D.; ARAÚJO, R. M. F.; FARIAS, C. F. G., SANTOS, D. F.; MARQUES, R. J. R. Modelo de educação desportiva: da aprendizagem à aplicação. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 25, n. 1, p. 1-14, 2014. DOI. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v25i1.21177>.

MESQUITA, I. M. R.; PEREIRA, F. R. M.; GRAÇA, A. B. S. Modelos de ensino dos jogos desportivos: investigação e ilações para prática. Motriz. Journal of Physical Education, Rio Claro, v. 15, n. 4, p. 944-954, out./dez. 2009.

MESQUITA, I.; AFONSO, J.; COUTINHO, P.; ARAÚJO, R. Modelo de abordagem progressiva ao jogo no ensino do voleibol: concepção, metodologia, estratégias pedagógicas e avaliação In: TAVARES, F. Jogos desportivos coletivos: ensinar a jogar. 2. ed. Porto: FADEUP, 2015. p. 73-122.

MESQUITA, I.; GRAÇA, A.; GOMES, A. R.; CRUZ, C. Examining the impact of a step game approach to teaching volleyball on student tactical decision making and skill execution during game play. Journal of Human Movement Studies, Porto, v. 48, n. 6, p. 469-492, 2005.

MILISTETD, M.; CIAMPOLINI, V.; PALHETA, C. E.; ANELO, J. Coleção cadernos do treinador: desenvolvimento positivo de jovens – 1. ed. Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://lapeufsc.wixsite.com/lapeufsc/nossa-biblioteca>. Acesso em: 28 fev. 2022.

MILISTETD, M.; MESQUITA, I.; NASCIMENTO, J. V.; SOBRINHO, A. E. P. S. Concepções de treinadores “experts” brasileiros sobre o processo de formação desportiva do jogador de voleibol. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 79-93, jan./mar. 2010. DOI. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092010000100008>.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R.; CONSTANTINO, P.; SANTOS, N. C. Métodos, técnicas e relações em triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (orgs.). Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 71-103.

MIRON, E. M.; COSTA, M. P. R. Voleibol sentado: brincar e jogar na Educação Física escolar. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

MOLEIRO, C. Estágio profissional: o aluno que se tornou professor. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto, 2020.

MOURA, G.; SOUSA, E. As práticas lúdicas nas aulas de iniciação ao voleibol. Revista UNI-RN, Natal, p. 289, 2018.

MOZARDO JUNIOR, W. D. Atividades curriculares desportivas: o esporte educacional e as inferências do esporte competição na legislação e na visão dos professores e gestores. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2020.

NASCIMENTO, A. N. A prática esportiva do voleibol e suas possíveis mudanças de comportamento em alunos da escola pública no projeto 2º tempo. 30 f.

Monografia (Especialização em Esporte Escolar) – Centro de Educação à Distância da Universidade de Brasília, Maceió, 2007.

NELSON, L.; CUSHION, C.; POTRAC, P. Formal, non formal and informal coach learning: a holistic conceptualization. *International Journal of Sports Science and Coaching*, Leeds, v. 1, n. 3, p. 247-259, 2006.

NEŠIĆ, G. et al. Volleyball players long term development through game system learning. *Fizička kultura*, [S.l.], v. 74, n. 1, p. 82-92, 2020. DOI: [10.5937/fizkul2001082N](https://doi.org/10.5937/fizkul2001082N).

NETO, J. C. S.; ROCHA, J. P. D. Pedagogia do esporte na educação física escolar: esporte na e da escola. *Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências-RIEC| ISSN: 2595-0959*, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 781-792, 2019.

NIEVES, A. M.; OLIVER, L; E. Introducing a TGfU mini-volleyball unit, *Journal of Physical Education, Recreation & Dance*, [S.l.], v. 90, n. 9, p. 56-60, 2019. DOI: 10.1080/07303084.2019.1658499.

NISTA-PICOLLO, V. L., TOLEDO, E. (Orgs.). *Abordagens pedagógicas do esporte*. 1. ed. Campinas: Papirus, 2014.

NISTA-PICOLLO, V. L.; SCHIAVON, L. M.A ginástica artística como proposta educacional. In: NISTA-PICOLLO, V. L., TOLEDO, E. (Orgs.). *Abordagens pedagógicas do esporte*. 1. ed. Campinas: Papirus, 2014. p 84.

NUNES, E. L. G.; CIAMPOLINI, V.; MILISTETD, M. Desenvolvimento e transferência de habilidades para a vida no esporte de alto rendimento: um estudo autoetnográfico. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, Brasília, v.11, n. 1, nov. 2021.

OLIVEIRA, L. Análise de texto automatizada e análise de conteúdo: abordagens combinadas e apontamentos sobre a produção latino-americana. In: *Congresso Latinoamericano de Ciencia Política*, X, 2019, Monterrey-México.

OLIVEIRA, R. V.; RIBAS, J. F. M.; GOMES-DA-SILVA, P. N. Relação entre o praxema e as interações motrizes: implicações nos processos de leitura de jogo e tomada de decisão nos jogos esportivos coletivos. *Pensar a Prática*, [S.l.], v. 21, n.2. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v21i2.47808>.

OLIVEIRA, S. R. L. *Desenvolvimento humano/esportivo: um diálogo educativo com professores/técnicos da modalidade luta olímpica*. 2017, 151 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

OLIVEIRA, V. *O processo ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol do Brasil: um estudo sob a ótica de professores do ensino superior e técnicos de elite*. 2007. 357 f. Dissertação (Doutorado em Educação Física)

Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

OLIVEIRA, V.; PAES, R. R. A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos. EFDeportes.com, Buenos Aires, ano 10, n. 71, abr. 2004. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd145/ensino-treinamento-dos-jogos-desportivos-coletivos.htm>. Acesso em:

OLIVEIRA, V.; PAES, R. R. Ciência do basquetebol: pedagogia e metodologia da iniciação à especialização. 2. ed. Londrina: Sport Training, 2012.

OLIVEIRA, V., PAES, R. R., VAGETTI, G. C. Basquetebol: pedagogia, aprendizagem e desenvolvimento. 1. ed. Recife: Even3 Publicações, 2020. 332 p.

OMEÑACA, J. V. R.; DE LEÓN, A. P.; SANZ, E.; VALDEMOROS, M. A. La educación en valores desde el deporte: investigación sobre la aplicación de un programa integral en deportes de equipo. Retos. Nuevas Tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación, [S.l.], n. 28, p. 270-275, 2015.

ORTEGA, G.; ABAD, M. T.; DURÁN, L. J.; FRANCO, J.; GIMÉNEZ, F. J.; JIMÉNEZ, P. J.; JIMÉNEZ, A. Entrenando fútbol: enseñando valores. Madrid: Ediciones Gráficas Real Madrid, 2015.

O'SULLIVAN, M.; WOODS, C. T.; VAUGHAN, J.; DAVIDS, K. Towards a contemporary player learning in development framework for sports practitioners. International Journal of Sports Science & Coaching, [S.l.], v. 16, n. 5, p. 1214–1222, 2021. DOI. <https://doi.org/10.1177/17479541211002335>.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE JUNIOR, D. D. et al. (Org.). Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

PARENTE, T. A. Pedagogia do esporte e voleibol: uma proposta de ensino por meio de material didático digital. 132 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2020.

PAULA, D. S. M.; MENDES, J. C. L.; DA CUNHA, A. A. C.; MACHADO JUNIOR, C. A.; DE FREITAS, A. S. As metodologias de ensino-aprendizagem da tática em escolinhas de futebol de Montes Claros-MG. RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol. Edição Especial: Pedagogia do Esporte, São Paulo, v. 10, n. 39, p. 467-474, 29 nov. 2018.

COUTINHO, P. et al. The influence of parents, coaches, and peers in the long-term development of highly skilled and less skilled volleyball players. *Frontiers in Psychology*, [S.l.], v. 12, p. 667542, 2021. DOI. [10.3389/fpsyg.2021.667542](https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.667542).

PEREIRA, J.; CASAROTTO, V. J. Esporte e educação: as contribuições pedagógicas do voleibol nos anos finais do ensino fundamental. *SAJES – Revista da Saúde da AJES*, Juína, v. 4, n. 7, p. 15–31, jan./jun. 2018.

PERFEITO, P. J. C. Metodologia de treinamento no futebol e futsal: discussão da tomada de decisão na iniciação esportiva. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

PIMENTEL, E. F. A. Os educandos da educação de jovens e adultos e as estratégias motivacionais utilizadas no processo ensino aprendizagem. *Revista Latino-Americana de Educação Cultura e Saúde*, v.1, n. 1, p. 189-200, 2017. DOI. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n8-640>.

PINTO JUNIOR, J. A. D.; SOUSA, M. S. C.; GAYA, A. C. A.; ALVES, J. M. H.; NASCIMENTO, J. A. Idade óssea, cronológica e desempenho físico de jovens alunos. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, [S.l.], v. 22, n. 1, p. 37-44, 2014. DOI. <http://dx.doi.org/10.18511/rbcm.v22i1.4173>.

PRITCHARD, T.; HAWKINS, A.; WIEGAND, R.; METZLER, J. N. Effects of two instructional approaches on skill development, knowledge, and game performance. *Measurement in Physical Education and Exercise Science*, [S.l.], v. 12, n. 4, p. 219–236, 2008. DOI. <https://doi.org/10.1080/10913670802349774>.

RAMOS, A. et al. How can team synchronisation tendencies be developed combining Constraint-led and Step-game approaches? An action-research study implemented over a competitive volleyball season. *European Journal of Sport Science*, [S.l.], v. 22, n. 2, p. 160-170, 2020a.

RAMOS, A. et al. Increasing tactical complexity to enhance the synchronisation of collective behaviours: An action-research study throughout a competitive volleyball season. *Journal of Sports Sciences*, [S.l.], v. 38, n. 22, p. 2611-2619, 2020b. DOI. <https://doi.org/10.1080/02640414.2020.1794265>.

RAMOS, A. et al. Tracking relations between development of tactical knowledge and tactical behaviour: a season-long action research study. *Physical Education and Sport Pedagogy*, [S.l.], p. 1-15, 2022. DOI. <https://doi.org/10.1080/17408989.2022.2083099>.

REIS, A. D.; ALVARES, P. D.; DINIZ, R. R.; LIMA, F. A.; DOS SANTOS, A. F.; SOARES, M. C. R.; LEITE, R. D. Força explosiva, agilidade, flexibilidade e medidas antropométricas de atletas universitárias de Voleibol. *RBPFE-Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*, Presidente Prudente, v. 13, n. 82, p. 320-328, 2019.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Sport pedagogy: overview and conceptual analysis of the main approaches. *Motriz*, [S.l.], v.15, n. 3, p. 600-610, 2009. DOI. <https://doi.org/10.5016/2478>.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, P. C. *Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados*. São Paulo: Phorte, 2013.

RIGOTTI, U. L. *O voleibol em uma proposição didático-pedagógica histórico-cultural e crítico-superadora*. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2018.

RIZOLA NETO, A. *Uma proposta de preparação para equipes jovens de voleibol feminino*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

RIZZO, D. T. S. *Esporte para todos ou quase todos? considerações sobre a prática esportiva educacional*. 1. ed. Ponta Porã: Editora das Faculdades Magsul – EdFAMAG, 2017.

ROCHA, J. N.; NASCIMENTO JÚNIOR, J. R. A.; TAVARES, J. E. T.; ROCHA, A. F. D.; GONÇALVES, M. P. Propriedades psicométricas do attitudes to moral decision-making young sport questionnaire (AMDYSQ) para o contexto esportivo brasileiro. *Psico-USF*, [S.l.], v. 25, p. 763-775, 2021. DOI. <https://doi.org/10.1590/1413/82712020250414>.

RODRIGUES, F. R.; ALEXANDRE, D. F.; PEREIRA, S. F.; CONTESSOTO, V. H. F. *Pedagogia e o jogo de voleibol: uma revisão integrativa, o jogo de voleibol sob a ótica pedagógica*; *Revista Brasileira do Esporte Coletivo*, [S.l.], v. 4, n. 2, 2020. DOI. <https://doi.org/10.51359/2527-0885.2020.248548>.

RODRIGUES, M. F.; COLLA, A.; PRADO, L. A.R.; LAZARI, R. D, R.; MIGUEL, H. *Os jogos lúdicos na iniciação do voleibol para crianças de 8 a 10 anos ludicidade e voleibol*; *Revista Brasileira do Esporte Coletivo*, [S.l.], v. 2, n. 2, p 43-47, 2018. DOI. <https://doi.org/10.51359/2527-0885.2018.238027>.

RODRIGUES, R. H.; NUNES, M. V. S.; PASTORE, J. C. de F. *Contribuição do voleibol nas aulas de educação física como ferramenta de socialização*. *Pesquisa & educação a distância*, n. 26, 2022

ROMANHOLO, R. A.; BAIA, F. C.; PEREIRA, J. E.; COELHO, E.; CARVALHAL, M. I. M., *Estudo do desenvolvimento motor: análise do modelo teórico de desenvolvimento motor de Gallahue*. *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*, São Paulo, v. 8, n. 45, p. 313-322, mai./jun. 2014.

ROSE JUNIOR, D. D. Esporte, competição e estresse: implicações na vida infância e na adolescência. In: ROSE JUNIOR, D. D. et al. Esporte e atividade física na infância e adolescência. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p.104-114.

ROSSETTO JÚNIOR, A. J. Projeto rede de parceiros multiplicadores de esporte educacional. In: ROSSETTO JÚNIOR, A. J. et al. Esporte educacional: a experiência do centro de referência esportiva Rio Grande. Florianópolis: Insular, 2015. p. 21-65.

RUBIO, D. B.; HUERTA, M. J. D. Educación física: una asignatura para mejorar el rendimiento académico, la cognición y los valores. Revista Infancia, Educación y Aprendizaje, Salamanca, v. 2, n. 1, p. 96-114, 2016.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. Metodologia de pesquisa. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SÁNCHEZ-MORENO, J.; MARCELINO, R.; MESQUITA, I.; UREÑA, A. Analysis of the rally length as a critical incident of the game in elite male volleyball. Int J Perf Anal Sport, [S.l.], v.15, n. 2, p. 620-31, 2015. DOI. [10.1080/24748668.2015.11868819](https://doi.org/10.1080/24748668.2015.11868819).

SANTOS, A. A. L. Esporte educacional: uma ferramenta para formação integral. In: LIMA, S. V. et al. Gestão escolar: desafios e possibilidades. Guarujá: Científica Digital, 2021.

SANTOS, A. S.; VAGETTI, G. C.; OLIVEIRA, V. Atletismo: Desenvolvimento Humano e Aprendizagem Esportiva. Curitiba: Editora Appris, 2017.

SANTOS, A. S.; A trajetória esportiva na modalidade atletismo: um estudo orientado pela perspectiva bioecológica de Bronfenbrenner. 2021, 194 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021

SANTOS, B. F. Esporte no contexto escolar esporte e escola. Revista Brasileira do Esporte Coletivo, [S.l.], v. 2, n. 2, 2018. DOI. <https://doi.org/10.51359/2527-0885.2018.238021>.

SANTOS, E. S.; OLIVEIRA, J. L.; OLIVEIRA, A. R. C.; PONTES JUNIOR, J. A. F. Instrumento de avaliação do conhecimento cognitivo sobre os jogos e brincadeiras populares. Práticas educativas, memórias e oralidades. Revista Pemo, [S.l.], v. 4, p. e44825, 2022. DOI: 10.47149/pemo.v.4.4825. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/4825>. Acesso em: 28 fev. 2022.

SANTOS JÚNIOR, O. G. DOS; FURTADO, R. S.; BORGES, C. N. F. Pedagogia do esporte: indicativos para a prática de ensino do futsal. Corpoconsciência, [S.l.], p. e14100-e14100, 2023.

- SANTOS, L. P.; SANTOS, C. S.; BORGES, N. M. M.; PAULA, M. V. Inclusão de alunos públicos com deficiência nas aulas de educação física na cidade de Catalão-GO. *Revista Educação à Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais*, São Cristóvão, v. 19, n. 3, p. 95-108, set./dez. 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/12217/pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- SANTOS, S.R. Caracterização da participação desportiva de jovens jogadores de voleibol de nível de rendimento diferenciado: o papel da quantidade e do tipo de prática. 101 f. Dissertação (Mestrado em Treino Desportivo–Treino de Jovens) -Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2019.
- SCAGLIA, A. J.; SOUZA, A. J. In: BRASIL. Ministério do Esporte. Comissão de Especialista de Educação Física. *Dimensões pedagógicas do esporte*. Brasília, Universidade de Brasília: CEAD, 2004.
- SEABRA, A. L. S. Bases teóricas e conceituais da pedagogia do esporte. Dissertação (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.
- SEDORKO, C. M. O esporte no contexto escolar: sentidos e significados nas aulas de educação física dos anos finais do ensino fundamental. 227 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.
- SGRÒ, F. et al. The effects of a tactical games model unit on students' volleyball performances in elementary school. *European Physical Education Review*, [S.l.], v. 27, n. 4, p. 1000-1013, 2021a.
- SGRÒ, F. et al. Effects of different teaching strategies on students' psychomotor learning outcomes during volleyball lessons. *Sport Sciences for Health*, [S.l.], p. 1-9, 2021b.
- SILVA, A. G. *Concepção de lúdico dos professores de educação física infantil*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011.
- SILVA, B. V. F. et al. Teaching strategies in physical education: a confrontation between directive and indirective styles in volleyball learning. *Journal of Physical Education*, [S.l.], v. 31, 2020.
- SILVA, B. V. F. D.; SANTOS, R. H. D.; SAVAREZZI, G. R.; SOUZA, M. T. D.; GIMENEZ, R. Estratégias de ensino em educação física: um confronto entre estilos diretivo e indiretivo na aprendizagem do voleibol. *Journal of Physical Education*, [S.l.], v. 31, 2020. DOI. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v31i1.3168>.
- SILVA, D. A.; CAMPOS, R. C.; SILVA, L. V.; SILVA, G. R. É só brincadeira de criança? Discussões sobre cooperação e competição na construção das relações de gênero de escolares. *Revista Ibero-Americana de Estudos em*

Educação, [S.l.], v. 14, n. 3, p. 1111-1123, 2019. DOI. <https://doi.org/10.21723/riaee.v14i3.10990>.

SILVA, J. J. O sport education model aplicado ao processo de ensino-aprendizagem da modalidade voleibol: uma revisão de literatura. Centro universitário Internacional - UNINTER, Curitiba. 2022.

SILVA, L. A.; LEÃO, M. B. C. O software Atlas.ti como recurso para a análise de conteúdo: analisando a robótica no Ensino de Ciências em teses brasileiras. Ciência & Educação, Bauru, v. 24, n. 3, 2018.

SILVA, L. H. M. Análise do complexo defensivo no voleibol: a relação da ação de defesa do levantador e transição de jogo. 2020. 75 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

SILVA, P. R. L.; dos SANTOS, L. L.; MONTIEL, F. C.; PINHEIRO, E. S. Projeto rede de parceiros multiplicadores de esporte educacional: impacto na prática pedagógica. Research, Society and Development, [S.l.], v. 10, n. 2, p. e28210212560-e28210212560, 2021. DOI. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i2.12560>.

SILVA, R.; FARIAS, C.; RAMOS, A.; MESQUITA, I. Implementation of game-centered approaches in physical education: a systematic review. Journal of Physical Education and Sport, [S.l.], v. 21, Suppl. issue 6, nov. 2021. DOI. 10.7752/jpes.2021.s6443.

SILVA, S. C. Investigação no uso do método analítico e global e sua contribuição para o ensino-aprendizagem do futebol e futsal. RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol, São Paulo, v. 10, n. 39, p. 399-410, 2018.

SILVA FILHO, U. T.; ARAUJO, F. P.; COSTA, R. R. Iniciação esportiva: o que pensam os professores de graduação em Educação Física. Lecturas: Educación Física y Deportes, [S.l.], v. 27, n. 288, 2022.

SILVA JUNIOR, J. R.; VIEIRA, F. S. F.; BALBINO, H. F. Futsal e a pedagogia da iniciação uma proposta de conteúdos baseada em vivência de situações-problemas. 1. ed. Jundiaí: Paco editorial, 2016. p. 100.

SMITH-PALACIO, E. Metodología didáctica de la educación física para la formación en la adolescencia. Arrancada, [S.l.], v. 22, n. 41, p. 5-27, 2022.

SOARES JUNIOR, N. E. Possibilidades do ensino do voleibol no contexto da educação profissional. Motrivivência, [S.l.], v. 32, n. 63, p. 01-17, 2020. DOI. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e72387>.

SOLERA, B.; FLORES, P.; ANVERSA, A. L.; CARAÇATO, Y. M.; DE SOUZA, V. de F.; HEROLD JUNIOR, C. Percepciones de los atletas paralímpicos sobre la inclusión social a través del deporte (paralympic athletes perceptions about

social inclusion through sport). Retos, [S.l.], v. 42, p. 655-661, 1 out. 2021. DOI. <https://doi.org/10.47197/retos.v42i0.85713>.

SOUZA, A. A. et al. University extension project: an experience report on volleyball teaching. Cenas Educacionais, [S.l.], v. 4, 2021.

SOUZA, A. A.; OLIVEIRA, N. S.; CAIRES, S. DA S.; SANTOS, L. DOS; ALMEIDA, C. B. Projeto de extensão universitária: um relato de experiência sobre o ensino do voleibol. Cenas Educacionais, Caetité, v. 4, p. e10717, 2021.

SOUZA, A. V.; FARIAS, E. S.; NUNES, N. W. S. Esporte educacional: experiências num projeto de extensão com crianças e adolescentes. BIUS-Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia, [S.l.], v. 17, n. 11, p. 1-14, 2020.

SOUZA, J. A. de; PAIXÃO, J. A. da. A prática do bom professor de Educação Física na perspectiva dos alunos do ensino médio. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, [S.l.], v. 96, n. 243, p. 399-415, ago. 2015. DOI. <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/333612962>.

SOUZA, L. A.; PONTES JUNIOR, J. A. F.; BRAGA, A. E. Educação física no exame nacional do ensino médio: análise via teoria clássica dos testes. Revista Actualidades Investigativas en Educación, [S.l.], v. 20, n. 1, p. 1-18, 2020. DOI.10.15517/aie.v20i1.40126. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/aie/article/view/40126> Acesso em: 28 fev. 2022.

SOUZA, M. A. Pedagogia do esporte: diagnóstico da gestão da iniciação em clubes socioesportivos de Campinas. 2018. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

SOUZA, M. A.; VENDITTI JUNIOR, R. Iniciação esportiva no Programa Segundo Tempo: perspectivas teóricas, reflexões e proposta metodológica para os fundamentos do basquetebol. Revista Movimento & Percepção, Espírito Santo do Pinhal, v. 10, n. 14, p. 94-121, 2009.

SOUZA, M. T. R.; Educação, formação e desenvolvimento do handebol em Curitiba: um estudo orientado pelo modelo bioecológico. 2022, 201 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

SOUZA, Y. J. O. As disciplinas de voleibol nas universidades públicas: uma análise das ementas nos cursos de educação física. 2021, 39 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

- SOYTÜRK, M. Analysis of Self and Peer Evaluation in Basic Volleyball Skills of Physical Education Teacher Candidates. *Journal of Education and Learning*, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 256-263, 2019.
- SPARKES, A. C.; SMITH, B. *Qualitative research methods in sport, exercise and health: from process to product*. London: Routledge, 2014.
- SZEREMETA, T. P. *Construção e validação de um instrumento de avaliação da trajetória esportiva sob a ótica do modelo bioecológico*. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.
- TAMIOZZO, J.; SCHWENGBER, M. S. V.; BORGES, R. M. Questões de gênero na educação física escolar: análise do desenvolvimento de uma unidade de ensino no programa residência pedagógica. *Revista Diversidade e Educação*, [S.l.], v. 9, n. 1, p.705-721, Jan./Jun. 2021.
- TANI, G; BASSO, L; CORREA, U. C. O ensino do esporte para crianças e jovens: considerações sobre uma fase do processo de desenvolvimento motor esquecida. *Revista Brasileira Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 339-350, 2012.
- TARDIN, H. P.; SOUZA NETO, S. Análise da prática na educação física: o plano de aula como reflexão crítica de um professor iniciante. *Revista Prática Docente*, [S.l.], v. 6, n. 2, p. e073, 2021. DOI. [10.23926/RPD.2021.v6.n2.e073.id1267](https://doi.org/10.23926/RPD.2021.v6.n2.e073.id1267).
- TENROLLER, C. A; MERINO, E. Métodos mais utilizados para o ensino dos esportes. In: TENROLLER, C. A; MERINO, E. *Métodos e planos para o ensino dos esportes*. 2. ed. Canoas: Ulbra, 2014. p. 45-55.
- TESTA, R. G.; MISSAKA, I. R. S. *Metodologia do Ensino do Voleibol*. Londrina: Educacional S.A., 2016. 168 p.
- THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. *Métodos de pesquisa em atividade física*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- TUBINO, M. Pesquisa e análise crítica sobre o conceito atual das manifestações esportivas. In: TUBINO, M. (Org.). *Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2010.
- TURCHETTO, Y.; CALABRIA, P. H.; NÓBILE, M. F. Metodologia ativa e pedagogia esportiva: um estudo de relações. *Revista Cocar*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, 2020.
- TUYLS, K. et al. Game plan: what ai can do for football, and what football can do for ai. *Journal of Artificial Intelligence Research*, [S.l.], v. 71, p. 41-88, 2021.

URQUIZA, M. A.; MARQUES, D. B. Análise de conteúdo em termos de Bardin aplicada à comunicação corporativa sob o signo de uma abordagem teórico-empírica. *Entretextos*, Londrina, v. 16, n. 1, p. 115-144, jan./jun. 2016. DOI. <https://doi.org/10.5433/1519-5392.2016v16n1p115>.

VICIANA, J.; MAYORGA-VEGA, D.; RUIZ, J.; BLANCO, H. Factores determinantes y su influencia acumulada en la comunicación educativa de entrenadores de fútbol en competición. *Retos*, [S.l.], n. 29, p. 17-21, 2016. DOI. <http://dx.doi.org/10.47197/retos.v0i29.34393>.

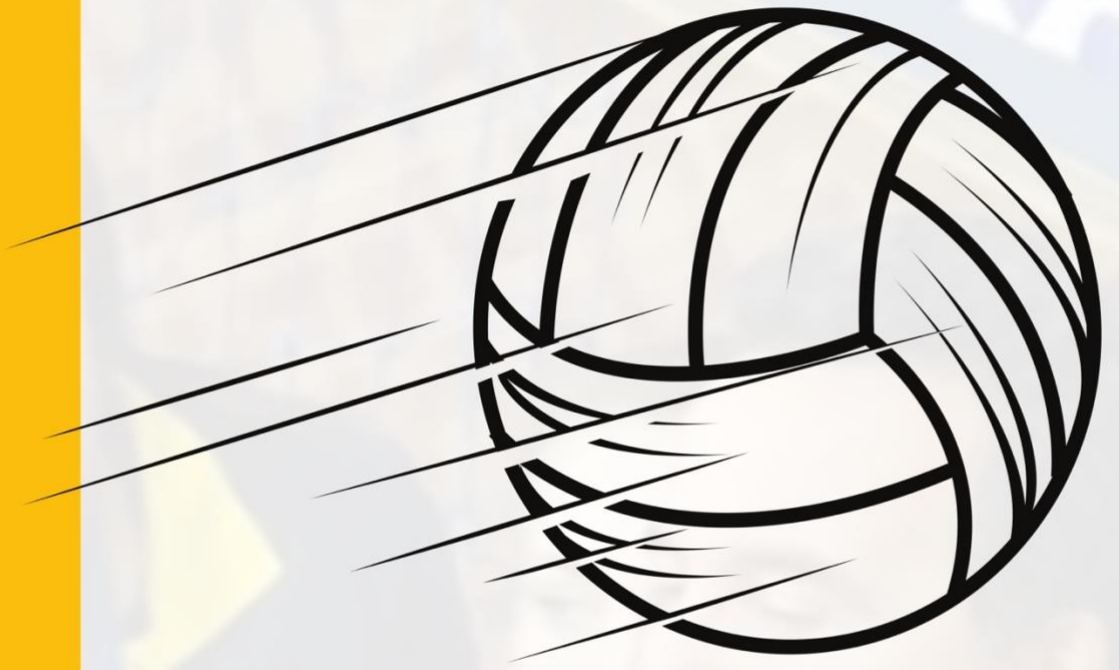
VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L.; KREBS, R. J. O ensino dos esportes: uma abordagem desenvolvimentista. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. (Orgs.) *Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2005. p. 41–77.

VOSER, R. C; GIUSTI, J. G. Aspectos pedagógicos na educação física e no esporte. In: VOSER, R. C; GIUSTI, J. G. *O futsal e a escola uma perspectiva pedagógica*. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2015. p.19-36.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2017.

WOODS, Carl T. et al. Training programme designs in professional team sport: An ecological dynamics exemplar. *Human movement science*, [S.l.], v. 66, p. 318-326, 2020. DOI. 10.1016/j.humov.2019.05.015.

YIN, R. K. *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Tradução: BUENO, D. Revisão técnica: SILVA, D. Porto Alegre: Penso, 2016.



AVALIAÇÃO DOS PARECERISTAS

Prezado(a) parecerista, o objetivo é realizar um parecer crítico-constructivo a obra que tem como objetivo se tornar um livro.

Título do Livro	VOLEIBOL E EDUCAÇÃO: APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO"		
Tópicos de Avaliação		Avalie de 1 a 5	
1. O capítulo possui linguagem clara e correta?		5	
2. Qualidade do diálogo com o referencial teórico e normas ABNT		5	
3. Apresentação e discussão dos resultados frente os objetivos		5	
4. Clareza e coerência nas considerações e/ou conclusões		5	
5. Contribuição do trabalho para o escopo do livro		5	
SOMA TOTAL DOS PONTOS		25	
Potencial para Publicação	<input checked="" type="checkbox"/>	SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
<p align="center">Considerações do Avaliador ao Coordenador (sigiloso) (algum comentário que julgar relevante, se for o caso)</p>			
<p>Diante da leitura do material e o reconhecimento dos autores, não tenho dúvida de uma obra de qualidade para seus respectivos leitores</p>			
<p align="center">Comentários do(a) avaliador(a) para o(a) autor(a) – anônimo (comentários construtivos para os autores visando correção e melhoria do trabalho. Recomendável)</p>			
<p>Sou de parecer favorável.</p>			
AVALIADOR(A):	A05-ECDR-05-23		

Prezado(a) parecerista, o objetivo é realizar um parecer crítico-constructivo a obra que tem como objetivo se tornar um livro.

Título do Livro	VOLEIBOL E EDUCAÇÃO: APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO"		
Tópicos de Avaliação		Avalie de 1 a 5	
1. O capítulo possui linguagem clara e correta?		5	
2. Qualidade do diálogo com o referencial teórico e normas ABNT		5	
3. Apresentação e discussão dos resultados frente os objetivos		5	
4. Clareza e coerência nas considerações e/ou conclusões		5	
5. Contribuição do trabalho para o escopo do livro		5	
SOMA TOTAL DOS PONTOS		25	
Potencial para Publicação	<input checked="" type="checkbox"/>	SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
Considerações do Avaliador ao Coordenador (sigiloso) (algum comentário que julgar relevante, se for o caso)			
Não relato impedimento para publicação da obra.			
Comentários do(a) avaliador(a) para o(a) autor(a) – anônimo (comentários construtivos para os autores visando correção e melhoria do trabalho. Recomendável)			
Meu parecer é favorável para publicação.			
AVALIADOR(A):	A01-ECDR-05-23		



ÍNDICE REMISSIVO

A		M	
Análise.....	67, 69, 177, 178, 180, 182, 183, 188, 190, 196, 198, 199	Método.....	75, 141
Aprendizagem	194	Métodos.....	43, 179, 189, 198
Atividades.....	189	O	
Autonomia	34, 97	Organização	75, 111
Avaliação.....	123, 189, 201, 202	P	
C		Participação.....	31, 82
Conhecimento	180	Pedagogia ..	17, 19, 20, 22, 37, 39, 75, 113, 114, 137, 154, 173, 177, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 190, 191, 193, 194, 197, 199
Conteúdo.....	67, 69, 177	Planejamento	107, 178, 181, 187
D		Prática	190, 198
Desempenho	176, 182	Práticas.....	194, 195
Desenvolvimento.....	38, 40, 190, 191, 194	Processo.....	178, 182
E		Professores	77, 82, 86, 89, 93, 97, 101, 107, 111, 114, 118, 123, 130, 135, 140
Educação	18, 20, 27, 64, 75, 83, 95, 163, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 195, 196, 197, 198	S	
Ensinar	82	Sistemas.....	150, 178
Ensino.....	64, 137, 176, 182, 184, 188, 189, 196, 198	T	
Esporte	17, 19, 20, 22, 37, 75, 113, 114, 137, 154, 173, 177, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198	Tática.....	45
Esportes	142, 178	Técnica.....	113, 125
Esportiva	188, 194	Técnicos ...	79, 84, 87, 91, 95, 99, 103, 109, 113, 117, 121, 125, 133, 138, 142
F		Treino	195
Formação	179, 180	U	
Fundamentos	184, 187, 199	Universidade...	64, 177, 178, 179, 181, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198
H		V	
habilidades	19, 24, 25, 26, 32, 34, 39, 41, 46, 47, 52, 53, 54, 55, 57, 59, 61, 95, 116, 117, 132, 147, 156, 158, 162, 163, 165, 166, 190	Voleibol...	18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 64, 66, 73, 75, 83, 87, 89, 90, 92, 101, 108, 116, 118, 126, 127, 132, 134, 136, 137, 142, 145, 149, 150, 152, 154, 158, 159, 161, 163, 164, 166, 170, 172, 173, 176, 177, 178, 179, 184, 187, 189, 192, 198
J			
Jogo.....	50, 136, 184		

Gilson Brun
Gislaine Cristina Vagetti
Valdomiro de Oliveira

VOLEIBOL

E EDUCAÇÃO

ISBN: 978-65-86423-39-6

